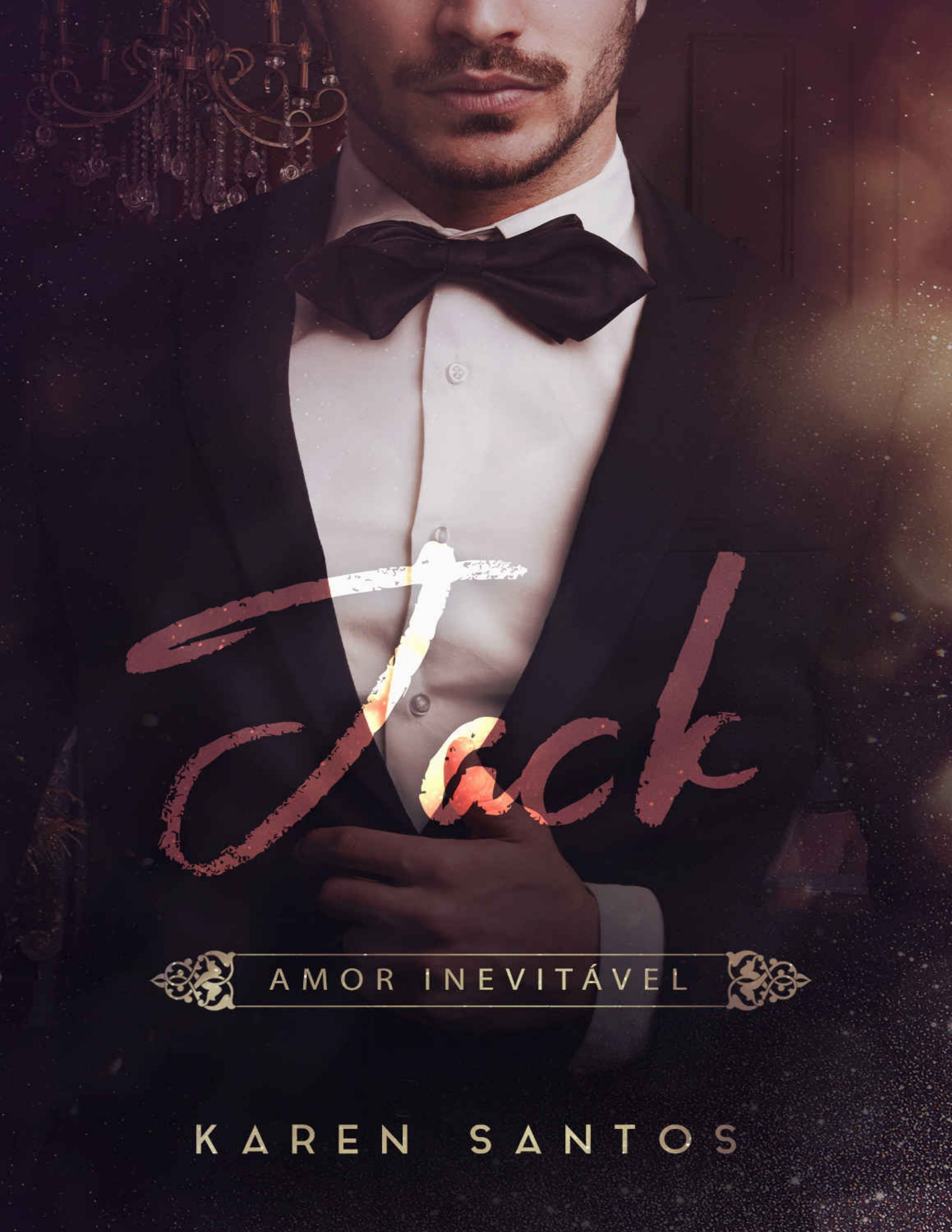


A man with a beard and mustache, wearing a black tuxedo jacket, a white dress shirt, and a black bow tie. A glowing sword with a white hilt and a yellow-orange blade is positioned diagonally across his chest. The background is dark with a chandelier in the upper left and a door in the upper right. The overall tone is romantic and dramatic.

Jack



AMOR INEVITÁVEL



KAREN SANTOS



Jack

AMOR INEVITÁVEL

KAREN SANTOS

Jack Evans é um dos atores mais famosos de Hollywood e planeja produzir seu primeiro filme ao lado do melhor amigo. A queridinha das comédias românticas Victoria Walters é a escolhida para ser protagonista de "Dúvida", mas o bad boy desconfia que comportamento da atriz fora das telas possa atrapalhar a gravação.

Mas nem sempre as coisas são o que parecem. Victoria sofre um acidente e não quer perder sua grande chance na carreira. A solução? Convencer sua irmã gêmea a assumir o papel. Blair Walters se distanciou de seu passado em frente às câmeras, mas terá que voltar para ajudar a irmã.

Porém o que seria um plano simples se torna uma incrível tortura quando Blair se apaixona por seu colega de elenco. Antes de descobrir ser uma Hunt, Blair achou seu grande amor. Conheça a história de Blair e Jack.

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Epilogo](#)

CAPÍTULO 1

Blair

— Blair! — Victoria, minha irmã gêmea, gritou mais uma vez, sua voz abafada pela tala da rinoplastia enquanto gemia baixo como se tentasse se ajeitar na cama de sua mansão.

Mal tinha pisado na minha casa quando recebi um telefonema de um número desconhecido. Era Tyra, a assistente de Vic, me avisando sobre o acidente da minha irmã. Não era a primeira vez que ela tentava me contatar. Havia pelo menos três mensagens da assistente na secretária eletrônica

quando cheguei em casa, depois de uma viagem de trabalho desgastante. Passei quarenta dias no deserto de Las Vegas filmando um filme de ação, e, assim como a passagem bíblica, vivendo o inferno nas mãos de um diretor de fotografia.

Ele era temperamental e me odiava porque não fazia parte do seu time fixo: os diretores de fotografia costumavam ter sua própria turma, mas por uma questão de agenda, um de seus assistentes não pôde participar. Jonah Carmichael, meu antigo professor da universidade, me chamou para participar do projeto, e aí começou o drama, porque eu era “nova demais”, “inexperiente demais”, “sem força para encarar a estrutura”. As pessoas pensavam que, como cresci na indústria, conhecia muita gente, mas reputações são criadas através de trabalho duro. Os trabalhos que eu fazia eram fruto da época da faculdade e dos cursos de especialização, um dos 17 filmes que trabalhei na área de câmera e elétrica, nada envolvendo os longas-metragem das gêmeas Walters.

Sobrevivi ao diretor de fotografia e às condições ruins do clima para cair de paraquedas na mansão de Victoria. Assim que Tyra me explicou sobre o acidente, larguei minhas malas e corri para minha gêmea. Ela estava esquiando no Canadá quando bateu em uma árvore depois de perder o equilíbrio. Com um pouco de vergonha, Victoria me confessou que o “erro” foi fruto de distração: minha gêmea era uma exímia esquiadora, fazendo

peregrinações anuais para descer montanhas em alta velocidade, mas decidiu atender a um telefonema.

Qualquer pessoa comum teria deixado o telefone no hotel ou mesmo largado em um dos bolsos do imenso casaco e atendido o celular depois. Vic, não. Em meio a uma decida de 100 km/h, ela recebeu de Morgan, seu empresário, a notícia de que havia sido escalada para o papel de sua vida. Ela teve muita sorte de ter apenas o nariz e o braço quebrados, uma torção no tornozelo e o rosto inchado como se fosse Slot de *Os Goonies*. Acidentes como o dela poderiam ser fatais, e apesar de sentir piedade, não aguentava mais seus resmungos sobre se apresentar a tempo nas leituras e gravação do filme importante – o tal filme que seria “o papel de sua vida”.

— O que é, Vic? — perguntei solidária, colocando o rosto para dentro de seu quarto.

Desde o momento que cheguei em sua mansão, Victoria pediu coisas como “Blair, pegue um copo de água”, “Blair, não consigo me mover, coce minhas costas?”, “Blair, o gesso está coçando, o que eu faço?”. Victoria não era a irmã mimada e insuportável, como muitas pessoas pareciam achar, mas ela constantemente precisava de ajuda. Vic sempre foi a mais forte entre nós duas, mas também a mais dependente. *Minha irmã me enlouqueceria.*

Minha gêmea era metade de mim, mas éramos diferentes na personalidade como água e vinho. Vic aprendeu desde cedo que precisava tomar frente das

coisas se quisesse conquistar algo, e era exatamente o que ela estava tentando fazer: garantir seu sucesso. Eu, por outro lado, apenas desistia e tentava outra coisa. Alguns diriam que é a teoria de irmãos, em que um precisa ser o centro das atenções para o outro conseguir se esconder. Eu era chata, tímida e entediante, a calmaria depois da tempestade. Vic era o furacão que abalava as estruturas e provocava a tal tempestade.

Durante a infância, não perceberam como éramos opostos. Tanto que nossa mãe, uma ex-atriz que nunca decolou com a carreira além de pequenas participações em seriados e filmes, decidiu que nós deveríamos conquistar Hollywood em vez dela. Durante toda a infância, fizemos filmes e depois fomos para televisão com nosso próprio seriado até chegar perto da idade adulta e eu finalmente poder desistir.

Eu odiava tudo aquilo. Amava gravar, toda a produção e criação, mas odiava toda a exposição, a imprensa, as inúmeras horas de maquiagem e estilo para estar sempre perfeita. Detestava ainda mais a pressão, os pais dos atores brigando porque “seu filho tinha um papel menor que o meu” e meu padrasto dizendo que eu não deveria me afetar, continuar a comer ainda menos e ser a criança reluzente que todos os diretores amariam ter em seu elenco.

Com 17 anos, cheguei ao limite, mas Vic quis continuar. Ela cresceu rapidamente, se tornou a “rainha” das comédias românticas e estava prestes a

estrelar seu primeiro papel sério – se descobrisse como contornar um nariz, perna e braço imobilizados com as primeiras leituras tão próximas. Às vezes me pegava pensando “e se”, mas sabia a resposta. Ao contrário da minha irmã, a estrela de cinema, não tinha sido feita para aquele mundo. Sempre existiria uma atriz famosa igual a mim, mas nunca seria eu.

Quer dizer... Era estranho não ver meus traços em seu rosto, a tala e o inchaço escondendo o quão idêntica éramos: os mesmos cabelos ruivos e os olhos verdes como esmeraldas. O exterior finalmente combinando com o interior.

— Venha aqui, por favor! — ela pediu com a voz anasalada enquanto eu dava um sorriso agri-doce para Tyra, sentada ao lado da cama de minha irmã. Balancei a cabeça, tirando-me de meus pensamentos. *O que Vic queria daquela vez?*

— Você demorou — Vic choramingou. Ela estava afundada em sua gigante cama king size, que destacava o quão pequena e frágil estava.

Como tínhamos vidas diferentes, ainda me sentia oprimida pela mansão da minha irmã: meu apartamento inteiro cabia em seu quarto, uma mistura de estilo clássico com a visão de Los Angeles em janelas de vidro do chão ao teto. Os móveis eram todos cheios de detalhes: da cabeceira talhada ao divã branco em um dos cantos. Uma mesa baixa e um tapete tão felpudo que parecia que se andava sobre as nuvens. Apesar de pouco decorado, pequenas

coisas de Vic completavam o ambiente, como vasos com pequenas flores de lavanda ou sua obsessão por bugigangas douradas.

Isso era apenas metade do seu quarto. Em um dos lados existia uma entrada para um banheiro gigante com uma hidromassagem – que parecia uma piscina – e do outro, um closet com tudo que é tipo de roupa. No centro desse ambiente, uma mesa se fazia às vezes de ilha, acumulando perfumes, acessórios e joias – sem bugigangas douradas por aqui, tudo de verdade. Minha irmã tinha um quarto do Pinterest bancado por suas horas de trabalho na indústria cinematográfica.

— Precisava ver minhas coisas, Vic. Eu nem mesmo troquei de roupa desde que soube do acidente. Tinha tantas mensagens para responder que meu celular estava prestes a explodir — suspirei como se estivesse falando com uma criança de cinco anos. — Está tudo bem? Alguma coisa doendo?

— Graças aos remédios, está tudo bem por aqui — ela respondeu com um breve sorriso, sua expressão caindo quando me encarou séria. — Meu nariz vai ficar feio, não vai? Vamos ficar diferentes, isso é tão absurdo! Não quero ser diferente de você!

— Vic, nada vai acontecer. O melhor cirurgião de L.A. te operou, você precisa de tempo. Sei que está entediada, cansada e com dor, mas vai ficar tudo bem, prometo — repliquei, aproximando-me da cama enquanto Victoria me dava um sorriso no meio do inchaço.

— Morgan ligou, Blair. Preciso estar lá na semana que vem. Foi difícil conseguir esse papel, fiz testes, tive que convencer a equipe de que não sou apenas uma atriz adolescente. Quero papéis mais sérios, e agora vou perder essa oportunidade.

— Ele avisou aos produtores? Você sofreu um acidente, Vic. Não é como se estivesse fugindo das gravações para sair e curtir por aí. E não assinou o contrato ainda...

— Eu assinei o contrato, Blair — ela revelou em um fio de voz.

— Como assim? — Observei minha irmã em confusão. — Se você recebeu a notícia pouco antes do acidente, como você...

— No hospital — Vic me interrompeu. — Não sabia que precisava de tanto tempo de recuperação e assinei a papelada. A Star Kingdom é um pesadelo de advogados. Acho que existe inclusive algum parágrafo sobre eu tomar cuidado para não sofrer acidentes...

— Vic! — exclamei irritada com minha irmã.

— Discuti com meu agente sobre isso. Morgan ainda não contou e não temos outra opção... A menos que... — Victoria me encarou como costumava fazer quando éramos adolescentes, seu cérebro parecia formular a solução para algo complicado, trazendo uma solução.

Conhecia Vic como a palma da minha mão e sabia para onde seus

pensamento estavam indo. *Não, absolutamente não.* Ela gostaria de trocar de lugar, eu sabia pelo olhar insistente. Fizemos isso várias vezes quando criança, mas agora era diferente. Poderia ser processada por falsidade ideológica, pelo amor de Deus.

— Não pense nisso, Vic — bufei em resposta, vendo Tyra se levantar da cama, como se quisesse nos dar espaço. Continuei cravando meu olhar em minha irmã por muitos segundos, em silêncio, notando a assistente sair porta afora, deixando-nos sozinhas.

— Por favor, Blair, por favor, por favor, por favor... — minha irmã murmurou, esticando sua mão para mim e entrelaçando nossos dedos. — É o único jeito de dar certo!

— Vic, não atuo há mais de dez anos. E não sou você. Isso é errado.

— Mas isso vai estragar minha carreira, é minha oportunidade de ouro!

— Vic, não posso fazer! — falei mais alto do que gostaria, recebendo um olhar autoritário da minha irmã. Ela sempre foi a “confabuladora” de nós dias. A irmã que “conspirava intelectualmente” enquanto eu seguia seus planos. Essa personalidade intensa de Vic sempre me metia em problemas, mas existia algo nela que acabava me fazendo ajudar suas ideias mirabolantes.

— Blair, são leituras de personagem. Você nem mesmo precisa se

arrumar, pode se vestir do seu jeito — ela respondeu com amabilidade e me fez olhar para mim mesma, sentada em sua cama. *Ouch*.

— Que jeito, Vic?

— Não vamos entrar nisso, Blair. Você tem seu estilo e eu tenho o meu, nunca iria aos lugares usando jeans e camiseta de banda como você — ela disse balançando sua mão livre como se aquela discussão fosse desnecessária. — Acredito que no máximo terá que tirar medidas para o figurino, e nós somos idênticas até mesmo nisso.

— Vic, estou de férias, não vou fazer isso. É errado.

— Você iria gastar as férias comigo, sua irmã doente e insuportável. Por que não na produção? Não é nada que não faria como você mesma, e ainda tem o Jack Evans. Ele está produzindo e é o ator principal... Por favor, por favor!

— Já disse, não. Chega disso. Quer algo para comer? Alguma coisa? — perguntei, levantei-me e cortei nossa ligação tentando mudar de assunto.

— Quero que me ajude. Blair, preciso de ajuda. Trinta dias, B. Odeio ser essa pessoa, mas você me deve isso — Vic anunciou de forma firme, encarando-me profundamente, sua voz saindo baixa como se estivesse com vergonha das palavras que acabara de proferir.

Merda. Sabia que um dia ela exigiria o pagamento. Algo aconteceu

naquele dia, há oito anos. Escondia cada fato daquela noite dentro de mim, evitando pensar na culpa que crescia incontrolável desde então. Nós nunca falamos a respeito em todo esse tempo, mas eu sabia: devia a Victoria e ela poderia pedir qualquer coisa em troca. Minha gêmea finalmente teria sua retribuição.

— E se alguém descobrir? E se eu for presa, Vic? Vamos acabar com a carreira uma da outra — sussurrei a pergunta com preocupação.

— Ninguém vai descobrir, e, se descobrir, eu cuido disso. Amo você, B. Me desculpa por estar fazendo isso — ela respondeu, seus olhos fugindo de mim. Aproximei-me com calma, abaixando-me desajeitadamente e evitando apertar em lugares machucados ao mesmo tempo que a abraçava.

— Você é meu furacão, V. Não gosto do que vou fazer, mas também não gosto de como me acobertou há oito anos...

Victoria levantou o braço bom, colocando seus dedos em meus lábios, fazendo-me calar. Sabia que ela não gostava de falar daquela noite tanto quanto eu. E Vic tinha muito mais motivos.

— Não quero falar sobre isso e me sinto mal por usar isso contra você. Já passou, Blair — ela tentou garantir, a voz falhando ao final, como se quisesse afirmar mais para si mesma do que para mim.

— Tudo bem — suspirei resignada. Um silêncio se instaurou entre nós

enquanto nos encarávamos sérias, sabendo que eu trocaria de lugar com minha irmã gêmea.

— Pegue aí na mesa esses papéis, são o script e as anotações. — Victoria apontou para a superfície perto do divã. — Quero que os leia e vamos trabalhar nisso nos próximos dias, ok?

— Vic... Ninguém pode saber disso, nem Morgan. Se ele souber que “você” está indo aos ensaios, invente algo sobre estar indo de muletas. Não quero ele sabendo disso — pedi e Vic balançou a cabeça afirmativamente.

— Morgan ainda acha que é um erro fazer esse filme, ele diz que vai atrapalhar os meus contratos de publicidade, mas estou pouco me importando. Não vai me acompanhar em tudo. Além do mais, são só leituras — ela bufou. — Estou tecnicamente sozinha nisso.

— De verdade?

— Morgan já lidou com o contrato, então ele só deve aparecer se eu começar a faltar nos ensaios e em outros compromissos. Preciso urgentemente de um novo agente, porque ele não me dá atenção.

— Achei que Morgan era o responsável por sua virada.

— Não me entenda mal, graças a Morgan deixei de ser a menininha para ser uma atriz de comédias românticas, mas parece que ele quer ganhar dinheiro, não pensar na minha carreira, sabe? Só se interessa pelos meus

contratos publicitários, e não pelos trabalhos. Preciso de alguém que se importe com a indústria e não me trate como uma espécie de estrela decadente.

— Tem certeza de que ele não vai incomodar?

— Absoluta. Vá para casa, leia isso e conversamos depois. Nas últimas horas, tenho sido um inferno de pessoa, me desculpe. — Ela sorriu sem jeito.

— Tudo bem, mas não vou aguentar por muito mais tempo, viu? — respondi em um meio-sorriso e ela riu de volta, acenando com a cabeça enquanto eu saía do quarto.

Quando cheguei ao meu apartamento, minha pequena caixa de sapatos comprada com meus esforços e com o que restou do dinheiro da nossa adolescência, comecei a ler o roteiro. Eu deveria tomar um banho, tentar dormir e descansar pelos dias em Las Vegas, mas fui tomada pela história do novo filme de V. Se ela tivesse dito que era uma releitura de “Suspeita” de Hitchcock, talvez tivesse topado mais rápido. Era um longa-metragem incrível, e minha irmã estaria maravilhosa como a rica herdeira seduzida por um príncipe encantado que pode ser um golpista assassino.

Na versão do diretor Liam Hale, Lina continuaria sendo uma mulher rica e desajeitada com relacionamentos, mas Johnnie seria um veterano do Afeganistão, mais sóbrio e menos charmoso. Pelas anotações de V, o diretor

queria que a sombra de violência e trauma fosse a capa de proteção do personagem – um disfarce perfeito para a falta de relações e o medo que Johnnie causaria. Seria genial e estava empolgada para participar do projeto até perceber que, em vez do meu lugar na fotografia, estaria no papel principal por algumas semanas... *Droga*.

Nos dias seguintes, Victoria e eu começamos a trabalhar no roteiro. Tentava separar “Vic, minha irmã acidentada” de “Vic, a atriz que devo substituir”, mas nem sempre conseguia. Passei a semana trabalhando com ela, e com sua ajuda ensaiei as falas do jeito que ela queria, com a intenção e características da minha irmã, quase uma encenação dentro da outra. Era incrível vê-la trabalhar, porque era notável como Victoria gostava daquilo. Ela me ensinou sobre as pessoas que conhecia de outros trabalhos, quem poderia reconhecê-la e quem não e algumas das características deles. Com a ajuda da internet, minha gêmea me mostrou fotos e suas relações entre si.

— Mas e se eu fizer alguma bobagem? — perguntei em um desses dias.

— Você é uma atriz, vão achar que é excêntrica, metida, essas coisas — ela respondeu e deu de ombros, me fazendo rir. Recebi seu cronograma por e-mail e comecei a me preparar mentalmente.

Então chegou a quinta-feira, o dia que deveria começar a ser Victoria Walters.

Que os jogos das gêmeas começassem.

CAPÍTULO 2

Jack

Dou um gole no meu suco observando que são dez horas da manhã. Quem diria que Jack Evans, o ator bad boy, poderia acordar cedo, desfrutar de um bom café e chegar a tempo a casa de Liam para iniciar a produção de “Dúvida”, nosso novo filme. Há dez anos, essa seria a hora que estaria chegando em casa, com um batalhão de pessoas entre meu agente, amigos e segurança tentando me acalmar e me fazer dormir.

Era a porra de um merdinha autodestrutivo. A imprensa tentou glamourizar meu problema, virei o queridinho das pessoas por ser um escroto

e ganhei fama por meus escândalos. Enquanto eu fosse um ator que rendesse dinheiro, a indústria parecia virar o rosto para meus excessos com bebidas e cocaína e fingir que não estava vendo. Eu mesmo precisei me salvar ou terminaria como uma daquelas celebridades que morreram “jovens demais” e que tinham um “problema” incapaz de superar.

— Bom dia, Jack — Marshall, meu agente, cumprimentou, entrando na cozinha da minha casa em Bel Air e me estendendo uma caixa com cheiro bom. — Trouxe donuts, já que oficialmente está livre daquela dieta de merda.

— Você é um santo, Marshall!

Ele era meu agente desde o início da minha carreira. Marshall era grande e negro e passou mais tempo sendo confundido com meu segurança do que meu empresário. Apesar de ser diferente da maioria dos agentes hollywoodianos, era um predador dos negócios. Ele veio do mundo da música e cresceu junto ao movimento do *Gangsta Rap* do Compton, mas decidiu diversificar depois que as coisas ficaram violentas: sua mulher Rochelle estava grávida quando quase o mataram na porta de uma boate. A marca de tiro continuava lá, mas as intrigas ficaram apenas mais refinadas e menos perigosas.

Depois de estrelar o filme universitário de Liam Hale, diretor e meu amigo, caí de paraquedas na gravação de “Intriga à meia-noite”. Era um papel pequeno e quase sem destaque, mas que atraiu atenção. Diana Mendes, a

pessoa responsável pelo casting e que me chamou para um teste ao ver o longa de Liam, tinha razão, alguma coisa atraía quando eu estava na tela. Passei no teste de “Intriga” e o resto, como chamam, era história: 12 filmes, outros tantos trabalhos e quase sempre no elenco principal.

Nesse período, conheci Marshall. Era o agente do protagonista e me colocou para debaixo de suas asas até que comecei a fazer mais dinheiro que seu antigo pupilo, o que o fez decidir cuidar apenas dos meus negócios, para passar mais tempo com Rochelle e os filhos.

— Merda, você estava comendo só frango nos últimos meses, isso deve ter sabor de céu. Engoliria isso em três segundos se fosse comigo.

— Sim — respondi com a boca cheia de rosquinha. *Merda, precisava muito disso.*

— Por que me deixou sozinha na cama? — indagou uma voz feminina estranha atrás de mim. Senhorita que não lembrava o nome entrou na cozinha, caminhou até a mesa à minha frente e se atreveu a pegar minhas rosquinhas. *Que merda?*

Tudo bem, nem tudo mudou em minha vida, mas sou uma pessoa muito mais calma do que era há uma década. Transei ontem à noite, a trouxe para o duplex e achei que, assim que acordasse, ela entenderia que foi apenas uma noite. *Parecia que não.*

— Tem um carro esperando por você — anunciei encostado na ilha da cozinha e dei minha atenção a Marshall e às rosquinhas. Estiquei-me sobre a mesa, puxando a caixa de donuts para fora do alcance dela enquanto observava a mulher de cabelos e olhos escuros abrir e fechar a boca como um peixe, chocada com minha reação. *Estava tranquilo até ela roubar minha comida.*

— Como assim? Pensei... Eu pensei... — ela respondeu, a rosquinha mordida em suas mãos e seus olhos em mim.

— Que eu iria me apaixonar, que teria seu momento Cinderela com um ator famoso e sua vida mudaria? Sinto muito, querida, só achei você gostosa — completei e dei de ombros sabendo que estava sendo um idiota. Às vezes me aproveitava da minha fama de ser um escroto, para ter carta branca para cenas como essa.

— Você é um babaca, vou fazer todas as pessoas saberem disso! — ela berrou e correu para o quarto, onde deveria ter deixado suas coisas na noite anterior.

— Precisa parar de trazer essas mulheres para cá, é sua casa, Jack. Se elas quiserem ser loucas, elas podem, e sua equipe de segurança não vai conseguir impedir — Marshall aconselhou com olhos julgadores. Ele detestava quando eu fazia esse tipo de coisa.

— Elas querem fama, não são assassinas em série. Me usam do mesmo jeito que eu faço com elas. E se ela quer falar sobre minha fama de babaca, precisa entrar na fila. Hollywood inteira sabe disso e continua a me contratar.

— Então você só está sendo cruel, cara.

— Eu não tenho uma esposa bonita como você, Marshall. Preciso arranjar mulheres do jeito que dá.

— E qualquer dia desses vai enfrentar um processo de paternidade, então, em um abrir e fechar de olhos, vai dar metade do seu dinheiro para uma dessas mulheres.

— Tudo bem, tudo bem. Entendo seu ponto, chefe — respondi levantando minha mão em sinal de defesa antes de abocanhar mais um donut.

— Já melhorou muito, rapaz. Aquele período em que quase te abandonei foram os piores, você só precisa se refinar. Mas ela ainda vai dar uma “exclusiva” sobre o tamanho do seu pau ou qualquer coisa. Sabe como isso funciona.

— E vai descobrir que isso acontece uma vez por semana — suspirei de prazer comendo a última das rosquinhas, uma com cobertura de chocolate e recheio de creme, e mudei de assunto: — Esse trabalho com Liam vai ser o ponto de virada da minha carreira. Chega de filmes de ação e *blockbusters*, quero algo mais.

— Meu garoto quer um prêmio? — Marshall respondeu levantando a sobrancelha, como se estivesse duvidando das minhas palavras.

— Sim, e reconhecimento também, mas estou preocupado por Victoria Walters — expliquei apertando os dedos nos olhos. Desde a contratação da mulher, estava estressado sobre ela estragar o projeto inteiro sendo apenas... ela.

Tomei mais um gole de suco enquanto pensava que não a conhecia, mas sabia que ela era minha vizinha nos Hamptons. Eu me apaixonei assim que vi a propriedade de Nova York em uma visita a Liam no ano anterior. As duas casas dividiam a doca localizada na divisa entre elas, o que me deixou um pouco nervoso sobre Victoria confundir as coisas. No intervalo de tempo que minha assistente tentava comprar a casa — e no processo de comprar a de Victoria também, que negou assim que recebeu a proposta —, ela comentou sobre a nova produção e nossos testes para a nova Lina. Precisávamos de uma jovem atriz talentosa, bonita e que não tivesse um rosto marcado de outros projetos. Uma *famme fatale* não combinaria com nosso patinho feio.

Enquanto eu produzia locação, contatos, fundos e direitos, Liam fazia toda a sua parte criativa, incluindo o casting. Foi assim que, um dia, ele chegou para mim e disse:

— Victoria é perfeita. Ela tem a doçura e o olhar malvado necessários.

Eu duvidei, mas não podia me meter no trabalho do meu amigo. Era trabalho dele achar os personagens, então, apesar de mostrar meu descontentamento, concordei.

Desde então, me preocupava a cada dia pela decisão, mesmo Liam garantindo que eu ficaria aliviado depois do início das leituras. Que o teste dela foi uma das coisas mais incríveis que ele tinha visto na indústria. Eu concordei quando assisti, mas ainda parecia hesitar. Sentia em mim que teríamos problemas.

— Ela é bonita, Jack — Marshall disse, me tirando de meus pensamentos sobre Victoria Walters. Ela era realmente linda e parecia saber disso. *Deus me livre de uma diva no set.*

— Quem?

— Estava falando sobre Victoria — disse Marshall me encarando. Ele estava preocupado de eu estava dando um passo maior do que as pernas, mas provaria que podia fazer. Desejava fazer um filme desde que comecei a escola de cinema, aos 18 anos.

— Claro, ela parece funcionar em frente às câmeras, mas só fez filmes ruins até agora. Liam achou o teste muito bom, mas ainda acho que alguma outra atriz faria melhor.

— Vamos, Jack, você mesmo fez uma quantidade de filmes ruins até

poder escolher o que queria fazer de verdade — Marshall me censurou.

— O problema é: qualquer deslize dela e teremos publicidade negativa no projeto.

— Eu vou dar um monte de publicidade negativa! — berrou a ladra de comida, ela saía do quarto completamente vestida, caminhou até a porta principal, batendo-a com força. *Os paparazzis de plantão terão um show nessa manhã.*

— Ela não tem nem ideia — Marshall falou e riu com uma careta.

Senhorita ladra de comida era mais uma na minha lista, e eu sei, isso era cruel. Não fazia ideia do nome dela, só que era uma garçonete de um evento que compareci na noite anterior. Era uma delícia de uniforme justo e flertou comigo desde o primeiro momento. Quando perguntei se queria ir para um lugar mais calmo, ela concordou e a trouxe para casa. Apesar de vir para meu duplex, elas não vão para perto do meu quarto ou escritório. A minha equipe de segurança também sabe de todas delas, com direito a câmeras por quase todas as partes da casa. Ser famoso é quase viver em um reality show que nunca termina.

— Vou correr e depois ir para o Liam, algo planejado?

— Sua agenda está obstruída para o filme, Jack, acho que vamos nos ver pouco na próxima semana. Meu trabalho começa com o nosso planejamento

de divulgação, e, por favor, pare de foder essas mulheres aqui. A imprensa me procura, mas quero ficar tranquilo com Rochelle durante esse tempo que estará com Liam.

— Outras férias em família?

— Trancados, sem sair de casa, nus na piscina enquanto as crianças estão fora...

— Isso é informação demais —interrompi. — Nos falamos se precisar, ok? Adeus, Marshall.

— Vou deixar os novos roteiros no seu escritório — ele explicou da porta, mostrando-me alguns envelopes. — Peço para entregar rosquinhas todas as manhãs?

— Você leu minha mente!

— Faça mais algumas abdominais só para equilibrar.

— Eu ouvi, mamãe!

— E Jack... — ele suspirou. — Você tem carta branca nessa indústria, mas Victoria, não. Você gostaria de ser lembrado dos seus erros o tempo todo como ela?

— Não é isso e você sabe — eu resmunguei de volta.

— Você quase teve uma overdose em uma boate e continua protagonizando filmes. Se fosse uma mulher em Hollywood, sua carreira já

teria sido enterrada há anos. Dê uma chance para a garota — ele aconselhou e se despediu.

Balancei a cabeça, estava pensativo e não queria dar o braço a torcer. Victoria ficou em minha cabeça até mesmo quando comecei minha série de exercícios matinais. Deveria estar animado com o pontapé inicial de “dúvida” depois de lutar com unhas e dentes para a Star Kingdom aceitar o projeto e ter Liam na direção, mas me sentia preocupado. As coisas poderiam escapar facilmente dos meus dedos se algo desse errado com o projeto... E eu me certificaria de que nada nem ninguém o atrapalhasse.

CAPÍTULO 3

Blair

Olhei para Elijah tão frustrado quanto eu e suspirei derrotada. Estava atrasada para a primeira leitura em mais de meia hora, presos em um acidente na Hollywood Boulevard. O motorista de Victoria batia os dedos no volante enquanto eu apertava o roteiro entre as mãos, nervosa sobre a recepção na casa de Liam Hale, entediada pelo tempo que o carro estava preso no mesmo trecho da avenida. Eram esperados Jack Evans, eu, a roteirista e a equipe artística. Um grupo reduzido pelos padrões de Hollywood. Detestava chamar

atenção, e chegar depois de todos me faria perder pontos com a produção.

Larguei o script no banco, estendendo a mão para o pequeno bar à minha frente, abastecido com água e alguns alimentos leves, como potinhos de granola. Brinquei com a tampa de vidro de uma das garrafas, vendo as pessoas caminhando do lado de fora.

— Acredito que levaremos mais dez minutos, senhorita.

— Tudo bem, Elijah, eu entendo — o segurança/motorista de minha gêmea respondeu. Victoria ficou horrorizada ao saber que eu pediria um táxi para a mansão do diretor e decidi que o homem deveria me acompanhar já que “nenhuma celebridade andava sozinha por aí”.

Elijah era um ex-policial que trabalhava para minha irmã por quase uma década. Ele estava em serviço naquele dia, há oito anos. Se tornou seu segurança e motorista, e eu não duvidava que se preocupava realmente com Vic. Ele sabia que não era Victoria, mas não mostrou desaprovação e muito menos me chamou de Blair.

Brincando com a garrafa de vidro no carro, percebi que havia uma espécie de bar no banco de trás abastecido com água e alguns alimentos leves, como potinhos de granola. Observei as ruas passarem lentamente, me preparando para o encontro, quando o carro entrou em um pátio: a mansão de Liam Hale.

Vic nunca o conheceu, porque fez o teste com assistentes e com a diretora

de elenco. Em Hollywood, era muito comum que diretores escolhessem novatos desse jeito: confirmando o talento através dos vídeos do teste. Victoria não era novata, mas não era respeitada na indústria por seu passado de comédias românticas e séries adolescentes, então ela estava no mesmo patamar dos estreantes. Ela e Liam se falaram pelo telefone, mas nunca pessoalmente, graças às suas agendas ocupadas.

Apesar de aclamado, Liam Hale era quase um novato também. Ele participou de diversos projetos independentes e estreou na direção de “Tempestade” dois anos antes. O longa foi indicado a alguns dos maiores prêmios do cinema. Aos 30 anos, ele era a pessoa mais requisitada de Hollywood, e isso permaneceria enquanto os estúdios estivessem felizes com seu trabalho.

O carro parou e me mantive quieta, tentando juntar forças para sair quando Elijah contornou o carro, saltou do veículo e abriu a porta para mim.

— Me avise quando precisar voltar. Boa sorte, senhorita — ele desejou, voltando para o carro. Quis gritar para ele voltar, mas nesse momento a porta de madeira branca se abriu de lado a lado com uma mulher morena, que sorriu de um jeito profissional.

Se apresentando como a assistente de Liam, me guiou até a sala, onde cinco pares de olhos curiosos me observavam. *Ótima primeira impressão.*

Com minha melhor versão de Vic – usando uma sapatilha em vez de um tênis e uma camisa mais arrumada em vez de uma camiseta de banda –, caminhei até a mesa, jogando meu cabelo para o lado como se estivesse acostumada àquele tipo de atenção. Jack Evans me encarava como se eu tivesse sugado toda a felicidade do ambiente ou algo assim. *Droga, que vibrações ruins dessa pessoa.*

— Peço desculpas, estava presa no trânsito — disse para ninguém em particular. Odiava primeiros dias, odiava ser vulnerável e odiava principalmente toda essa situação.

Observei todos à mesa, notando que Jack e Liam tinham a mesma idade. De acordo com Vic, em algum momento estudaram juntos por tempo suficiente para serem amigos. O ator tinha o perfil de estrela de cinema bad boy e Liam era mais nerd, loiro, com óculos de aros pretos e um ar intelectual.

— Tudo bem, sente-se, venha. Conhece todos, não? — Liam indagou e depois direcionou seu discurso para o grupo: — Com a chegada de Victoria, estamos completos, podemos começar?

Ele me mostrou uma cadeira e me sentei, observando todos me cumprimentando levemente ao mesmo tempo que continuavam absortos em outras atividades, como mexer em papéis e em um computador. Apenas uma pessoa não deixava de me olhar até me deixar nervosa: Jack Evans. *Put*

merda, ele era lindo. Não costumava ficar impressionada com homens, mas percebia algo duro e escuro na frieza que aqueles olhos cinzas me encaravam. Moreno e de cabelos negros, Jack era o galã que Hollywood desejava. Seus olhos faziam coisas engraçadas dentro de mim, me deixando ainda mais nervosa. Não conseguia desviar o olhar, um pouco hipnotizada pela sua mirada insistente.

Da minha visão periférica, vi Liam me estender alguns papéis e o feitiço foi quebrado apesar de estar sentada bem à frente de Jack e sua observação ostensiva.

Na hora seguinte, não só discutimos sobre o enredo como começamos as leituras. Isso era um pouco diferente para mim, com Liam nos interrompendo a cada momento para dizer que esperava um tom mais meigo ali, ou um enérgico em outra cena, desconfiado em outras. Apesar da direção, Vic estava certa em muitas coisas sobre o projeto, deixando-me feliz pelo resultado. Parecia que algo compensador ia sair dali. Estava nervosa, errava o tempo todo, mas Liam tinha um ar paciente. Não fazia isso há quase dez anos e odiava ser o centro das atenções. O olhar feio de Jack continuou cada vez que eu gaguejava ou parava pedindo para repetir.

Precisava de uma pausa.

Desse teatro, desse texto, de Jack.

Enquanto Liam discutia com a figurinista sobre o que ele precisava dela, me levantei e fui até o canto da sala pegar alguns biscoitos e água, ainda os observando. Jack se levantou logo atrás e parou do meu lado, sussurrando.

— Conheço seu tipo, e por mim não estaria aqui — Jack anunciou e engasguei com a água, encarando-o surpreendida.

— Qual é o seu problema? — sussurrei de volta.

— Você. Você é o problema. Não deveria estar aqui, não acho que seja uma boa escolha. E seu atraso não melhora em nada sua reputação. Você pode foder o projeto inteiro só sendo você mesma — ele cuspiu as palavras, olhando ao redor como se não quisesse chamar atenção para a nossa discussão ao mesmo tempo que não conseguisse evitá-la.

— Ei, ei, ei — exclamei fazendo um movimento com as mãos, sinalizando que ele deveria parar de falar. *Uma pena ser tão bonito, idiotas bonitos eram os piores.* — Já disse que fiquei presa no trânsito. Que merda, Jack. Você não me conhece para falar assim.

— Eu não estou nem um pouco a fim de lidar com seu ego enorme, sua menina mimada e festeira. Liam gostou de você, mas até onde vejo, pode ter feito qualquer outra coisa para conseguir esse papel, e não aceito isso — Jack retorquiu venenoso e foi como se o ar tivesse saído dos meus pulmões. *Ele não disse o que estou pensando que disse, certo?* Óbvio que ele sugeriu que

transei com alguém por esse papel.

Estava nervosa, errando, minha irmã tinha a fama de festeira e era uma novata no cinema sério. Lógico que ele ia pensar isso.

— Quero ser legal com você, seu merda, mas assim não está deixando. Não dormi com ninguém por isso — cuspi as palavras, quase encostando meu rosto em Jack, irritada com sua audácia. — Me respeite, ok? Só quero fazer o meu trabalho!

Eu gritei esse final e percebi tardiamente que todos me olhavam. Jack tinha esse ar vitorioso como se tivesse conseguido me tirar do sério. Suspirando, caminhei até o meu lugar enquanto Liam não tirava sua atenção da nossa discussão.

— O que está acontecendo? — Liam perguntou simplesmente, seu olhar caindo sobre mim e Jack alternadamente, como se esperasse uma resposta. *Ótimo. Primeiro dia e o diretor chama nossa atenção. Promissor.*

— Discutindo nossas possibilidades. Jack parece realmente afetado por seu papel — expliquei sem encará-lo e fugindo de seu olhar ao arrumar meus papéis sobre a mesa.

— Também espero que fique “à flor da pele”, querida. Isso é um drama, você tem que vivê-lo — Jack anunciou venenoso, sentando-se novamente à minha frente.

— Tudo bem, vocês dois. Quero essa animosidade na segunda parte do enredo, é esse tom que quero, certo? Mas só em cena — ele deu ênfase na última parte, olhando para Jack e eu como se fôssemos alunos do primário brigando por algum brinquedo. *Em certo nível, era quase isso.*

Jack continuou me observando de mau humor depois disso. Passamos a hora seguinte lendo o resto do roteiro. Estava com tanta raiva de Jack que arrasei na segunda leitura – quando Lina passava a desconfiar e sentir medo de seu marido – e não fui interrompida nem mesmo uma vez por Liam. *Toma isso, seu idiota.*

Nos despedimos, marcando uma segunda rodada de leitura no dia seguinte enquanto esperava por Elijah. Sobrevivi ao primeiro, faltavam mais 29 dias.

Elijah me deixou no meu apartamento, dando tempo para eu refletir sobre os acontecimentos daquela tarde. Um dia foi o suficiente para notar que não aguentaria estar nas semanas iniciais de “Dúvida”. Se Jack fosse tão detestável como parecia ser, não conseguiria ser adorável como Vic. Ela era muito mais experiente nos conflitos da indústria do que eu e raramente era pega desprevenida sobre algo. Vic era toda sobre um sorriso no rosto e

diplomacia, sempre atuando até mesmo fora das telas.

Eu não era assim. Era a irmã mosca-morta com pavio curto, já Vic seduzia até fazer as pessoas fazerem o que ela queria. Sempre fui essa bomba relógio que ou estourava ou fugia do conflito até não poder mais, não existia meio-termo.

Assim que cheguei em casa, coloquei uma roupa mais confortável e liguei em um programa de televisão ruim. Eles eram meu *guilty pleasure*, e não tinha humor para fazer nada depois da tarde com o “senhor estrela de cinema”. Não fazia nem meia hora que estava jogada no sofá vendo algo sem realmente ver – alguma mulher usava um vestido de casamento e gritava que achou seu estilo ideal – e tentando pensar no que comeria quando a campainha me tirou do meu transe.

Me levantei irritada achando que seria Ma ou a assistente da minha irmã tentando saber sobre a primeira reunião, mas me surpreendi quando olhei no olho mágico. Parado à minha porta estava o senhor “moreno intenso, de olhos cinza e humor de merda”. Jack estava em meu apartamento, e isso era estranho.

— Olá, Jack — cumprimentei e dei meu melhor sorriso ao mesmo tempo que abria a porta e fazia um movimento para deixá-lo entrar.

Estava me esforçando para ser cordial, apesar de soar meio

condescendente. Ele parecia surpreso por ser mais graciosa do que irônica depois da cena de horas antes. Seguiria Vic e seu lema de atuar também na vida real. O homem era de tirar o fôlego, mesmo com essa ruga na testa como se não quisesse estar aqui. Uma tentação de um metro e noventa e olhos cinzas hipnotizantes.

— Vim pedir desculpas — ele anunciou roboticamente, como se fosse uma fala muito ruim, enquanto olhava para o chão.

— Tente de novo com mais emoção, não consigo acreditar — repliquei e levantei a sobrancelha com humor, tentando controlar o pequeno sorriso de canto de boca se formando em meus lábios.

— Olha... — Jack falou irritado, depois suspirou e, olhando nos meus olhos, disse suavemente: — Vim pedir desculpas. Mesmo.

— Muito melhor. Desculpas aceitas — respondi balançando a cabeça afirmativamente no mesmo momento que Jack me olhava desconcertado. Pensava que ele permaneceria sendo um babaca, porque, bem, é o que protagonistas bonitos e musculosos de Hollywood fazem. Liam apareceu em minha mente de repente e percebi que ele não estaria aqui por vontade própria.

— De verdade, é só isso?

— Sim, sem ressentimentos. Achei que demoraria mais alguns dias para

isso. Como sabia onde eu morava?

— Liam falou que estava hospedada aqui. Algo sobre a assistente dele e sua assistente, enfim. — Ele deu de ombros. — Achava que você tinha uma mansão ou algo assim, isso é diferente.

Jack olhou ao redor parecendo analisar minha sala. Meu apartamento era modesto, o que conseguia pagar com minha carreira de assistente de fotografia/colorista e o que sobrou como lar de uma atriz desempregada que um dia teve sucesso, mas não conseguiu economizar dinheiro para nada. *Muito perto da realidade.*

— É a casa da minha irmã. Não queria atrair atenção e decidi ficar aqui por alguns dias.

— Sei que me excedi com você — ele continuou.

— Deixou seu ponto muito claro, Jack.

— Mesmo assim, peço desculpas por isso.

— Você deveria ser advogado, sabe? Se desculpa por se exceder, mas não pela sua opinião.

— Bem... — Ele passou a mão pelo cabelo, parecendo lutar para dizer o que realmente estava pensando.

— Ei, tudo bem? — completei, levantando as mãos em forma de rendição, interrompendo qualquer coisa que ele pudesse dizer. — Você não me

conhece e posso foder seu projeto, entendi. Veio apagar o fogo, certo? Liam te disse que posso fazer a vida de vocês um inferno, porque tenho um contrato com a Star Kingdom.

— Não, eu revi seu teste. Você é ótima. Provou isso na leitura e mostrou isso no seu vídeo. Só quero tanto que esse projeto dê certo, e percebi que criando um clima chato na produção não iria ajudar.

— Obrigada por vir aqui dizer isso — agradei e nos encaramos em silêncio por alguns instantes. *Era só isso, não? Ele vai embora?* A troca de olhares me hipnotizou novamente, como se todas as vezes que mirasse seus olhos cinzas fosse engolida por eles, como se conseguissem ler minha alma.

Minha barriga escolheu esse momento para roncar, me fazendo fugir da inspeção visual de Jack e o fazendo me examinar de um jeito engraçado. Virei para meu cabideiro perto da porta, colocando meu casaco sobre a roupa confortável, ajeitando-me e evitando olhá-lo.

— Preciso ir — ele anunciou e apontou para a porta. — Foi uma boa conversa...

— Tudo bem, Jack, entendi seu ponto. Podemos recomeçar?

— Claro que sim — ele falou com um meio-sorriso. — Algumas pessoas não lidam bem com críticas com essa facilidade, Vic.

— Era uma atriz infantil, nasci sendo criticada pela minha atuação — ri

sem humor. — Está tudo bem por mim, só não seja mais um babaca, posso correr o risco de eu ser também. Com fome?

— O quê? — Jack perguntou confuso, encarando-me como se fosse uma louca por fazer uma pergunta aleatória no meio da nossa conversa.

— Estou saindo para comer, quer ir?

— Não acho prudente ser visto com você, podem alimentar rumores...

— Viva um pouco, Jack! — disse pegando minha bolsa e a colocando sobre meu ombro. — E além do mais, não vamos em um restaurante da moda ou algo assim. Vamos na minha segunda casa.

CAPÍTULO 4

Blair

Por que estava convidando Jack para comer? Enquanto o ator me encarava como se eu fosse louca pelo convite inesperado, pensei que talvez quisesse apenas mostrar que era alguém agradável. Tinha uma pitada de mentira, porque desde o momento que entrei no salão da mansão da casa de Liam, Jack monopolizou meus pensamentos. Ele foi grosseiro e de forma clara desaprovava minha presença – quer dizer, de Victoria – e mesmo assim me sentia hipnotizada por seus olhos acinzentados.

Jack estava de pé e confuso, então escolhi por nós dois, esticando minha

mão para ele e o puxando para fora do apartamento. Meus dedos formigaram como um romance adolescente bobo, minha cabeça leve e o choque circulando pelo meu corpo. *Quê!?* Quebrei nosso contato em seguida, chacoalhando minha mão como se estivesse queimando.

— Vamos, estou com fome! — resmunguei sem jeito, tentando fazê-lo se mover ao mesmo tempo que fechava a porta. Jack deu alguns passos à frente, se movendo para o elevador como um sonâmbulo.

— Não tenho certeza se seria apropriado, Victoria — ele protestou.

— Fazemos o seguinte: se algum paparazzi aparecer, diremos que estamos discutindo um novo filme. Pode ser publicidade positiva no final das contas, mas duvido que aconteça.

— Meu carro está estacionado lá fora, podemos ir nele?

— O Sawadee é na esquina, nossa caminhada será bem rápida.

— Ok — Jack completou monossilábico, fugindo dos meus olhos.

Nós descemos do prédio em silêncio, fazendo uma caminhada de menos de cinco minutos porta afora, onde nenhum fotógrafo estava à espreita. Olhei de soslaio para Jack, que parecia um pouco irritado, seu maxilar cerrado em uma expressão séria. Odiava me sentir sem jeito, e o ator parecia ter talento para me fazer sentir assim. Demorei anos para me sentir à vontade comigo mesma, mas poucos minutos com Jack Evans e estava nervosa e sem saber

direito como agir.

Tinha pouca experiência com homens. Pelo menos, sóbria e em posição de igualdade. Teve um período em minha vida que bebidas, drogas e sexo eram um pacote único, atraindo babacas como um para-raios e mergulhando em um vórtex de destruição. Quando tudo passou, não sabia flertar direito ou ter um relacionamento saudável. Eu tentei algumas vezes, mas nada que me fizesse ficar.

Por que estava pensando sobre isso? Me censurei enquanto abria a porta do restaurante, com Jack em meu encalço. Seguindo o fingimento com Victoria, precisava dele longe, e não sentado comigo para jantar, pelo amor de Deus. Que minha cabeça me lançasse para Jack Evans o tempo todo nas últimas horas era um problema, estar com ele era uma ameaça aos planos da minha irmã. O Sawadee era o típico restaurante tailandês de bairro, com muita madeira, bambu e símbolos budistas espalhados pelo salão. Me encaminhei para a mesa “de sempre” enquanto buscava Anong com o olhar.

— Kanda! — a mulher de pele morena, longos cabelos pretos e olhos puxados me cumprimentou. Ela sorriu, nos parando no meio do salão, me fazendo abrir um sorriso em troca. Anong, ou Ma, como ela me forçou a chamá-la, salvou minha vida. Simples assim.

Nossas vidas se cruzaram pouco depois da noite que mudou tudo, oito anos atrás. Eu era uma adolescente drogada que gastou todo o dinheiro da

infância famosa com traficantes, não tinha posses nem pessoas que pudessem ajudar. Ela estendeu a mão para uma desconhecida, me fez sopa e depois me obrigou a trabalhar em sua cozinha por um ano. Foi a melhor clínica de desintoxicação que poderia ter tido. Mesmo depois que fui para a faculdade e comecei a trabalhar para Hollywood, ainda tentava aparecer pelo menos uma vez por semana.

— Ma, trouxe um convidado. Anong, esse é Jack. Jack, essa é Anong — apresentei, sentindo-a me apertar em um abraço e se virar para o ator, puxando-o para seus braços e apertando suas bochechas com a mesma força. Ela era uma tailandesa com alma de vó italiana.

— Um rapaz, Kanda. Isso é novidade.

— Kanda? — Jack perguntou curioso ao mesmo tempo que olhava para nós duas, como querendo montar um quebra-cabeças com peças faltando.

— É “amada” em tailandês, um belo apelido para uma moça bonita — Anong revelou com um sorriso plácido. — Sentem-se, vou trazer comida. Estamos lotados, então não vou dar atenção para minha menina hoje.

Balancei em concordância e fui para minha mesa “de sempre”, em uma das laterais do restaurante e colada a uma parede, no mesmo instante que Ma voltou para a cozinha. O restaurante era modesto, com um cheiro maravilhoso impregnado no salão e poucos lugares vazios ao nosso redor.

— Então você vem muito aqui? — ele perguntou assim que nos ajeitamos.

— Eu trabalhei aqui. Sei fazer uma Tom Kha Gai de respeito!

— Ela gosta muito de você.

— Anong me tomou debaixo de suas asas. Me encontrou em um dia de merda faz quase uma década e tem me entupido de sopa desde então — revelei ficando séria de repente com a memória, capaz apenas de dizer uma palavra. — Overdose.

— O quê? — ele indagou assustado. — Dez anos? Você tinha o quê? 15 anos?

— O passado secreto das estrelas infantis é sempre muito absurdo, não é? — respondi com um sorriso amargo enquanto Jack parecia perplexo pela minha franqueza. — Tinha 17 anos, e não se sintam mal por mim. Desmaiei bem em frente ao restaurante e ganhei uma mãe em Ma. As coisas terminaram bem no final das contas...

— Me desculpe pelo comentário de mais cedo, falei merda sobre ser festeira e... — Jack pigarreou fugindo do meu olhar, encarando suas mãos antes de continuar. — Eu entendo porque eu...

— Mamãe disse que trouxe um rapaz e vim olhar com meus próprios olhos — Sunan, a filha recém-saída da adolescência de Anong, nos interrompeu, fazendo Jack levantar os olhos para ela ao mesmo tempo que ela

indagou. — Quem é você? Parece aquele ator grande... Aquele...

— Ele é meu chefe, Sunan, cuidado com a língua — alertei esperando que ela não continuasse a tentar adivinhar quem ele era.

— Ora essas, você é uma perda de tempo, Ni. Esse homem é maravilhoso! — Sunan exclamou, colocando o cardápio sobre a mesa, soltando o coque e derramando os cabelos tão escuros como o de sua mãe em um movimento exagerado. — Você é solteiro?

Jack gargalhou com força, fazendo o sorriso brilhante de Sunan se congelar. *Pobre garota*. O ator percebeu como deixou a filha de Anong sem jeito e tentou corrigir o golpe no ego da jovem.

— Eu sou solteiro, mas quero continuar assim. Se um dia quiser mudar isso, você será a primeira da minha lista, Sunan — Jack respondeu com seu olhar de tirar o fôlego, treinado à exaustão em seus filmes.

— Não demore, gatinho. Sou muito disputada — ela respondeu com um olhar atrevido, me fazendo engasgar.

— Sunan! — Anong gritou em um tom irritado, que fez Sunan se afastar correndo e nos deixar falando sozinhos. Assim que a filha de Anong se afastou, Jack e eu trocamos um olhar cúmplice e rimos suavemente da situação.

— Muito obrigada por isso, Jack. Sunan diz essas coisas, mas é

apaixonada pelo rapaz da mercearia. Ela gosta de receber elogios, principalmente de homens bonitos.

— Sou bonito, hein — ele brincou me fazendo corar. Jack estava relaxado, o sorriso nos olhos até perceber o absurdo da situação. *Nós dois estávamos agindo como velhos amigos quando tudo isso começou com uma briga na leitura do roteiro?* — Isso aqui é incrível. Elas estão no meio de Hollywood e parecem não saber quem eu sou ou quem você é. O salão está lotado e ninguém fez comentários ou veio aqui falar conosco.

— Não seja inocente. Eles devem ter reconhecido, mas a magia do lugar é maior. Quando alguém me incomoda aqui dentro, Anong expulsa a pessoa do restaurante. Virou uma espécie de regra local: não encha o saco da celebridade.

— E você esconde mais restaurantes desse tipo na manga, ruivinha?

— Só esse. É engraçado, não é? As pessoas são muito mais do que elas parecem ser — respondi empurrando o cardápio deixado na mesa por Sunan para Jack.

— Bem, eu merecia essa indireta. Me desculpe por hoje, eu só...

— Você já se desculpou — disse em um suspiro cansado. — E você tem o direito de falar coisas quando acha que o projeto está sendo ameaçado.

— Tem me deixado louco. É a primeira vez que vou para trás da câmera,

quero que tudo dê certo.

— Vai dar, a equipe parece estar comprometida com o seu projeto, e isso é importante. Eu gostei muito do roteiro, já falei isso?

Jack abriu um sorriso sincero de transformar as pernas em geleia. Durante os minutos seguintes, nós pedimos a comida e discutimos o projeto até nossos pratos estarem vazios. Não queria gostar dele, mas Jack Evans era uma companhia maravilhosa. Ele era tão animado com algo que o apaixonava, com cada detalhe do filme e o processo de negociação com a Star Kingdom. Era muito perigoso alimentar uma amizade como essa.

— O dia começa cedo amanhã, acho melhor irmos — interrompi Jack, que olhou para o relógio assustado ao perceber que estávamos há mais de duas horas sentados no Sawadee.

— Claro. Eu até tinha outros compromissos, mas... — ele respondeu, levantando-se no mesmo momento que joguei cinquenta dólares na mesa antes de cumprimentar Anong e Sunan. — Gostaria de pagar uma próxima vez.

— Elas não deixariam, porque você veio comigo. É por isso que jogo notas por aí, elas são obrigadas a ficar com ela.

Nós saímos para a noite escura de Los Angeles. Eu me abraçava ao casaco pensando no absurdo da situação: obriguei uma estrela de cinema

internacional a jantar comigo enquanto vestia um pijama e um casaco. Caminhamos novamente em silêncio em direção ao meu prédio, até chegar à escadaria, quando nos encaramos sem saber exatamente como nos despedir.

— Muito obrigada por partilhar isso comigo. É muito difícil achar normalidade nessa cidade, e você me deu isso esta noite, foi algo especial.

— Não conte meu refúgio por aí — alertei com um sorriso. — Boa noite, Jack.

Ele esticou seus dedos, pegando minha mão como em um impulso, me atraindo para perto. Jack atraiu meus dedos até sua boca, onde depositou um beijo leve, quase como uma carícia, na pele delicada. Eu observava cada um de seus movimentos com a respiração acelerada, minha cabeça confusa por sua reação. Congelei nos degraus de entrada do prédio quando Jack levantou os olhos de repente, como se tivesse saído de um feitiço. Dei um passo para trás ao mesmo tempo que ele balançava a cabeça como se tentasse afastar seus pensamentos.

— Até mais, Vic — ele falou e deu um suave apertão em minha mão antes de soltá-la. — Ainda estarei de olho em você.

Não emiti palavra alguma, entrei como um autômato no elevador e depois em meu apartamento. Quando olhei pela janela, ele ainda estava lá e me deu um leve aceno de cabeça, enfim caminhando para seu carro. *O que aconteceu*

hoje?

CAPÍTULO 5

Blair

O som distante do meu celular vibrando fez minha cabeça levantar do travesseiro. Tentei abafar os barulhos insistentes com o cobertor, mas parecia que ele aumentava em um crescendo. Alguém queria MESMO falar comigo. O relógio da cabeceira me dizia que não eram nem sete da manhã. Resmungando, estiquei a mão para o aparelho. O nome de Victoria brilhava na tela seguido do aviso de oito chamadas não atendidas, meus olhos ardiam pela luz do aparelho. *O que estava acontecendo?*

— *Blair, o que estava fazendo com Jack?* — a voz exigente de minha irmã

gêmea perguntou sem nem mesmo dizer “alô”.

— Do que está falando? — indaguei bocejando ao mesmo tempo que apertava meus olhos, tentando fazer meu corpo acordar. Como alguém poderia ser tão enérgica como Vic àquela hora da manhã?

— *Está em todos os lugares, Blair. Fotos de você e Jack andando muito juntos perto do seu apartamento. Você saiu com ele?*

— Ahhh — gemi pulando da cama, tentando prestar atenção. — Ele foi um idiota comigo durante a leitura e veio se desculpar. Ele acha que poderia estragar o projeto e foi muito babaca na casa de Liam.

— *A fama que tenho nessa indústria!* — Victoria resmungou do outro lado da linha com a voz cheia de irritação.

— Espera um pouco... Quero ver isso! — pedi e abri meu notebook localizado em uma mesa em frente à minha cama. Abri uma página de buscas e digitei “Jack Evans” só para ver mais e mais cliques da noite anterior.

Vic não exagerou quando disse que estava por todos os lados: vários títulos que sugeriam um romance, mas graças a Deus nenhuma foto do momento que ele pegou minha mão. As fotos pareciam distantes, como a de um carro estacionado à distância. Os paparazzis o seguiram até minha casa?

— *Viu?* — Vic perguntou.

— Estou vendo, mas nada demais. Ele esteve aqui, levei-o no restaurante e

depois para casa de novo. Alguém entrou em contato?

— *Minha relações pública me ligou logo cedo. Alguns jornalistas a procuraram para confirmar meu “novo relacionamento”.*

— Que diabos! — exclamei chocada. — Isso não é um rumor que deveria circular. Aliás... Isso não é nem hora para ligar para alguém!

— *As coisas não param em Hollywood, B. Ahhh...* — ela reclamou, sua voz diminuindo e parecendo distante. — *Não consigo falar com essas imobilizações. O celular cai das minhas mãos o tempo todo! Vamos fazer o seguinte, Melissa, a minha RP, deve ligar novamente em meia hora. Pedirei a Elijah para levar meu celular até você. Diga que vai conversar com Liam e Jack e que ela deve ligar novamente em algumas horas, ok?*

— Tudo bem — concordei, ainda alimentando uma curiosidade mórbida e olhando cada página publicada. Fazia anos que não era tão exposta assim. Os paparazzis não lembravam mais da gêmea Walters aposentada.

— E até lá, se comporte — Vic respondeu em um tom de comédia. — Sem escândalos em Hollywood, comporte-se!

Caminhei para fora do quarto e comecei a fazer um café forte. Seria um longo dia. Enquanto o líquido fumegante ficava pronto, procurei pelos telefones de Liam e Jack que Victoria tinha me passado. Depois de tentar o ator primeiro e não receber resposta, tentei o contato do diretor, que atendeu

no primeiro toque.

— Olá, Liam, é a Vic, tudo bem? — cumprimentei assim que ouvi o barulho no outro lado da linha e dei um gole na xícara de café. *Bem melhor.*

— *Oi, Victoria, estava tentando falar com você.* — Ele não tinha voz de sono, então apostava que, como eu, foi acordado pela repercussão do meu jantar com Jack.

— Pelas fotos, imagino.

— *Sim, Jack está comigo.*

— Ótimo, estou indo para aí, pode ser? Acho melhor conversarmos pessoalmente.

— *Tudo bem...* — ele suspirou, parecendo cansado. — *E fique tranquila, não é algo absurdo. A imprensa de Hollywood inventa coisas baseadas em fotos, fazem isso há décadas e, como sempre, não sabem o que está realmente acontecendo.*

— Eu sei, mas ainda assim é preocupante — confessei.

Liam se despediu logo em seguida e Elijah chegou logo após um banho rápido. Desci e encontrei o motorista da minha irmã, que sorriu e olhou para um homem grande de terno ao seu lado ainda no hall de entrada.

— Senhorita Walters, sou Dan, seu segurança. Vou ajudá-la com a imprensa. Se mantenha andando e vamos fazer isso como campeões — ele

anunciou e confirmei com a cabeça sem palavra alguma.

Recordando todos os momentos como esse em minha adolescência, peguei um óculos escuros em minha bolsa para esconder o rosto sem maquiagem e me proteger dos flashes das câmeras ao mesmo tempo que Dan me segurava pelo braço. Caminhei para as feras, fiquei chocada quando Elijah e o segurança abriram as portas para um mar de paparazzis na calçada tirando fotos e gritando coisas como *“Você está namorando, Jack?”*, *“Por que está morando na casa da sua irmã?”*, *“Onde ela está?”*, *“Você tem dívidas e teve que vender a mansão?”* A caminhada durou muitos minutos até conseguir finalmente chegar ao carro.

— Oi, Elijah. Vic mandou o telefone? — perguntei, aproveitando os segundos entre Dan fechar minha porta e ir para o banco da frente, já que não sabia se ele foi informado da troca. O homem me passou o celular e segundos depois vi o nome de Melissa aparecer na tela.

— Acabo de ser atacada por paparazzis na casa de Blair, surgirão mais fotos — disse sem cumprimentá-la enquanto Elijah colocava o carro em movimento.

— *O tema será movimentado até explicarmos o que aconteceu. E então, vai me dizer se está saindo com ele ou não?*

— Estamos trabalhando em um projeto de Liam Hale, mas até conversar

com eles não sei o quanto posso divulgar.

— *Isso é grande, Vic, não podemos nem espalhar um rumor?* — a mulher respondeu animada do outro lado da linha.

— Melissa, não! Se souber que algo desse tipo aconteceu, significa que não trabalha mais para mim.

— *Está me demitindo, Vic?*

— Não. Estou dizendo que temos um plano de divulgação e quem furá-lo não só vai me atrapalhar, como prejudicar um projeto de milhões. É grande, Melissa.

— *Grande como?*

— Grande como premiação, academia, tapete vermelho...

— *E o que mais?* — A relação pública parecia ter sido capturada pelo tema. Se pudesse vê-la, sabia que estaria de frente para olhos brilhantes. Nada mais importava em Hollywood do que dinheiro e a possibilidade de um Oscar.

— Ontem estávamos conversando sobre o projeto e os ensaios. Se alguém procurar você, diga que fui pedir uma chance no filme, pedir um teste. Eles sabem sobre Jack estar produzindo um longa, mas não sabem que é de Liam Hale, isso é confidencial.

— *Tudo bem... Você quer participar de um filme desconhecido que Jack*

está produzindo e pediu uma chance — ela repetiu como se estivesse anotando algo.

— Vou encontrar Liam e Jack agora. Se quiserem falar algo mais, vou avisar para você. E, Melissa, vou saber se a história vazar — ameacei com uma voz dura.

— *Está tudo bem, Vic?* — ela perguntou em um tom cheio de dúvidas. — *Está diferente, menos alegre, menos... você.*

— Estou tensa com essa história das fotos — suspirei tentando parecer a versão de Vic estressada e não de Blair tentando substituir Vic e ficando tensa. — Adeus, Melissa.

Sem o trânsito do outro dia, a viagem foi tranquila e durou poucos minutos. Dan me deixou na porta da mansão e voltou para o carro quando outra assistente me acompanhou até a grande sala de Liam. Ele estava sentado em um sofá enquanto Jack andava de um lado para o outro como um leão enjaulado tentando furar o chão por ansiedade.

— Você avisou aos paparazzis — Jack acusou apontando o dedo para mim com expressão irritada. — Todo aquele papinho mole... Você só queria a publicidade!

— Você é muito precipitado, Jack. A foto vem da direção do seu carro. Se pudesse apostar em algo, votaria que eles te seguiram. Até ontem, vivia em

paz na casa da minha irmã.

— Mesmo assim... Namoro? Não confunda as coisas...

— Ei, isso foi a imprensa — interrompi decidida a ignorar o chique de Jack, virando-me para Liam que parecia calmo sentado no sofá. — Liam, falei com minha relações públicas e...

— Viu, ela tinha um plano, não disse? — Jack nos cortou e revirei os olhos antes de continuar.

— Conversei com minha relações públicas e qualquer pessoa que ligar vai descobrir que ontem fui pedir emprego para Jack. A imprensa sabe que ele está produzindo um filme. Melissa não vai dizer nenhuma linha sobre você, principalmente porque não sei o que querem fazer.

— Então você foi pedir para fazer um teste? — Liam indagou ajeitando os óculos, balançando a cabeça em concordância.

— Sim, tudo muito profissional e chato. Acredito que percam o interesse.

— É uma boa tática, que acha Jack? — Liam perguntou para o amigo que parou de andar de um lado para o outro, me observando com as mãos na cintura.

— É a resposta mais neutra que podemos dar, mas ainda precisamos sair da cidade ou vão nos perseguir por todo o lado — Jack concordou fazendo uma pausa. — Estamos discutimos algo que pode nos ajudar.

— Como assim? — perguntei.

— Estávamos lutando por uma locação nos Hamptons e conseguimos para as próximas semanas. Avisaria no ensaio de hoje que vamos começar a gravar externas entre a próxima semana ou a outra — Liam respondeu.

— E como nós três temos casas lá, o peso será muito menor. Vamos alocar alguns membros da equipe e contratar outros locais. Será mais controlado e tranquilo — Jack completou enquanto eu entrava em choque. *Gravar?*

— Tudo bem... — respondi receosa e nós três ficamos em silêncio com a situação pairando sobre nós. — Conseguimos resolver tudo apesar de ser tão cedo.

— Ainda são sete da manhã, vamos tomar um café e começar a trabalhar. Poppy e os outros devem chegar por volta das nove horas. Os paparazzis conseguiram nos tirar da cama cedo e vamos aproveitar isso — Liam sugeriu e se levantou, se afastando de Jack e eu. O ator parecia frustrado, passando a mão pelos cabelos escuros, procurando pelas palavras ideais para falar comigo.

— Me desculpe pela irritação. Já é a segunda vez em 24 horas. Parece que você desperta o pior em mim.

— É um dom especial para colocar em meu currículo — repliquei e compartilhamos um sorriso sincero com um silêncio amistoso.

— Venham para o escritório, temos muito o que fazer! — Liam gritou da outra ponta da sala, nos fazendo separar como culpados.

— Desde quando você tem uma casa nos Hamptons? — indaguei para Vic assim que entrei em seu quarto, algumas horas depois. Ela ainda estava na mesma situação de dois dias atrás: imobilizada e engolida por uma cama king size.

Depois da crise matinal, começamos as leituras e os ensaios pareciam ótimos. Jack Evans era um ótimo ator e o filme parecia ter um futuro promissor. Elijah e Dan foram me buscar assim que avisei que estávamos terminando, me levando diretamente para a casa de minha irmã. Temia que paparazzis estivessem na mansão de Vic, mas as coisas foram mais tranquilas do que no período da manhã. Aparentemente pedir um emprego para Jack era menos interessante do que namorá-lo.

— Terminei a saga “Miragem” e ganhei um monte de dinheiro com o filme e a publicidade. Esse longa-metragem pagou a casa nos Hamptons e um apartamento em Nova York.

— E também é um filme ruim — conclui com um sorriso.

— Pagou minhas contas, Blair — Vic argumentou com seu novo tom anasalado pelo protetor de nariz. — Por que a pergunta?

— Vamos para os Hamptons na semana que vem.

— Vamos quem? Para quê? — ela perguntou em choque, tentando se mover e resmungando novamente por suas imobilizações.

— Externas principalmente, mas pelo que entendi estão procurando estúdios por lá para adiantar o processo e não comprometer o cronograma. Liam quer começar a gravar em uma semana — revelei, sentando-me a seu lado e esperando sua reação. Eu não queria, de jeito nenhum, ser a pessoa a gravar o filme.

— Merda!

— Sim. Você tem mais um mês de recuperação. O que fazemos? — questionei confusa sobre como nossa troca afetaria as filmagens.

— Vai ter que lembrar como se atua, maninha.

— Não, eu não posso.... Vic! — protestei.

— Por favor...

— Vic, isso está indo longe demais.

— Vamos, Blair, você gostava de atuar, odiava todo o resto.

— Eu sei, é só que é tudo muito...

— É tudo muito dolorido, não é? Eu sei... Você parou de atuar, saiu, aconteceu aquilo e o resto é história — ela falou respirando pesadamente. — Por que não se desafia? Tente fazer as pazes com essa parte da nossa vida. Atuar um pouco, se divertir, a casa e a paisagem são lindas...

— Vic, amo você.

— Eu também, querida.

— Essa é a última coisa que faço por você.

— Sei... — ela protestou com um sorriso tímido nos lábios e a sobrancelha erguida como um desafio.

— Até você me convencer de novo, é. — Vic riu quando completei a frase. — Agora, me conte sobre a fisioterapia.

— Tyra contratou um fisioterapeuta maravilhoso, deixe ele chegar para você ver. Bonito mesmo, musculoso...

— Ele veio alguma vez, Vic? — perguntei com preocupação. Vic nunca aceitou o toque masculino de bom grado depois do que aconteceu.

Até hoje ela só sai com homens estiver muito bêbada, e nenhum tipo de terapia parecia resolver. Nos filmes, ela tocava em homens, mas fora do set, fora da atuação, ela evitava como se fosse queimá-la. Ela se remexeu inquieta com minha pergunta e percebi sua imobilização da perna cair um pouco para o lado. Se Victoria não redistribuísse o peso, ia cair para fora da cama.

— Ele...

— Eu o tenho contato de uma ótima fisioterapeuta que trabalhou com um colega de set. É uma senhora muito habilidosa — sugeri tranquilizadora.

— Eu prefiro — ela disse me agradecendo sem palavras.

— Quer falar sobre isso?

— Não. Coloque um filme. Vamos relaxar.

— Tudo bem, mas se ajeite nessa cama, não quero que quebre mais nenhum osso! — pedi me deitando ao seu lado, pronta para passar algumas horas junto à minha gêmea.

CAPÍTULO 6

Blair

Às vezes esquecia sobre o estilo de vida da minha irmã gêmea. O choque de sua mansão enorme saída de um álbum de decoração do Pinterest não chegava nem perto ao dia que Victoria me enviou para os Hamptons em um avião privado, voando costa à costa com uma equipe particular oferecendo todo tipo de amenidades. No aeroporto John F. Kennedy, um motorista uniformizado me esperava em uma área reservada para não precisar passar por passageiros e possíveis paparazzis e ir até meu destino final.

Quando fui deixada na entrada da casa, suspirei por sua beleza, rodando a

propriedade até chegar aos fundos virados para o mar. Era espetacular por fora e deveria ser linda por dentro. Rústica, toda em madeira com dois andares, janelas de vidro enormes e uma espécie de mirante. À sua frente, uma praia privativa mais ou menos dividida com o vizinho à esquerda, uma casa praticamente gêmea. Entre os dois imóveis, uma doca de madeira se estendia por toda a extensão da areia, com duas entradas, uma para o meu lado da praia e a outra para o da construção ao lado. Alguns metros adiante, muitas pedras e vegetação, deixando a casa seguinte a uns bons 500 metros de distância. Era curiosa a escolha da construção, já que a entrada para rua da propriedade era protegida como qualquer casa de celebridades, mesmo assim, Vic escolheu dividir espaço com um vizinho desconhecido. Era um imóvel tão bonito que talvez ela só considerasse aquilo um pequeno empecilho. Não era como se pessoas ricas ficassem em suas casas “de verão” durante todo o tempo.

Já fazia duas semanas que estava envolvida naquela loucura. Quinze dias entre ensaios, leituras e experimentar figurinos para as gravações. O escândalo do “namoro” com Jack Evans foi esquecido, o ator pareceu aprender a controlar sua animosidade e tivemos nosso primeiro ensaio de divulgação caracterizados. Apesar dos meus medos, tudo correu bem, mesmo não tirando fotos profissionais há quase uma década. Primeiro, fui posicionada sozinha e depois de meia hora, a equipe parecia satisfeita.

Depois, trouxeram Jack, que sorriu para mim com seu figurino de Johnnie, a fim de terminar a sessão de fotos.

— Olá, ruivinha. — Ele piscou para mim com um sorriso sincero.

— Oi, Jack! — respondi de qualquer jeito, sentindo os refletores me fazerem suar.

Liam divulgou que fazia parte do projeto dias depois das fotos divulgadas. Com isso, fui oficialmente escalada para “Dúvida”. O estúdio fez questão de liberar imagens dos bastidores, incluindo uma da prova de roupa, levando fãs à loucura com a versão de soltado de Jack – mesmo com os fãs de Hitchcock nos odiando por sermos “atores de *blockbuster*”.

O homem era bonito, com seus músculos bem delineados e sua aura de bad boy. Durante os ensaios, Jack revelou que aquele porte físico era resultado de uma dieta rígida para um papel em um filme ação e que ele e Liam concordaram que seu “tamanho” daria veracidade a um soldado recém-saído do Afeganistão. Quando perguntei a Jack se a restrição alimentar era o motivo dele parecer querer comer as louças da casa de Liam a cada novo ensaio, ele riu. Eu não fazia dieta desde o momento que larguei a carreira artística e fui para trás das câmeras. Apesar de ainda magra, sei que tenho pelo menos cinco quilos de diferença para Victoria, mas ninguém parecia notar.

— Oi, vizinha! — a voz me tirou de meus devaneios. *Não! Você está de sacanagem comigo.* Quando Jack disse que morávamos perto, não sabia que era tão perto, e Vic não teve a decência de me avisar. Isso estava ficando cada vez pior.

— Ei, não sabia que você morava na casa ao lado! — cumprimentei olhando para ele a alguns passos de mim em nossa doca compartilhada.

— Claro que sabia, até negou uma oferta de compra para a sua casa.

— Mas isso não significa que era dono da do lado, oras — inventei. — Às vezes posso ser muito distraída.

— Sei... Acabou de chegar?

— Há poucos minutos. Me distraí olhando a vida. É tudo muito lindo, não?

— Sim, sempre perco o fôlego quando chego aqui.

— A doca é maravilhosa — completei.

— Você pesca? — Jack perguntou de repente.

— Por quê? É um convite?

— Sim. Nunca fiz direito, mas essa estrutura precisa fazer algo além de só pular no mar — ele respondeu e deu de ombros.

— Esse é outro convite?

— Sim, também.

— Podemos conseguir um barco.

— Esse é o seu convite? Não tenho um barco. — Nós dois estávamos enrolando, eu sabia. Precisava entrar na casa, me organizar e me preparar para os dias na cidade. Em vez disso, estava combinando pescarias com Jack Evans como se fosse a coisa mais simples do mundo.

— A barco fica por minha conta — respondi. — Preciso entrar...

— Vic! — ele gritou chamando minha atenção quando comecei a andar em direção à casa. — Você vai na festa de Liam mais tarde?

— Estou um pouco cansada — falei sabendo que não era desculpa suficiente. Detestava esse tipo de festa.

— Vá, cumprimente Liam e volte. Devemos ficar muito frenéticos nos próximos dias. Precisamos aproveitar esses momentos de distração.

— Claro, você tem razão — suspirei, deixando-o para trás.

Uau. Quando abri a porta, vi o bom gosto da minha irmã espalhado por cada canto da casa. A construção era maravilhosa, com cara de lar mesmo que o único toque sobre ter alguém morando ali fosse o nosso retrato em um dos aparadores da sala.

Subi procurando o quarto e achei um cômodo todo branco com janelas que davam para mar. Era tudo espetacular. Vic cuidou dos mínimos detalhes, e

alguém limpou e arejou a casa, além de encher a despensa. Minha irmã queria que uma empregada ficasse comigo no imóvel, mas achei sem necessidade para os poucos dias. Em troca, minha irmã me forçou a andar com um motorista indicado por Elijah sempre que não estivesse com os motoristas da equipe de filmagem.

As horas foram passando enquanto percebia que precisava ir até a festa de Liam. Minha irmã era a protagonista e, pelo bem de sua carreira, era interessante aparecer durante alguns minutos. Droga... Eu faria isso. A dívida que tinha com Vic estava sendo paga com mais e mais juros.

Me esforcei ao máximo para me atrasar, mas em algum momento da noite percebi que não poderia esperar para sempre. Eu não queria estar ali, mas precisaria dar um “olá” para as pessoas certas, sorrir um pouco para depois sair em paz. O motorista me deixou na casa do diretor, uma construção muito maior do que a da minha irmã. A casa de Liam era linda e a porta principal dava para um salão gigantesco com um sofá em L no centro. As pessoas se espalhavam pelo ambiente, contorcendo-se pela música alta.

Elas também se contorciam por outros motivos.

Ao redor da mesa principal, um grupo organizava fileiras de pó alegremente ao mesmo tempo que abria uma garrafa de champanhe. Jovens seminuas dançavam em cima de outra mesa de canto enquanto algumas mais “ousadas” estavam de peitos de fora, sentadas no colo de homens que reconhecia como os empresários da indústria. Detestava esse tipo de festa. Era um dos motivos de ter me afastado dos figurões. Editores de imagem e assistentes de fotografia não eram chamados para eventos desse nível, eles curtiam e tomavam cerveja em apartamentos pequenos junto com o segundo escalão.

Aqui, as drogas e o sexo eram moeda e eram jogadas abertamente. Apostava que em algum dos quartos acontecia uma orgia com uma dessas meninas bonitas que estavam dançando sobre a mesa. Também poderia apostar que o sonho de algumas delas era se tornarem famosas ou não estariam ali. Eu era jovem demais para ter participado disso, mas ninguém ligava. Metade dos famosos usavam algum tipo de drogas: ilegais, pílulas, estimulantes, sexo, bebidas, e ninguém nunca pareceu se importar.

— Victoria, bem-vinda! — um gomeu moreno de meia-idade me cumprimentou, encarando-me de cima a baixo. Ele andou em minha direção colocando a mão em minhas costas como se tentasse me conduzir para um dos cantos do salão. Me desvencilhei discretamente, forçando um sorriso como os da minha irmã. *Isso era difícil demais.*

— Olá! Eu o conheço?

O sorriso do homem tremeu em seu rosto, mas não me arrependia por tê-lo desestabilizado. Ele era bonito, passado dos 40 anos, mas com um olhar predador. Aquele que por anos amedrontou meus sonhos. Aos 17 anos, gostava dessa atenção e não conseguia enxergar o quão errado era um homem adulto observar uma adolescente com desejo em seus olhos. Estava em todos os lugares de sua expressão, como letras vermelhas gigantes em sua testa escritas “quero te foder”. Geralmente, era o que acontecia. Pelas pupilas dilatadas do homem, ele começou a “diversão” antes de achar uma mulher para ficar a seu lado, e ele achava que eu seria essa pessoa. *Nem em sonhos, idiota.*

— Estou representando a Star Kingdom nas gravações, docinho. Pensei que poderíamos conversar sozinhos... — ele parou de falar, esperando que eu completasse o silêncio, mas apenas o encarei, cruzando os braços e não mordendo a isca. O homem parecia confuso quando continuou a falar: — ... sobre negócios, baby. Apenas negócios, se você me entende.

Quando ele começou a rir sozinho, como se sua proposta fosse “uma piada”, perdi a paciência. Era nojento.

— Onde está Liam? — perguntei para o homem, pensando que o “olá e dar o fora” seria mais rápido do que eu esperava.

— Está na piscina, mas eu não iria até lá incomodá-lo se fosse você. Posso fazer companhia, vamos até a outra sala — ele respondeu e colocou uma mão no meu pulso, automaticamente desloquei meu braço de forma que os dedos do homem ficassem para cima. Em seguida, puxei o meu braço de volta, contornando o homem, que me olhava com surpresa.

Depois que recuperei minha relação com Vic, fiquei obcecada pela minha segurança e a dela. Comecei a fazer aulas de caratê e aprender algumas técnicas de defesa pessoal como a que acabava de usar. Poderia ter feito a diferença para minha irmã, que se juntou a mim quando comecei os treinos.

Tentando me localizar na mansão, fui até o lado de fora, onde encontrei uma piscina iluminada no fundo. Mais perto, ouvi os gemidos cada vez mais altos e vi Liam. Pulando animada no colo do meu diretor, uma menina de peitos de fora gritava como se ela estivesse tendo a melhor transa da vida dela. Liam tinha a cabeça meio jogada para trás. Dei alguns passos de volta a meu lugar, pensando que era hora de ir embora independente de falar com Liam ou não. Quando dei a volta, Jack me encarava com uma expressão cômica e declarou:

— Não sabia que você gostava de espiar.

— O quê? Não... — refutei, pensando em uma rota de fuga. Eu queria ir embora e em vez disso seria classificada como alguém que gostava de violar a privacidade alheia. *Pelo amor de Deus.*

— Tudo bem, ruivinha, não estamos julgando ninguém aqui — ele provocou.

— Tudo bem, Jack? Foi um prazer ver você. Adeus — respondi irritada e pisei forte para fora, pronta para ir. Essa farsa estava me dando dores de cabeça e agora voltava para memórias do passado que não gostava de lembrar.

— Ei, que foi isso? Eu só estava brincando... — Jack falou colocando a mão no meu ombro e me fazendo parar. Sem pensar, torci seu braço, empurrando-o contra a parede em um golpe. Ele me observou em silêncio e com lentidão, afastei-me respirando de forma acelerada.

— Desculpe se machuquei você — pedi. — Estou indo embora. Não deveria ter vindo, para ser sincera. Odeio esse tipo de festa.

— Ah, Vic, faça-me um favor. Você está sempre sendo fotografada nesse tipo de festa, vai fingir que não gosta? — ele disse. Assim que voltei a caminhar, voltou a me seguir de perto.

— Estar aqui e não gostar são coisas diferentes, Jack. Toda essa droga, sexo... É tudo do qual eu tenho tentado fugir — suspirei e parei novamente, encarando-o. — Vamos dar o fora daqui!

— O quê?

— Sim, vamos conhecer como os outros festejam. Vi um pub na cidade

quando estava chegando mais cedo, vamos até lá — completei pensando em que diabos estava sugerindo. *Sair com Jack? De novo.* Apesar da paz das últimas semanas, era estúpido me aproximar de alguém que podia ser desagradável a qualquer instante.

— Por que, Vic?

— Diversão. — Dei de ombros. — Se quiser vir, estou indo agora.

Ouvi seus passos atrás de mim e sorri. Ele estava lindo naquela noite, seus cabelos penteados para trás e aquele sorriso de canto de boca provocador e tão ele... Era como se tivesse me tornado cega para qualquer outro homem, porque a beleza de Jack Evans ofuscava todos ao meu redor.

— Como vamos fazer isso, ruiva? — ele perguntou atrás de mim.

— Táxi. Vou fazer a experiência o mais original possível, celebridade. Vamos pegar um táxi, tomar umas bebidas e voltar. Combinado?

— Por que eu sempre sigo você? — ele perguntou com humor na voz. Era engraçado perceber que tinha esse poder com alguém quando Vic me convencia a qualquer coisa, como trocar de lugar com ela.

— Talvez deva ter te hipnotizado — respondi e dei de ombros, rindo para Jack. Me sentia muito mais eu mesma depois de decidir ir embora daquela casa e me afastar da aura da festa. Procurei por uma saída de serviço, e, vindo da garagem, um carro abastecia a cozinha, deixando a porta aberta para a

liberdade.

— O que você está fazendo, sua louca? — ele perguntou ao me ver passar pelo espaço entre o carro e a garagem.

— Fugindo dos paparazzis — retruquei e agarrei sua mão, saindo pela porta.

Nós andamos vinte metros até que um táxi passasse ao nosso lado. Fiz um sinal e embarcamos em silêncio, torcendo para que o motorista não nos reconhecesse. Evitamos conversar, e depois de dar o endereço, me mantive em silêncio, vendo as luzes da cidade mudar. Quinze minutos depois, o homem nos deixava em frente ao Hampstons Pub, um bar com muito peixe e cerveja. Todos pareciam muito mais relaxados do que nós dois e nossas roupas arrumadas, mas ninguém parecia se importar. Estar na cidade onde quase todo mundo tinha dinheiro e morava em casas enormes tinha suas vantagens, como estar em um pub com um vestido de festa e Jack de blazer e ninguém observar por mais do que uns poucos segundos.

— Bom, bom, bom, um concurso de karaokê — disse Jack apontando para a faixa.

— Vamos ficar aqui e assistir — sugeri com um sorriso. Nos sentamos em uma das mesas laterais próximas ao palco e uma garçonete anotou nossos pedidos, logo depois voltou com duas canecas de cerveja.

— Eu quero participar, Vic. Experiência mais original possível — ele brincou.

— Você sabe cantar?

— Vamos descobrir juntos. Inclusive, é nossa vez, olha. — Jack apontou para o telão piscando “mesa 3”. O quê?

— Vai lá, eu apoio.

— Você também vai — ele respondeu e eu gemi internamente. Fazia anos que não cantava em público. — Alguém inscreveu essa mesa e nós vamos aproveitar.

— Foi você, Jack?

— Nós acabamos de chegar. Aceite um presente do destino, senhorita!

— Vamos cantar o quê?

— “I Will Always Love You” — ele respondeu com um sorriso.

— Por quê? Essa música é difícil!

— Porque se a ideia é passarmos vergonha, nós vamos passar vergonha — ele respondeu ficando de pé e me puxando para o palco. Suspirei alto ao pensar que Jack não sabia onde tinha se metido. Talvez pudesse me divertir com isso no final das contas. Fomos até o palco, pegamos os microfones e avisei para ele:

— Você começa.

Nas primeiras notas, descobri o primeiro problema de Jack Evans. Ele era horrível. Muito desafinado, ele assassinava a música mesmo com o início baixo, em uma mistura de declamar e se engasgar. As pessoas suspiravam ao redor porque Jack era bonito, e era o que importava para a plateia quase inteira de mulheres. Era um milagre ninguém nos reconhecer até então, principalmente do palco. Ele gralhava como um pato enquanto sorria para o público.

Então passou o primeiro refrão e comecei.

Jack me olhou perplexo e parou de cantar. Eu era uma cantora profissional. Vic dizia que nós deveríamos ter sido duas cantoras medianas, mas roubei o talento dela e terminei cantando pelas duas. “I Will Always Love You” era uma das minhas canções favoritas e conhecia ela sem precisar olhar a letra. Jack desistiu de cantar no refrão mais alto, encostou no suporte do microfone e me deu um sorriso. Não tive como não sorrir de volta, curtindo pela primeira vez uma apresentação em público.

Não cantava mais, porque quando meu padrasto descobriu meu talento, me forçou a ter aulas de canto por horas. Eu cantava em quase todos os trabalhos. Por um tempo, odiei o microfone como odiei atuar e depois, só enterrei essa parte de mim.

Tentei animar Jack a cantar a música comigo novamente e ele terminou fazendo um patético “uhhhhh” para me agradar, então ri de sua brincadeira.

Os aplausos tinham toda a energia que eu precisava e virei a cabeça procurando o apoio de Jack.

— Eles vão querer que cante de novo. Foi para me dar uma lição? Isso foi incrível! — disse Jack sorrindo enquanto descíamos novamente para nossa mesa. — Espera, qual é o prêmio?

— Ei, moça, qual é o prêmio? — perguntei para a garçonete que chegava com nossos peixes e batatas.

— Um jantar gratuito — ela contou seguindo para outra mesa.

— Bem, ruivinha, oficialmente temos um encontro recheado. Depois dessa apresentação, vamos comer de graça para sempre.

— Não cantava em público há tanto tempo, me deixou nervosa — confessei.

— Qualquer um apostaria que era uma profissional. Você chegou a ir para a Broadway ou algo assim? É realmente é muito boa.

— Cantei em alguns filmes, mas não quero cantar profissionalmente. Isso mataria a diversão.

— Vou pegar mais cervejas para deixar a diversão viva — ele respondeu com um sorriso nos lábios. Jack se destacava na multidão. Do bar, ele me encarou como se nossos olhares se atraíssem. Em seguida, uma garota loira roubou sua atenção, conversando muito perto do seu ouvido.

Algo gelado aconteceu no meu estômago. Não, Blair. Ele não é seu.

Se alguém me perguntasse, eu não reconheceria, mas sabia que era ciúme. Desde aquela noite no restaurante, seu sorriso me fazia sentir borboletas no meu estômago, meu coração formigar e bater apressado. Não deveria estar me sentindo assim, mas não conseguia evitar. Quando voltei a prestar atenção em Jack, ele sumiu do meu campo de visão. *Ele foi encontrar a garota loira?*

— Fomos descobertos — ele disse sorrindo e parando ao meu lado com duas cervejas alguns minutos depois.

— Temos que ir embora? — Espera, *por que ele está sorrindo?*

— Não. Algumas fãs pediram autógrafos. Dei alguns em troca de nos deixarem em paz hoje. Um dos meus seguranças está nos cobrindo agora.

— Você fez isso em cinco minutos?

— Sou muito capaz. E chamei alguém da minha equipe como reforço.

— De qualquer jeito, amanhã estaremos no TMZ — respondi e ele deu de ombros.

— Eu sei, mas como deu aquele show no palco, não vamos nos envergonhar. Só vão falar como você é boa e talvez mostrar como eu não sou. — Eu gemi alto e ele sorriu. O sorriso também fazia coisas engraçadas comigo. — Por que você odeia aquele tipo de festa? — ele perguntou sério, sentando-se novamente à minha frente.

— Porque entrei na indústria muito cedo e terminei sendo vítima daqueles caras. Eu tinha 17 anos, um corpo de menina e transava por papéis.

— O quê? — ele indagou soltando o ar e batendo o copo de cerveja no balcão. Há alguns anos, depois de muita terapia, percebi que não valia a pena guardar coisas. Falar sobre o que acontecia era melhor do que ter o peso de lembranças desagradáveis sobre mim.

— Meu padrasto. Ele fez de tudo para que fôssemos um sucesso. Além de aulas e aulas, havia essas festas. Leiloaram a minha virgindade em uma delas e a da minha irmã em outra, mas não lembro de quase nada, porque enchia a cara e tomava pílulas. Sabia o que estava acontecendo, mas só... ficava dentro de uma nuvem enquanto eles me usavam. E então eu acordava no outro dia me sentindo uma merda.

— Isso é... — ele se interrompeu como se não soubesse que palavras escolher.

— Chocante, não é? Disse que o passado de algumas estrelas infantis não é bom. Então, quando consegui sair do seu controle, voltei para tudo isso, as pessoas erradas, bebidas e drogas até que Anong me encontrou.

— Por que você ainda vai até esses lugares?

— Porque preciso manter a fachada, ainda estou aqui. Hollywood não perdoa mulheres da mesma forma que homens.

— Sua irmã saiu por isso, não?

— Ela odeia isso, não sabe lidar com essa podridão. Tem gente decente, é claro. Mas também tem essa gente que estava lá com essas meninas...

— As moças da casa de Liam eram maiores de idade.

— Tudo bem, eu sei. Mas queria que pensassem sobre cada uma delas antes de fodê-las, antes de deixá-las nuas como objetos de decoração de uma festa. Elas devem ter seus motivos, como eu estava lá pelos meus.

— As pessoas se usam nessa indústria, Vic. Não seja inocente sobre isso. Elas aceitam ser fodidas, assim como tem gente querendo dormir com elas.

— Mas a que preço, Jack? As pessoas são ambiciosas, mas o talento não deveria passar pela cama de ninguém. Elas dormem com os executivos para conseguir papéis, não porque estão se divertindo.

— Como pode ter certeza?

— Porque é claro que podem ter as que se divertem com o sexo, a exposição, mas eu estive lá. Foder não é a razão, é o caminho, e se você perguntar para a maioria delas, todas vão assumir que esse é o real motivo.

— Por que ficou se odeia tanto?

— Eu não sei. — Realmente não sabia por que Vic ainda atuava. Ela era magnífica, mas carregava uma carga ainda maior que a minha. — Blair é feliz nos bastidores, não precisa lidar com quem acha que é Deus dentro

dessa indústria.

— Tive minha cota de manipulação, mas não sabia que podia ser assim. Quando eu me envolvi com esse tipo de coisa, eu...

— Enquanto estiver dando dinheiro, ninguém se importa com você. Mulheres dão um passo em falso e estão fora. Meu padrasto era inescrupuloso.

— Então gosta de atuar — ele concluiu como se fosse a única resposta possível.

— E você? Como virou ator?

— Escola de cinema. Estudava com Liam, ele precisava de atores para seu curta e eu era um calouro sem dinheiro. O resto é história. Liam é meu grande amigo e ajudou a construir minha carreira.

— Você se perdeu em algum momento?

— Como assim? — Apesar de perguntar, pelo seu olhar, sei que me entendeu.

— Como eu, como todas essas histórias horrorosas que aprendi a não ter vergonha porque são parte do que me tornei.

— Sim, mas não quero falar sobre isso.

— Justo. O que vamos fazer? — respondi, aceitando que ele queria mudar de assunto.

— Você deve cantar mais.

— Tudo bem.

— Só tudo bem, sem mais?

— Sim. Eu gostei disso. Te dei a paz do meu restaurante e você me deu a segurança de subir nesse palco — agradei e me levantei logo em seguida para falar com o homem que estava organizando as canções. Voltei para meu lugar e esperar ser chamada.

— Você deveria realmente tentar cantar sem a pressão, em bares, gravar uma demo...

— Não sei, é ainda pior no microfone do que no palco, porque, quando atuava, minha irmã dividia a carga, mas quando cantava, só eu podia. Ela sempre foi péssima.

— O que vai cantar?

— “And I’m Telling You”.

— Você é muito exibida.

— Disponha! — E então me atrevi a piscar em resposta com Jack rindo de mim.

CAPÍTULO 7

Jack

Victoria Walters podia fazer o maior dos cristãos pecar, e eu estava bem longe de ter a fé que os protegeria. Ela mexeu com algo dentro de mim assim que a conheci, mesmo não querendo gostar dela. Ela era uma distração desnecessária. A mulher naquele palco era um furacão. O dia seguinte após nosso “passeio” amanheceu com os sites de fofocas enlouquecidos por nós dois, como da primeira vez. Sabia que tinha sido eu a inflar a situação com nosso pequeno show no pub. Victoria era uma ótima companheira apesar de sua vida difícil, e me arrependia de tê-la julgado tão cruelmente no primeiro

dia. Como todos pareciam fazer, como não precisei passar nem nos meus piores momentos.

A notícia falava de como Victoria Walters era uma cantora incrível e como nós esquecemos disso. Alguns sites se deram ao trabalho de procurar por seus filmes e séries antigas, e, para minha vergonha, gastei mais minutos do que deveria ouvindo a pequena Victoria cantar. A imprensa também destacava como estávamos em um bar ao mesmo tempo que todo o resto do elenco de “Dúvida” estava em uma festa particular. Nós dois parecíamos íntimos nas fotos, porém de uma forma inocente: comendo, bebendo e assistindo outro cantores, ou no palco, exibindo os dotes de Vic.

Estava caindo em seus encantos, como ela mesma anunciou. “Talvez deva ter te hipnotizado”, Victoria brincou, mas era muito perto da realidade. A cada novo dia, precisava ser ainda mais forte para negar minha atração por ela. Era necessário ser profissional e ter apenas uma amizade morna quando, cada vez que eu a via sorrir, ou sua respiração agitar seus seios, ou seu corpo colado em sua calça jeans, reagisse com uma ereção. Fui um idiota quando a conheci exatamente por isso. Nunca senti essa resposta tão visceral a alguém, como se o meu “eu” das cavernas gritasse que precisava tê-la. Depois houve o caso dos paparazzis, aquele jantar incrível e ela me pescou apesar de eu não querer.

Meus seguranças nos deram carona no final da noite enquanto ela parecia

pacífica, dei um boa noite baixinho antes de eu mesmo seguir para minha casa. Victoria era verdadeira, eu estava viciando e querendo mais. Ela me conhecia há menos de vinte e quatro horas quando me contou sobre uma overdose na adolescência. Estava me entregando uma bomba para a imprensa em uma bandeja de prata, senti que não podia quebrar sua confiança.

Com ela distraindo meus pensamentos, dormi pouco e acordei com o sol raiando. Através da janela, vi um movimento em sua casa e fui até lá. Bati na porta levemente, reparando que um barco com paparazzis apontava câmeras em nossa direção com lentes de longa distância, prontos para capturar qualquer coisa sobre nós dois. Nem tão cedo iríamos pescar naquela doca.

— Bom dia! Estou entrando — anunciei sem deixá-la abrir mais do que uma fresta da sua porta e a fechando novamente.

— Estamos nos jornais? — ela perguntou bocejando. — Quer café?

— Sim. — Fui até sua cafeteira e me servi com uma xícara antes de continuar: — A maioria está bem amistosa, dando muito foco em você e sugerindo que temos uma amizade colorida esquisita. Os seus vídeos cantando distraíram um pouco as pessoas.

— Ainda não olhei o celular, deve ter várias ligações e estou com preguiça de lidar com isso. Qual é seu plano?

— Exatamente nenhum. Eles sabem que estamos gravando aqui e em um

projeto juntos. Não vou me estressar mais — respondi e dei de ombros.

— Nada de pesca então, não é?

— Não... Tem um barco cheio de paparazzis aí fora apontando para as nossas portas.

— Tudo bem, nada de sair apenas de calcinha — ela riu e me deu uma piscadela. Merda, tudo o que não precisava era imaginá-la só de calcinha.

— Você é uma indecente, senhora Walters.

— Vamos ficar ocupados de qualquer jeito, vou ter que planejar nadar nua depois. Te vejo mais tarde nas gravações. Vou tomar um banho, fique à vontade para sair quando quiser — ela falou e me deixou sozinho na sua cozinha. Eu e a imaginação dela nua embaixo do chuveiro.

O início das gravações nos Hamptons se tornou o pior dos meus pesadelos: se pensava que a imagem mental de uma Victoria Walters nua grudou na minha imaginação como uma tatuagem, vê-la no vestido vermelho do figurino me deixava duro. A ruiva me desestabilizava de um jeito que nenhuma mulher conseguiu antes. Apesar de ter visto o teste para as roupas do filme, não estava preparado para vê-la caracterizada como Lina, a rica

herdeira recatada. Olhos curiosos da produção encaravam-na de cima abaixo com o vestido transparente e me enchia de raiva – e tesão – por estar reagindo daquele jeito a ela.

Se a milionária solteirona de Joan Fontaine usava conjuntinhos chatos para ficar “feia”, o problema com a nossa versão era a insegurança, então não era sobre “enfeiar” Victoria, mas sobre como ela deveria agir. Nossa primeira cena com ela seria uma tomada da praia, caminhando com os pés descalços e o maldito vestido vermelho. Os cabelos dela voavam selvagens com um vento criado pela produção ao mesmo tempo que Victoria mostrava vulnerabilidade apenas com um caminhada hesitante e seu olhar pensativo. Foram três takes até Liam ficar satisfeito e começarmos a gravar a cena seguinte.

Ela seria a minha primeira no filme e nossa primeira cena juntos, e Liam teve a ideia de ser também a primeira coisa que filmaríamos, pois traria certo “estranhamento” ao espectador. Eu deveria correr pela praia, com a câmera vindo dos meus pés até ouvir um barulho e esbarrar em Lina, que empurrará uma bicicleta, fazendo-a cair. Nossa ideia, desde o primeiro momento, era deixar em dúvida se Johnnie é o causador ou toda a “dúvida” do filme será coincidência. A luz e o travamento da grua da câmera nos enrolou, fazendo que essas fossem as únicas cenas do dia, mas nada que atrasasse nosso cronograma. O planejado eram alguns dias de externas seguidas por

gravações em estúdio, em Nova York.

Quando encerramos no set, segui para a casa de Liam com Poppy para falar das gravações do dia seguinte enquanto o resto da equipe – incluindo Victoria – voltou para suas casas. Era estressante produzir algo, mas pelo menos éramos uma dupla azeitada com uma boa roteirista, não tínhamos problemas de controle criativo. Nunca passaria por cima de Liam, como ele também nunca desacataria minhas questões estruturais.

Na manhã seguinte, estava cansado: exausto pelo início das gravações e a reunião que durou até o começo da madrugada. Gravar “Dúvida” seria um trabalho intenso.

— Vamos gravar um beijo hoje! — Victoria falou sorridente aparecendo a meu lado já caracterizada e segurando um copo térmico de café.

— Sim, algum problema? — questionei em um bocejo, fazendo-a rir mais.

— Comprou balinhas?

— Engraçadinha.

— De verdade. Não dizem que Clark Gable odiava tanto Vivien Leigh em “O Vento Levou” que mastigava cebolas antes da cena de beijos para ter um bafo horroroso?

— Eu não odeio você, ruivinha — respondi com um olhar suave, fazendo seu sorriso congelar.

A figurinista veio correndo para mim com uma camisa e nos ajeitamos ali mesmo, interrompendo nossa conversa. Victoria tinha um olhar atento sobre mim. *Ela estava olhando meus músculos?* Pensei ao mesmo tempo que retirava a peça de roupa para usar a que a profissional estava me estendendo. Logo em seguida, Liam apareceu ao nosso lado e repassou as marcações. A cena do beijo seria a primeira e notei Victoria estremecer com a notícia. No longa-metragem, Lina já estava enfeitiçada por Johnnie e eles vão a um encontro, onde ele fala sobre o exército e seus desejos do futuro. Ele a conduziria em direção ao mar, se aproximando lentamente e perguntando suave: “posso beijar você?”

Essa era a nossa deixa. Victoria deveria confirmar com um aceno discreto, nervosa pela aproximação. Johnnie chegaria perto de Lina e ela, tímida, responderia prontamente, carente de afeto. Demoramos duas tomadas para chegar a esse ponto, encarando Victoria e seus gestos suaves, encarnando uma mulher tão diferente dela como eu era do oficial com caráter duvidoso. O problema? No momento que Johnnie tocou os lábios de Lina, eu já não estava mais atuando.

Quando minha boca encostou na de Victoria, saí do papel, puxando-a para mim e a sentindo responder na mesma intensidade. Coloquei minha mão em sua nuca, aprofundando mais nosso beijo, quando ouvi Liam gritar “corta”. *Putaquepariu.* Afastei-me assustado, colocando distância entre nós dois

enquanto olhava para Victoria, que parecia tão confusa quando eu.

— Estava ótimo, Jack, mas essa mão na nuca não ficou bonito. Vamos fazer de novo seguindo as marcações, ok? — Liam pediu como se não tivesse notado o que acabou de acontecer. Nós balançamos a cabeça meio culpados e recomeçamos, dessa vez muito conscientes de que não deveríamos deixar a emoção nos tomar.

Regravamos algumas vezes até Liam ficar satisfeito, ouvindo meu cérebro gritar que não deveria gostar tanto de todas as tomadas. Victoria me desconcentrava e sabia que a ruiva estava tão “mexida” quanto eu com a cena do beijo. Ao final, conseguimos fazer o que o diretor desejava e passamos para a próxima cena do cronograma, dessa vez sem contato físico. Nós entramos madrugada adentro com as cenas noturnas e percebi que Victoria era uma parceira excelente, mesmo comigo e meu tesão pela minha companheira de cena. Liam repetiu mais de 300 vezes que nossa química “derramava para fora da cena”.

— Muito obrigado, pessoal. Terminamos por aqui! Agora só na próxima semana! — Liam gritou em nosso set, as pessoas se organizando ao nosso redor enquanto ele nos olhou. — Quero falar com vocês dois. Aceitei participar de um festival de cinema neste final de semana. Eles iriam só passar meu filme, mas decidi fazer uma mesa de discussão sobre nosso próximo trabalho. Falei com o estúdio e eles concordaram. Só depende de

você, Jack.

— Como assim, Liam? Não temos nada para mostrar — respondi.

— Sim, mas vamos conversar e divulgar para a imprensa as primeiras fotos oficiais, para acompanhar essa nossa pequena coletiva. A Star Kingdom pediu para falarmos mais sobre o trabalho... Eles ficaram preocupados com a escapada de vocês dois.

— O que você precisar, Liam — Victoria anunciou suave.

— Se quiser voltar para casa e nos encontrar em Utah, será ótimo, vamos ficar mais alguns dias aqui, mas você não está escalada. Sei que mulheres de Hollywood precisam ver coisas com estilistas para esses eventos.

— É uma ótima ideia — ela respondeu, parecendo aflita para se afastar. — Vou trocar o figurino e ir para casa. Estou cansada.

— Eu vou com você, Vic, vamos para o mesmo caminho — expliquei e Victoria me examinou por alguns segundos antes de balançar a cabeça, receosa.

Ela caminhou para longe, indo até o camarim improvisado dentro de um trailer das imediações. Acompanhei-a com o olhar até sumir da minha visão dentro do lugar. Em Nova York, nossa estrutura seria melhor, mas, nos Hamptons, precisamos nos ajustar no cronograma dos poucos dias de gravação.

— Não estrague as coisas, Jack — Liam sussurrou para mim, atraindo minha atenção e o fazendo me encarar ao parar à minha frente.

— O quê?

— De verdade? Vocês estão tão a fim um do outro que todo mundo consegue ver.

— Besteira.

— De verdade. Por enquanto está ótimo, vocês dois têm essa química, esses olhares que incendeiam, mas, se for um babaca, pode nos colocar em confusão. Victoria parece ser uma garota legal — ele completou cruzando os braços e me observando sério.

— Sim, ela é.

— Não quero que isso se torne um playground para um relacionamento de vocês. Se tudo sobre o filme envolver vocês dois, então não teremos um filme, mas sim a plataforma de Victoria e Jack.

— Não vai acontecer, eu juro.

— Vá com calma, tudo bem? Nós ainda temos uns dias aqui, depois Nova York e depois serão semanas até terminamos as gravações — ele completou se afastando.

Entrei no trailer designado como meu camarim com as palavras de Liam em minha cabeça. Troquei de roupa rapidamente, com medo de deixar

Victoria esperando, e menos de cinco minutos depois estava do lado de fora, aguardando por ela.

— Quer voltar andando? — ela perguntou ao sair do trailer com uma calça jeans e uma camiseta branca. Ela era tão bonita quando não estava com toda a maquiagem e as roupas como quando era “a estrela de cinema”. — Como fomos hoje?

— Estamos em um caminho bom, com as gravações adiantadas — eu disse apontando para a saída do set, que ficava a poucos metros da minha casa e a da dela. Era madrugada e os seguranças estavam por todos os lados, então uma caminhada de cinco minutos era melhor do que entrar em um carro para sair logo em seguida.

— Você acha que estamos bem de verdade? — Victoria me perguntou.

— Claro! Elogiaram nossa química em cena.

— Eu sei, sou muito boa. — Ela sorriu com um tom cômico, me fazendo rir em resposta. — Mas de verdade. Liam é muito tranquilo mesmo quando quer refazer um take setenta vezes, outros diretores são verdadeiros carrascos.

— De ser impossível de trabalhar?

— Sim, sofri muito assédio moral quando era criança. Gente que gritava comigo só porque podia gritar. Então você cresce, e as coisas continuam de maneira diferente.

— Diferente como?

— Com aquelas festas, com pessoas ainda gritando, você respondendo, os jornalistas te chamando de diva por discordar do “rei” do set de filmagem. É tudo muito complicado.

— Deveriam fazer um cartão de milhagem para atores infantis, estou horrorizado com tudo que me contou até agora — brinquei sabendo que poderia ser algo bem real.

— Tem gente que tem sorte e tem gente que tem azar. Às vezes, o segredo é se conformar com o que o destino te deu e lutar contra algumas práticas.

— Como?

— Participando de projetos e iniciativas: mulheres roteiristas, mulheres diretoras, aconselhamento de pais, projeto de monitoramento de filmagens envolvendo crianças. Tudo que você imaginar que eu consiga defender de algum modo, tento participar. O #MeToo foi uma grande coisa, mas tem muito a se lutar nessa indústria.

— Isso é legal da sua parte.

— Não é sobre ser legal, é por saber que, se qualquer uma dessas coisas existisse na minha época, minha história de abuso seria outra.

Parei de andar, chocado com as palavras, e lembrei. Empurrei para longe a memória sobre Victoria Walters quando nós a contratamos, focando como ela

era “a garota problema de Hollywood”, mas existia uma história muito maior em sua vida. Pensei em cada foto de tabloide e os textos divulgados no processo. Victoria tão jovem saindo de casa e seguida por policiais após o estupro, seu julgamento pelo assassinato do padrasto e absorção por legítima defesa... Estava puto. Puto comigo mesmo por lembrá-la, por ter pensado tão mal dela agora que a conhecia, pelo que ela passou na indústria do cinema e pelo abuso que quase destruiu sua vida.

— Vic, eu...

— Não vou falar sobre isso, Jack — ela respondeu séria, encarando-me por alguns segundos antes de continuar a andar.

Balancei a cabeça em sinal de afirmação e continuei caminhando ao seu lado, silencioso, até chegarmos à sua porta. Assim que ela abriu, me enfiei pelo pequeno espaço, fechando-a atrás de mim, me negando a dizer adeus.

— Está maluco? É madrugada, vão inventar todo o tipo de coisa sobre você aqui e... — ela reclamou e me aproximei devagar, então peguei seu rosto entre minhas mãos.

Victoria me olhou muda, sua mirada caindo primeiro em meus olhos e depois em minha boca. Eu fiz o mesmo, hipnotizado por aquela mulher entre as sombras da madrugada. Fechei meus olhos e grudei minha testa na dela, a respiração acelerada. Os segundos passavam lentamente sem conseguir me

afastar de Victoria.

Me estiquei até nossos lábios se tocarem. Ela gemeu em resposta, abrindo-se para mim, e aproveitei o espaço para começar uma exploração com minha língua. Sua boca dando pequenas mordidas que me enlouqueciam enquanto nosso beijo se aprofundava. Girei meu corpo, segurando Victoria pela cintura, e pressionei-a contra sua porta, nossos lábios em um duelo ao mesmo tempo que minha ereção crescia em minhas calças. Ela cavava suas unhas no meu cabelo, me apertando contra si em um beijo que ia cada vez mais além.

Victoria plantou suas duas mãos em meu peito e emituiu um suspiro pesado, empurrando-me para longe. Afastei-me em confusão, porque em seu rosto brilhava luxúria, embora ela tentasse me manter à distância.

— O que foi? — perguntei em um murmúrio.

— Não podemos — ela sussurrou de volta. — Não podemos. Preciso que vá embora.

— Não entendo...

— Nós não podemos — ela continuou, agora parecendo murmurar mais para si do que para mim, tentando ter firmeza em sua voz. — Isso vai confundir as coisas.

— Mas você me deseja e eu te quero — falei e observei Victoria fechar os olhos por alguns segundos, parecendo lutar para dizer qualquer coisa. As

mãos dela ainda estavam em meu peito e coloquei meus dedos sobre os dela, apertando-os com gentileza ao esperar sua resposta.

— Por favor... Se depois do filme nós dois ainda sentirmos isso... Mas não agora. Por favor, não me faça implorar — ela disse em um fio de voz enquanto evitava olhar em meus olhos. Dei alguns passos para trás, tentando nos afastar daquela miséria. Precisava partir.

— Me desculpe — sussurrei de volta e caminhei decidido até a porta, ainda em choque pelo que havia acabado de acontecer.

CAPÍTULO 8

Blair

— Minha estilista deve chegar a qualquer momento e você precisa trocar de roupa — Victoria disse me encarando de sua cama, olhando minhas roupas de cima a baixo. — Estou sempre bem-vestida, Layla vai reparar se chegar e você estiver assim. Eu nem mesmo durmo com esse tipo de coisa.

— Desculpe se minha falta de estilo te ofende — respondi com um sorriso tímido enquanto minha irmã parecia chocada pela minha escolha de roupas para encontrar sua stylist. Desde que contei sobre o festival de cinema, minha gêmea movimentou 300 profissionais diferentes para garantir que eu

estivesse “apresentável” no evento. Uma coisa era eu indo às leituras com camisa de banda, outra era ser fotografada com um estilo diferente da “queridinha das comédias românticas”.

— Não fui eu quem disse ser estilosa, foi a capa da Seventeen. “As 10 mais bem vestidas do ano” — Victoria respondeu com humor, fazendo-me rir de sua reação, porque eu sabia que ela detestava a imposição das revistas sobre sua forma física ou forma de se vestir.

Minha irmã gostava dos holofotes, estar sempre impecável e fazer o que era necessário como uma celebridade, mas isso não a fazia mais simpática a eles. Ela temia o poder que tinham e ainda tremia a cada novo ensaio fotográfico que era convidada a fazer. No ano anterior, ela estava na lista de jovens promessas da Vanity Fair e nunca vi Victoria mais nervosa do que antes da sessão de fotos.

A decisão de Liam de nos levar para o festival de cinema em Utah era mais uma gota que podia ajudar a transbordar a mentira sobre “Victoria Walters”. Nós não tínhamos cenas finalizadas e apenas uma semana de gravações de externas, mas o diretor achou que seria interessante, já que “Dúvida” chamava mais atenção pela movimentação de bastidores entre Jack e eu do que pelo trabalho. Algumas revistas de fofoca ainda pareciam interessadas em nossa “amizade” mesmo depois de alguns dias, e vir para Los Angeles não fez bem para a perseguição dos paparazzis.

Apesar dos perrengues com os fotógrafos e minha falta de privacidade, agradecia o timing da situação. Depois do beijo, eu fugi de Jack. Literalmente. Arrumei minhas coisas, chamei o motorista e voei madrugada adentro, queria estar o mais longe possível do ator – e do meu desejo por ele. A distância não diminuiu o sentimento esmagador de querer correspondê-lo apesar das mentiras, das borboletas em meu estômago crescendo em ansiedade. Jack Evans era perigoso para mim e para meus sentimentos.

Victoria parecia notar que algo estava acontecendo, mas também não perguntou. A técnica favorita da minha irmã era me dar olhares e falas tranquilas e me fazer sentir culpada a ponto de me obrigar a contar o que quer que estivesse acontecendo. Costumava funcionar, mas não dessa vez. Parecia irracional, mas queria Jack só para mim. Detestava ter que ouvi-lo me chamar de “Victoria”.

— Layla chegou, peço para subir? — Tyra, a assistente de minha irmã, anunciou da porta do quarto.

Assim como Elijah, ela sabia o que estava acontecendo, mas não dizia nada a respeito. Tyra também estava com minha irmã há anos, desde que Vic começou a fazer comédias românticas. Era uma mulher baixa e gordinha, mas com mais energia do que já vi alguma vez em alguém.

— Fale que estou descendo. Blair está a caminho — Victoria respondeu com um sorriso. — Ela só precisa trocar de camisa e de calça... Talvez um

sapato... Você sabe.

Cerca de vinte minutos depois, finalmente encontrei Layla e Tyra conversando no sofá da sala principal. Estava vestida com uma calça e camisa da minha irmã, mas ao contrário de Victoria, não sentia conforto naquele conjunto de alfaiataria. Qualquer um que a olhasse por mais tempo notaria o desconforto, mas eu pretendia fazer do meu jeito daquela vez. Assim que Layla me viu, pulou sobre mim me cumprimentando e falando alto através de um sorriso aberto. Ela era colorida e estilosa, empolgada sobre seu trabalho enquanto se equilibrava em saltos altíssimos, uma calça azul neon, uma jaqueta preta e, somando-se a isso, o cabelo rosa. Durante os minutos seguintes, ela fez um monólogo sobre o tamanho da minha cintura, sobre aquele Gucci que ficaria casualmente perfeito ou sobre como eu estranhamente estava com cara de quem usaria Balmain.

— Então vamos estreiar em festivais indies? Nunca te enviei para um evento desses, mas temos uma primeira vez para tudo. É sempre tão simples, todos usam jeans... — ela reclamou e eu ri em resposta por sua expressão chateada.

— Posso apostar que as celebridades usam jeans de grife. Vamos lá... Confio em você.

Victoria e Layla conversaram por telefone sobre o festival e minha irmã pediu vestidos com meias e casacos quentes, pois estava frio em Utah. A

estilista me mostrou as referências em seu iPad e algumas peças ao vivo, mas pedi para mudarmos tudo. Detestava a parte da fama onde era obrigada a vestir o que não queria e manter a pose para não ser flagrada por paparazzis. “Sente-se elegantemente ou vão fotografar sua calcinha”. Como eu seria Victoria, a atriz de cinema seria um pouco mais “eu” do que a queridinha das comédias românticas.

Pedi para Layla separar os odiados jeans e uma jaqueta verde militar linda. Ela me convenceu pelos sapatos altos, quando tudo que eu queria era uma boa bota baixa com uma meia quente.

— Isso não faz seu estilo, mas é uma ótima combinação — Layla respondeu incerta. — Vou mandar essa e as outras roupas até o final do dia. Faça uma chamada de vídeo para te ajudar, certo? Justin fará sua maquiagem?

— Não, ele indicou um amigo que estará em Salt Lake City — respondi e dei de ombros, repetindo o que Victoria tinha combinado horas antes com seu maquiador.

— Tudo bem. Me ligue quando as roupas chegarem, vista, tire fotos. Você precisa se sentir confortável. Amanhã, quando se vestir com maquiagem e penteado, eu também preciso ver, ok?

— Tudo bem...

— E Vic... O que deu em você? — ela perguntou com olhar suspeito.

— Acabei de chegar de Nova York e estou saindo amanhã de manhã, deve ser o fuso.

— Tudo bem... — ela respondeu recolhendo as coisas pela sala de Victoria.

Enquanto Tyra se despedia da estilista, subi os degraus da casa em direção ao quarto da minha irmã gêmea para pegá-la no corredor, saltitando com sua imobilização. Ela parecia melhor depois das semanas seguintes.

— O que está fazendo? — perguntei chegando perto para fazê-la pegar em meu braço. Victoria perderia o equilíbrio a qualquer momento.

— Tentando espiar — ela respondeu tímida. — O que escolheu?

— Você vai detestar — anunciei e peguei meu celular, mostrando a montagem que Layla fez em seu iPad e que fotografei, porque conhecia a curiosidade de Vic.

— Isso não é nada meu estilo, irmã.

— Mas é o meu. Quero ficar confortável nessa primeira vez, odeio esses eventos — respondi e ela me deu um olhar amoroso.

— Eles melhoram quando você é adulta, eu juro.

— Ainda assim... Não deveria estar aqui. Eu prometi leituras de roteiro, e de repente estou gravando e indo a festivais de cinema.

— Ah, Blair. Vou ficar devendo para sempre. Prometo que vou recompensá-la — minha irmã falou com um sorriso, deixando ser conduzida para dentro do quarto, com seu gesso e sua imobilização fazendo a tarefa demorar vários minutos.

O voo para Utah seria no dia seguinte. Além de Jack e eu, Liam e Poppy, nossa roteirista principal, também participariam do evento – uma conversa com o público depois da reexibição de “Tempestade”, o famoso filme de Liam. A ideia é falarmos dos obstáculos e paradigmas sobre adaptar um Hitchcock e mostrar algumas imagens aprovadas pela Star Kingdom. Como era apenas a atriz, enquanto os outros estavam participando da produção, esperava ser deixada de lado. O mais provável é que tirasse muitas fotos e respondesse poucas perguntas.

Para ser justa, já estive nesse tipo de festivais, participando de palestras e encontros, mas nunca como alguém que fãs gritariam o nome. Quando criança e adolescente, só participávamos de eventos maiores e com mais segurança, e, depois do anonimato, só era a irmã gêmea que não era famosa. Victoria, por outro lado, precisava se preparar para qualquer aparição pública. A base de fãs da trilogia “Miragem” a seguia por todos os lugares, e um festival de cinema era uma ótima oportunidade para vê-la de perto.

Nem mesmo me lembrava de como posar em tapetes vermelhos, mas Vic fez o seu melhor para me explicar, tentando se equilibrar em sua muleta,

como eu deveria me portar. Minha irmã tinha uma posição padrão, com a mão na cintura, um joelho um pouco projetado, as pontas dos pés juntas e o calcanhar separado. Era uma ciência e quase uma partida de Twister. Minha outra opção seria manter as pernas do mesmo jeito, peito projetado para frente e mãos ao longo do quadril com ar natural. E por último: não sorrir.

— Como assim não sorrir?

— Mostrar dentes é feio — Victoria respondeu e deu de ombros.

— Aos 17 anos a gente sorria.

— Aos 17 anos tínhamos fotos péssimas — ela pontuou e, bem, era verdade. Tentei imitá-la, mas minha irmã fez uma careta, como se as coisas não se encaixassem.

— Você tem alguma razão. Eu pareço ótima desse jeito, mas você só parece entediada. Nós temos o mesmo rosto, não deveria ser tão difícil.

— Eu sei, não disse?

— Sorria para mim de boca fechada... — ela pediu e eu fiz, sendo dispensada com a mão boa da minha irmã enquanto ela fazia uma careta ainda pior.

— Menos, assim você parece uma maníaca!

— Tudo bem... — fiz de novo.

— Esse está bom, é bem neutro. “Estou bonita e feliz de estar aqui”.

— Tem certeza?

— Tenho, treine no espelho hoje e amanhã para não parecer uma assassina em série com um plano, e, ah! Abaixei um pouco o queixo para projetar o rosto — ela ensinou, posando para demonstrar.

— Isso é tão chato...

— Eu sei, mas temos que trabalhar a imagem nesse negócio. E pelos próximos dias, você é Victoria, e eu sei posar para fotos.

— Tudo bem...

Continuei minha educação sobre as maneiras certas de posar, e no dia seguinte estava em Utah com um sorriso contido para não parecer uma maníaca, pernas juntas, joelho projetado, calcanhar afastado, tudo o mais que ela me ensinou. Pelo menos a jaqueta era maravilhosa, *será que eu poderia ficar com ela?* Voei cedo para Utah e passei horas no hotel sendo maquiada e preparada para o evento da noite. A estrutura do evento era menor, com um cercadinho de fotógrafos que gritavam o nome de Victoria ao mesmo tempo que posávamos na frente a uma parede com a marca dos patrocinadores.

Cinco minutos, murmurei para mim mesma.

Entrei no cinema logo em seguida, onde seguranças e funcionários nos guiavam pelo ambiente enquanto algumas pessoas conversavam perto de um coquetel.

— A senhorita pode vir para o salão se quiser — o funcionário me alertou como se esperasse que o seguisse.

— Posso assistir ao filme em vez disso? — O assistente me olhou confuso. Na maioria dos tapetes vermelhos, as pessoas não assistiam aos longas-metragens. Entram, posam para a imprensa, saem da projeção, às vezes voltam nos minutos finais.

— Claro, claro. Siga-me! — a pessoa respondeu ainda achando meu pedido estranho.

Entendia por que as pessoas não assistiam aos seus próprios filmes: depois de vinte cortes diferentes e a versão final, não aguentaria assistir o mesmo projeto em todas as exibições. Ainda com as luzes acesas, o assistente me levou até onde deveríamos nos sentar. Liam não estava lá, e eu apostava que só apareceria no final. Poppy acenou sorridente alguns lugares à distância.

— Os rumores sobre um namoro não vão terminar se assistirmos isso juntos — Jack anunciou surgindo ao meu lado e se sentando no mesmo instante que me dava um sorriso cálido. *Nós fingiríamos que aquele beijo nunca aconteceu, é isso?* Ele estava lindo como sempre, em uma jaqueta preta estilo bad boy e um jeans escuro.

— Mas esse lugar está reservado para nós! — protestei e ele fez uma expressão sem paciência. — Além disso, queria ver o filme do Liam em uma

tela grande. Só vi em casa, e ver daqui deve ser uma experiência e tanto. Tecnicamente vou assistir a um filme que não vi no cinema, só em casa. Além do mais, estou prestigiando meu amigo e diretor. Adoro essa experiência da tela. Seu motivo? — eu disse para ele com um sorriso. Aquele riso fazia coisas indescritíveis em mim.

Nós estávamos em um lugar público e sabia que Jack não falaria sobre o beijo, mas não queria fingir que não tinha acontecido. Será que ele me achava uma má beijadora, uma experiência ruim? *Pare de remoer, cérebro! Aproveite os momentos com ele, porque quando Jack descobrir sobre a troca com sua irmã, não vai ser bonito.*

— Também queria ver em tela grande — ele confessou.

— Sério? Achei que, como amigo de Liam, já tinha visto.

— Eu vi, mas nunca em um cinema. É bom apoiar um amigo.

— Meu motivo também é mais egoísta, queria saber como ficavam as cores em uma tela tão grande.

— Como assim as cores? — Ele me olhou parecendo interessado. Merda, eu ia entrar na área de Blair e não Victoria, mas dane-se.

— As cores... Ouvei falar que o filme foi todo colorido cena a cena em uma espécie de “E Aí, Meu Irmão, Cadê Você?”, como uma homenagem mesmo.

— Você diz a fotografia?

— Sim... Vamos lá, Jack, deve saber que “E Aí, Meu Irmão, Cadê Você?” foi o primeiro filme da história a ser todo colorido digitalmente e foi retocado cena a cena, pena que tem todo esse maldito laranja e azul.

— Sua irmã andou conversando muito com você, aparentemente. — Ele riu para mim, atraindo a atenção das pessoas ao redor. *Merda!*

— Como assim? — perguntei distraída. Sabia que esse era um dos assuntos de Blair, mas não conseguia evitar.

— Todo colorista de Hollywood odeia o *Orange-and-teal*, baby. Eles fazem, mas odeiam muito, dizem que fazem os filmes ficarem parecidos uns com os outros.

— Mas é verdade, não é? É tudo muito parecido. E podem dizer que é preguiça do diretor e da produção de elenco, mas corrigir as cores de um filme é uma arte. Reduzir tudo a uma combinação de cores é chato...

— Ah, Deus, você é nerd da fotografia! Mas vamos lá, é pelo público. É como todos esses filmes de terror com fotografia azul ou esses filmes distópicos apocalípticos cinza desbotado. É o código do público.

— Um código preguiçoso, mas entendo, apesar de ser “apenas” toda a imagem que o longa vai passar, literalmente — disse sendo irônica. — Um filme precisa ir para rua render dinheiro, ninguém quer gastar tempo pensando em outra paleta.

— Wes Anderson gasta um monte de tempo em sua paleta, é sua assinatura. Outros também gastam, mas vamos lá, é a indústria.

— É... É a indústria.

— Me faz um favor? — ele perguntou depois de uma breve pausa.

— Diga o que precisa — falei desconfiada.

— Nada demais, só elogie sua irmã. Assisti a algumas coisas que ela trabalhou e, apesar de alguns terem o tal laranja e azul, ela é excelente. E, pelo visto, gosta de discutir o tema com você.

De verdade? Ele estava me elogiando? A verdadeira eu.

— Ela vai ficar feliz.

— Fale mesmo, as pessoas não valorizam esses profissionais, e apesar de alguns diretores controlarem isso completamente, como o Wes, a maioria ou não liga ou não tem ideia de como as cores podem comprometer o trabalho.

— Isso é legal da sua parte, Jack.

— Eu sou legal, querida. Vou pegar pipoca, quer? — ele indagou, levantando-se.

— Aqui tem pipoca?

— É um cinema, sempre tem pipoca.

— Pensei que um festival não deixaria a comida “atrapalhar” a atmosfera

— conclui irônica e Jack riu em resposta. Pessoalmente achava uma besteira. Toda a minha vida pensei em cinema e lembrei de pipoca quente e amanteigada. Só esnobes da indústria achavam que essa comida dos deuses atrapalhava sua arte.

— Estou pouco me lixando para o que eles acham. Cinema merece pipoca ou não é um cinema de verdade — ele disse piscando para mim e sumindo da minha visão. *Droga... Não queria gostar tanto de Jack.*

Eu me diverti com o filme e com a sessão de perguntas. A apresentação foi um sucesso, mas eu não fiz nada além de dizer que “estava honrada em ser escalada”, que o papel “era o mais desafiante para minha carreira” e que não “eu não estava seguindo um plano de exercícios para as cenas sensuais”. Era terrível o que Hollywood fazia com as mulheres. Nunca ninguém perguntaria a Jack sobre sua dieta e seu plano de exercícios em uma coletiva sobre trabalho – mesmo que ele esteja claramente muito mais musculoso do que meses atrás.

Depois de meia hora de perguntas e respostas – em que eu sorri mais do que falei alguma coisa –, fomos para o coquetel de abertura do festival de

cinema. Queria sair o mais rápido possível, porque a cada novo ator que me cumprimentava, não sabia que tipo de relação tinha com Victoria. Esse falso ar de amizade hollywoodiano atrapalhava mais do que ajudava na minha “atuação”.

— Vamos sair daqui? — Jack perguntou parando ao meu lado. Podia reparar que ele evitar se aproximar muito para não parecermos “íntimos demais”, mas ainda tomava cuidado para que os outros não nos ouvissem.

— Como assim?

— Não param de fazer perguntas, quero sumir um pouco, quer vir? — ele sussurrou em resposta. Até agora, só eu o tinha chamado para a aventura. Nas duas vezes que estivemos sozinhos, era minha versão do que queria fazer para me distrair. Estava curiosa sobre o que Jack faria para “fugir” desse coquetel.

— Vou sair pelos fundos, Deus sabe que não consigo correr e me esconder nesses saltos — revelei apontando para meus pés e recebendo um olhar cômico de Jack.

— Isso é uma abominação. Como consegue andar?

— Andando, mas não me peça para correr, porque irei desabar.

— Ótimo. Me encontre no vestíbulo — ele pediu e saiu andando, como se eu fosse obedecer às suas ordens com essas poucas palavras.

Cinco minutos depois, me escondendo entre as pilastras da entrada, Jack passou por mim, puxando-me pelo braço e me fazendo andar rápido em sua companhia.

— Minhas pernas são pequenas, Jack — anunciei e ele parou de repente, jogando-me em suas costas e correndo para o outro lado da rua para entrar em um táxi. *Que diabos aconteceu?*

— Problema resolvido — ele disse para mim com um sorriso e dizendo para o taxista: — Vamos para Great Salt Lake Marina, ok?

— Que merda, Jack, poderia ter caído... E imagina se algum paparazzi conseguiu ver isso? — reclamei em um murmúrio, com medo do taxista ouvir.

— Mas não viram. Eu cuido de você, ruivinha. Não caiu nem fomos pegos, uma fuga perfeita! — ele comemorou e colocou a mão em minha bochecha, um olhar de ternura aparecendo por poucos segundos antes de sua expressão brincalhona voltar. — O que importa é que despistamos qualquer paparazzi que estivesse nos seguindo.

— Por que a marina?

— Porque meu pai tem um barco lá.

— Eles moram aqui?

— Sim, mas ele e minha mãe estão de férias agora. Quer ir até minha

casa?

— Não, não foi isso que quis dizer... — expliquei confusa, sentindo minhas bochechas ficarem vermelhas.

— Eu sei que não, mas gosto de te provocar, ruivinha. Vamos ficar um pouco no barco e voltar, tudo bem? Confia em mim para isso?

— À noite?

— Sim. É uma visão linda do lago, pena que faz tanto frio.

— Oh! Você é daqui, não é?

— Sim — ele disse rindo para mim. — Nascido e criado nos arredores de Salt Lake City.

— Você é mórmon?!

— E é por isso que nunca conto que eu sou daqui — ele completou gargalhando. — Não, não sou mórmon e a cidade não é só formada de mórmons.

O táxi parou e nós descemos. Pegando em minha mão, nós passamos pela entrada sem problemas e Jack me guiou entre as docas até achar um barco pequeno batizado de “Vicent”. Ele me ajudou a subir e me deixou sentada em uma das laterais antes de buscar algo na parte de baixo. Jack surgiu com um colete, colocando-o ao meu redor.

— Tudo bem, capitão, vamos passear ou não? — perguntei para Jack, que

tinha um olhar penetrante sobre mim.

CAPÍTULO 9

Jack

Victoria parecia tão pequena com o colete salva-vidas ao seu redor. Sorri para ela, feliz por nossa pequena aventura, sentando-me na outra extremidade do barco ao mesmo tempo que era invadido por lembranças. Passei minha infância navegando com meu pai, estar em uma embarcação era como meu elemento, sentindo o frio e o sabor salgado em meus lábios. Não fazia aquilo há tantos anos... Era quase como se minha essência tivesse escapado de meus dedos.

— Venha até aqui — pedi para Victoria, estendendo minha mão para ela.

Sabia que ela não queria, mas precisava dela perto de mim, ao menos naqueles poucos minutos tranquilos em que a noite escondia nosso segredo da visão de curiosas.

— Jack, eu acho que...

— Por favor, só me deixe abraçá-la. Preciso disso — confessei e ela balançou a cabeça, seu olhar confuso.

Victoria se aproximou com delicadeza, temendo que o barco virasse com seus passos. Quando ela me alcançou, sentou ao meu lado e puxei-a para mim, circulando meu braço ao seu redor. Nos ajeitei da melhor forma possível, sentindo o salva-vidas entre nós dois, me enrolando nela em um abraço apertado.

— Esse barco me traz memórias agri-doces. Passei tanto tempo aqui — revelei e ela levantou o rosto, atenta para mim mesmo sem conseguir ver muita coisa além das luzes da marina.

— Seu pai te ensinou a navegar?

— Tanto a mim como Vince, meu irmão.

— O “Vincent” do barco?

— Sim, o próprio.

— Ele deve ser convencido, já que tem o nome do barco e você, não.

— Na verdade... — *Merda, odeio falar disso.* — Ele morreu há nove anos

e rebatizamos o barco. Antes ele se chamava Rose, como minha mãe.

— Me desculpa, eu... — Victoria pediu tentando se afastar, fazendo-me abraçá-la ainda mais apertado.

— Tudo bem, Deus sabe que se desculpar não vai diminuir minha culpa.

— Como assim sua culpa? Jack...

— Eu me descontrolei. A porra da vida que a gente leva sobe muito rápido, vicia — expliquei, interrompendo-a. — Ele bateu o carro em uma dessas noites. Ganhei dinheiro muito rápido e eu queria gastar mais rápido ainda: droga, bebida, festas, mulheres.... Meu irmão odiava tudo isso.

— Isso é comum, Jack.

— Eu sei, mas meu irmão muito responsável não estava feliz, sentia medo por mim, então me acompanhava nos lugares. Enchi a cara e ele me carregou para fora antes que tudo ficasse pior. Passei mal por todo o trajeto, e paramos para eu vomitar no acostamento várias e várias vezes. Ele não colocou o cinto de segurança, e quando um carro bateu na gente, Vince saiu voando pelo para-brisa.

— Oh! — ela exclamou no meu abraço, sua mão em sua boca como em choque antes de se virar para mim e me abraçar forte, dessa vez Victoria me aninhando em seu pescoço em um gesto de consolo. — Foi um acidente, Jack.

— Não consigo me perdoar — respondi com a voz embargada. — Não importa o quanto me digam que foi um acidente, sempre vou pensar que ele estar lá era culpa minha. Se eu estivesse sóbrio, ele estaria de cinto. Acordei no hospital com uma concussão e com meu irmão morto. Eles fizeram uma investigação, porque eu tinha tanto álcool no meu corpo que achavam que Vince...

Senti a lágrima solitária escorrer quando as palavras de afogaram em minha garganta. Não passou um dia que não pensasse em Vince, no meu irmão mais velho tão amigo e leal até o último minuto de sua vida. A morte dele provocou uma ruptura na família que só os anos puderam acalmar. Nunca seria como antes, mesmo com meus pais não me culpando pelo acidente.

— Você não deve ser culpar, Jack...

— O tempo foi acalmando a dor dentro de mim. São tantos “e se”, e ele era tão novo! Estava deslumbrado pela vida de Hollywood, tão novo e com tanto dinheiro. Todos queriam sair comigo, festejar, estar juntos. A vida pode ser um grande teatro, perdi o mais importante.

— Como é a relação com seus pais?

— Naquela noite, eu perdi um irmão, meu pai e minha mãe. Eles não me reconheciam mais e sabia que tinham razão. Foi um processo longo até me

ver livre de tudo e todos, aprender a dizer não.

— Então essa não é uma visita rara, é?

— Quase não venho à cidade. Tudo me lembra o Vince. É difícil e nada é o mesmo. Consegue ver essa madeira descascada aí perto do banco? Foi ele tentando me provar que o barco flutuava porque era de madeira, não importa se “é madeira branca”. Ele escreveu seu nome por cima...

— Jack... — Ela me olhou preocupada ainda me abraçando forte.

— Está tudo bem, meu amor. Dói lembrar, mas é uma dor boa. Desculpa te fazer vir aqui para assistir meu show de piedade. Queria um passeio em que ninguém estivesse a nosso encalço tentando tirar fotos, não pensei no que isso ia gerar.

— Estava na hora de conhecer alguns dos seus segredos, já que sabe um monte dos meus.

— Quer mais um segredo, ruivinha? — perguntei vendo seus traços através da luz tênue. Ela era linda e me deixava duro de desejo apenas de senti-la em meus braços.

— O que, Jack?

— Você me atrai como nenhuma mulher me atraiu antes, e toda vez que vejo você, só quero tê-la em meus braços, beijá-la, fazer amor e... — Victoria me calou com seus dedos sobre minha boca, como se quisesse que eu parasse

de falar. Fechei os olhos com irritação, sabendo o que aquilo significava. Ela me mandaria embora novamente.

— Eu não posso, Jack. Um dia vou explicar, mas não agora — ela respondeu com a voz cheia de frustração.

— Você é casada? Namora? Que diabos... O que está acontecendo? — questionei em um murmúrio e ela não me respondeu pelos longos segundos em que ficamos ali, encarando um ao outro através do que as sombras permitiam ver.

— Podemos só ficar assim, abraçados? Se pudesse explicar, explicaria, mas não posso — ela confessou impotente. — Por favor! Eu juro que depois... Mas não...

— Tudo bem, querida. Vou te deixar em paz. Por enquanto — concordei ao interrompê-la, atraindo-a mais para meu peito e dando um beijo leve em sua testa.

Perdi a noção do tempo ao tê-la em meus braços. Poderia ficar daquele jeito para sempre e não reclamaria. Quando Victoria começou a tremer, percebi que já fazia horas desde que estávamos ali, era hora de deixar nosso pequeno oásis silencioso para trás e voltar para a vida na qual ela evitava nossos sentimentos.

— Vamos embora, você está com frio — disse a afastando e puxando meu

casaco, colocando-o ao seu redor.

— São essas roupas, em vez de me dar algo para proteger do frio, a estilista escolhe algo bonito. É uma jaqueta, mas nem de longe esquentava como a sua.

— Vou lembrar de dividir meus planos no futuro. Assim você se prepara para um tapete vermelho, uma fuga pela cidade e um passeio de barco.

— Muito engraçado — ela respondeu tentando se ajeitar entre minha jaqueta e o salva-vidas ao mesmo tempo que se levantava.

— Você ainda me deve um passeio de barco — lembrei-a. Saí da embarcação e ajudei Victoria com seus sapatos de salto. *Era um milagre que não tivesse prendido em algum lugar.*

— Talvez os paparazzis nunca deixem. — Ela riu. — A menos que façamos isso de madrugada, como agora. Em Utah se pesca?

— Sim... Mas agora vamos descansar. Foi uma longa noite. Também te colocaram no Grand Hotel, certo?

— Sim — ela disse olhando para seus pés antes de continuar. — Mas não devemos chegar juntos ao hotel.

— Eu sei, querida. Avisei para minha equipe de segurança e vão nos colocar para dentro pela porta lateral.

— Eles estão aqui?

— Estacionados do lado de fora da marina. Chamei enquanto você babava no meu peito agora há pouco.

— Ora, seu! — Ela me deu um tapa no meio do meu peito, exatamente onde sua cabeça estava minutos atrás. — Eles sabem que estávamos juntos?

— Vão descobrir. Eles são pagos para serem silenciosos — respondi e dei de ombros, caminhando com Victoria para fora.

Assim que nos viram, Clark e Dino, meus seguranças pessoais, se aproximaram murmurando um “boa noite, senhor” e indicando um carro escuro. Nos sentamos no banco de trás e notei que Victoria não soltou minha mão nem mesmo quando entramos no veículo em direção ao hotel. Parecia certo. Com os dedos entrelaçados em meu colo, aproveitei a mão livre para tocar sua pele delicadamente, como se estivesse distraído. Sua respiração acelerou só pelo movimento simples e isso fez a reação em cadeia acontecer: estava excitado e com vontade de tê-la.

Nós estacionamos no hotel e, após uma verificação rápida, Clark e Dino nos levaram até o nosso andar, deixando-nos sozinhos novamente.

— Obrigada por hoje — Victoria disse quando paramos em frente ao seu quarto e ela tirou o cartão magnético da porta. — Você quer...?

— Acho melhor não — respondi sabendo que estava tentado a quebrar minha promessa. Já estava me esforçando o suficiente apenas por estar

parado na frente dela por mais do que uns poucos segundos. — Te vejo em Nova York, ruivinha.

— Não voltamos para os Hamptons?

— As gravações no estúdio foram adiantadas. Vamos comunicar oficialmente para a equipe amanhã. O cronograma de gravação está uma loucura porque dependemos da Star Kingdom e tivemos o problema com os equipamentos da externa. Nos avisaram ontem à noite.

— Vai dar tudo certo, Jack. É um projeto incrível.

— O resto do elenco deve ser juntar a nós em Nova York. Isso se não tivermos mais nenhuma mudança de cronograma.

— Trabalharam muito nisso. Produções são trabalhosas.

— E complicadas. Detesto mentiras, pedidos cifrados. Não sei para que me chamaram no escritório do estúdio. Vou para L.A. antes das gravações para resolver isso tudo. — Suspirei irritado pelo pedido “urgente” da Star Kingdom. A reunião marcada às pressas acendeu sinais de alerta em minha cabeça. — Devo chegar a tempo de gravar.

— Se cuide — ela desejou antes de olhar para baixo como se estivesse lutando para dizer ou não algo que queria. — E, Jack... Não foi sua culpa. Já temos demônios demais para você viver com mais esse. Só agradeça por todos os dias com Vince, ok?

— Vou tentar.

— Só pense em coisas positivas, tudo bem? — Victoria completou, entrando no quarto e fechando a porta. Olhei para o espaço vazio onde ela ocupava, sabendo que tinha razão.

O acidente com Vince foi uma fatalidade cruel apesar de me negar a vê-lo como tal. Victoria foi a única a me dizer que deveria ser grato pelo tempo com meu irmão e, pela primeira vez em muito tempo, me permiti lembrar. Em vez de seu caixão, vi-o torcendo pelos Grizzlies, berrando sobre como hóquei era o melhor esporte do mundo. Isso me fez sorrir e tirou um peso do peito. Precisava agradecer minha ruivinha.

— Ei, garoto, qual é seu humor para lidar com os empresários? — Marshall me perguntou. Meu agente entrou pela porta da frente como costumava fazer com um olhar avaliador.

— Bom dia para você também, Marshall. Achei que estava abandonado e sem meu agente — suspirei. — Estou esperando o carro. Falar com eles me deixa nervoso.

— Os executivos chamaram você, é minha obrigação aparecer e dar apoio

moral — ele disse quando Clark veio me buscar, fazendo um sinal para segui-lo até o carro. — Sabe o motivo dessa reunião?

— Nenhuma ideia, mas eles não estavam contentes sobre minhas saídas com Victoria. Armaram esse evento para apresentar o filme por isso. Agora cancelaram nossas externas falando sobre logística... Parece que querem mostrar que podem, Marshall. Estou frustrado!

— Pode ser qualquer coisa, Jack. Duvido que te fariam vir até Los Angeles para comunicar que vão cancelar o projeto. Já tem dinheiro demais envolvido para encerrarem tudo — meu agente disse, externando o meu grande medo por “Dúvida”, de o estúdio decidir encerrar o projeto sem nos deixar terminá-lo.

Marshall me acompanhou até os escritórios da Star Kingdom, mas como era uma reunião da produção, não me acompanhou para o encontro com Philip Gold, o CEO da companhia. Depois de esperar alguns minutos, fui levado a uma das salas para encontrar apenas ele sentado atrás de sua mesa. O senhor Gold era uma lenda em Hollywood. Ele trabalhou em uma empresa do ramo farmacêutico até receber o chamado de um outro estúdio cinematográfico, o Pines, e começar a crescer dentro da indústria. Gold sempre dizia que com filmes ele faria mais dinheiro do que com remédios, porque remédios só eram comprados quando as pessoas estavam doentes, entretenimento, não.

Ele transformou o Estúdio Pines em sucesso, fechou os negócios certos e saiu. Aos 65 anos, foi convidado a voltar para a Star Kingdom e passou a trabalhar com *blockbusters* que financiavam o cinema sério no qual estúdio estava interessado. Foi assim que nos conhecemos, porque, de acordo com Gold, “Dúvida” era um longa de prêmios com um protagonista que gritava dinheiro. O melhor dos dois mundos.

— Senhor Evans, que prazer revê-lo.

— Igualmente, Gold — disse esticando minha mão para cumprimentá-lo.

— O que me preocupa é o pedido da reunião com um prazo tão curto.

— Você sabe que combinamos de não interromper o processo criativo de vocês e da sua produtora, mas nos preocupa o passado da senhorita Walters — ele anunciou enquanto me sentava à sua frente apertando minha mandíbula com irritação.

— Pode ser mais claro?

— Esse filme é a realização de um sonho pessoal meu e da empresa, e não queremos que alguém encenqueira como a senhorita Victoria coloque tudo a perder.

— E isso seria por quê? — questionei sem paciência. *Como ele se atreve a tentar mudar minha produção quando nosso acordo não era esse?*

— Vamos lá, sei que tem andado com ela e vou relevar essa sua posição,

porque sei que não está pensando inteiramente nos negócios. Victoria não tem o perfil de atriz dramática, ela é festeira e tem arrastado você pela cidade, tirando o foco do longa. Nós não quisemos interferir quando o nome foi anunciado, mas não param de sair em manchetes. Um filme sério não deveria estar em sites de fofoca.

— As escolhas criativas, incluindo os atores escalados, são nossa responsabilidade — reforcei e o homem bateu com a mão mesa, cravando um olhar firme em mim.

— A garota matou o próprio pai, pelo amor de Deus! Vocês não souberam escolher. Conversei com algumas atrizes que estariam satisfeitas de substituir a senhorita Walters. Não a quero no projeto.

— Acho que não entendeu, Gold — retruquei ao me levantar e encará-lo puto pelo comentário sobre Victoria. — É meu projeto, Liam e eu decidimos sobre ele. Quer interferir? Quebre o contrato! Ficaria feliz com os milhões de multa e ainda assim lançaria o filme, porque é o que diz na papelada, o que acredito que os advogados já disseram a você.

Gold respirou fundo, contrariado, e se mexeu na cadeira. Ele sabia que eu estava falando a verdade. Construimos o contrato de forma que a Star Kingdom fosse apenas uma distribuidora com nenhum direito de opinar na produção. Os direitos eram meus e de Liam, não importasse no que o estúdio quisesse intervir.

— Não está sendo racional, Evans. Não voltaremos a trabalhar juntos caso isso continue — ele ameaçou. — Deixaria isso acontecer por uma atriz de segundo escalão?

— Isso é mais do que sobre ela, é sobre controle e não vai tomá-lo — respondi irritado, caminhando para a porta. — E sobre Victoria matar o próprio pai, você leu as mesmas notícias que eu li? Ela foi absolvida por se defender de um estuprador. Deveria ficar feliz pela imagem positiva, não querer arrancá-la do projeto.

— Tudo é sobre percepção nesse mundo. Ela ainda matou alguém, Jack.

— E vou fazer questão de me aproveitar disso e deixá-la falar a respeito se quiser, ela se defendeu desse idiota e merece respeito. Nós vemos no corte final! — gritei irritado e bati a porta de Gold, zangado com sua audácia.

Esperava que ele tentasse algo do tipo antes, mas não depois do início das gravações. Parecia que, até entrada de Victoria no elenco, ele não tinha munção para nos tentar deixar de lado e decidiu que ela seria uma boa desculpa. Era a droga de um cabo de guerra, poderia ter um batalhão de advogados em disputa a qualquer momento. Se “Dúvida” não fosse um sucesso, eu estava ferrado e sem carreira depois dessa “conversa” com Gold. Agora, mais do que nunca, precisava ficar focado e fazer o filme dar certo.

CAPÍTULO 10

Blair

Quando disse que a saga “Miragem” era ruim e Vic me explicou que ela pagou pelo apartamento de Nova York e a casa dos Hamptons, achei que o imóvel de Manhattan fosse mais humilde do que seu lar de veraneio, que parecia ter custado muitos milhões.

Eu estava errada. Victoria tinha uma penthouse enorme no SoHo, com vidros por todos os lados e uma vista de tirar o fôlego, mobiliado com perfeição de acordo com a personalidade exuberante de minha irmã. Vic era obcecada por criar um lar quando nós convivíamos com aquele homem na

adolescência, e, de alguma forma, esse apartamento com um teto de cinco metros, sofás gigantescos, pôsteres de filmes antigos e nossa foto discretamente na estante era tudo o que eu esperava.

Quando mandei uma mensagem para Vic dizendo que havia acabado de chegar, ela me avisou que à direita do apartamento tinha uma varanda em que o dono, John Bon Jovi, saía sem camisa todo o tempo. Sorri sentindo falta daquele humor peculiar da minha irmã e passei os dias seguintes dentro de seu espaço, sentindo sua presença mesmo com ela não estando lá. *Como terminei gravando um longa-metragem?* Victoria tinha voltado ao médico, que pediu mais duas semanas de descanso, me prendendo ao projeto quase que em definitivo. Quando minha gêmea chegasse, faltariam poucas cenas para serem gravadas – deixando minha irmã com o tedioso processo de entrevistas e divulgação.

Até lá, Vic continuaria com suas imobilizações eu me transformaria novamente em atriz, interpretando a Lina de “Dúvida”. Ela era uma garota do Upper East Side, o que nos levou para algumas externas pelas ruas do bairro e algumas gravações em estúdios locais enquanto Jack permanecia alguns dias em Los Angeles. Ele estava visivelmente estressado quando falou comigo no hotel e, pelas conversas de bastidores, a Star Kingdom queria interferir em seu trabalho e no de Liam. Depois de quase uma semana em Nova York, ele finalmente estava de volta para gravar, a começar por uma

ousada cena de sexo.

— Pedi para fecharem o set — Liam anunciou para mim quando abri meu camarim vestida em um roupão. — Apenas pessoas que trabalharão na gravação podem estar aqui.

— Obrigada, Liam! — agradei sabendo que já estava sobrecarregada pela atuação e ver Jack depois de tantos dias. Eu estava nervosa. Ridiculamente nervosa.

Seria a primeira cena mais ousada que gravaria na vida, meu corpo em exposição apesar de Liam me garantir que tudo seria feito com cuidado. Sentia borboletas dançando em meu estômago só de saber que Jack estaria ali em poucos minutos. Meus sentimentos estavam fora de controle. Nós gravaríamos a primeira vez de Johnnie e Lina, o que incluía meus seios aparecendo, as costas e a bunda nua de Jack.

Liam estava focado em mostrar a química transbordando na tela, onde nosso casal principal se consumia um pelo outro. Com um filme se passando nos dias atuais, ficaria difícil aceitar um casamento tão rápido, a menos que o casal estivesse tão ridiculamente apaixonado que o matrimônio fosse um caso de “impulso louco causado por tesão”.

— Está confortável, não é? — Liam perguntou. — Jack deve chegar a qualquer momento e precisamos ensaiar. Será um dia cheio.

— Confortável na medida do possível. Estou só de calcinha no set e guardando meu corpo para ser criticado pelas fãs para todo sempre. Sim, estou bem. — Sorri com autodepreciação enquanto Liam me indicava o cenário montado à nossa frente. Era um quarto claro, como se fosse um hotel caro.

— Vamos gravar do momento que vocês entram no quarto, com Lina com as pernas ao redor de Johnnie. É o momento que a bunda de Jack aparece. Vamos gravar com a câmera mais baixa, com ele caminhando até a cama e te deixando no centro. Preciso de você mais feliz do que excitada, ok? — Liam perguntou e confirmei com a cabeça, virando para o lado quando um movimento chamou minha atenção. Jack estava de roupão e caminhando em nossa direção.

— Estamos falando sobre minha bunda?

— Vamos começar com Lina e Johnnie nus. A cena da saleta precisa de um ajuste e não temos tempo a perder. Com ela enrolada em você, vai parar nessa marcação — disse Liam apontando para o pequeno X colado no chão, longe da visão da câmera — Vai jogá-la no centro da cama e dizer...

— Meu Deus, você é linda... — Jack completou.

— Isso. A partir daqui, vamos para a cena da cama, e preciso de beijos bonitos, pessoal, isso é cinema, e não realidade. Você fica por cima dela

durante toda a cena, porque Johnnie é dominante demais. Deitem-se, quero combinar algo.

Mas já? Ainda de roupão, me deitei na cama e Jack subiu sobre mim. Eu podia sentir seu corpo mesmo com a barreira felpuda.

— O que precisa, Liam? — Jack perguntou a Liam, que nos observava clinicamente. Era esquisito apesar de saber que era trabalho.

— Levante um pouco o corpo, como se estivesse fazendo flexão. Esse braço — disse Liam apontando para Jack — precisa ficar nessa posição, para tapar os peitos de Vic e eles não vazarem completamente. Combinem o que quiserem, mas terei uma câmera lateral que precisa dessa cobertura. Sabem toda a condução de cena pelo roteiro, não é?

— Sim — eu respondi, lembrando da longa cena sensual que Poppy escreveu.

— Por que minha bunda aparece, mas não os peitos dela?

— Eles vão aparecer, mas não gratuitamente. Deixa comigo. — Liam piscou em resposta. — Vou resolver a parte técnica. Me avisem quando tiverem prontos.

Assim que Liam nos deixou, Jack pulou da cama como se ficar perto de mim o incomodasse. Ele estendeu a mão me levantando e se virou, fugindo do meu olhar e observando ao nosso redor.

— Pronta para fazer isso? — ele me perguntou com uma ruga em sua testa.

— O máximo que conseguir.

— Vai dar certo, ruivinha. Você é uma dupla ótima, vai parecer real. Vamos?

Nós dois caminhamos para nossa primeira marcação do lado de fora da porta cenográfica. Jack tirou o roupão sem nenhuma vergonha, ficando nu em minha frente enquanto uma maquiadora veio correndo em nossa direção para dar os retoques em nossa pele. *Deus, ele parecia photoshopado.* Era lindo, parecia feito de pedra, com o peito liso e musculoso. A mulher tocava nele com pincéis, senti ciúmes. Sabia que estava sendo boba, mas não conseguia ser racional por outra pessoa estar tão perto de Jack pelado.

Tirei meu roupão, ficando apenas de calcinha, e imediatamente senti os olhos de Jack me perfurando como duas adagas quando a mulher, sem perceber que estava no meio de um duelo, se voltou para mim, passando mais produtos sobre a minha pele.

— Fez boa viagem? — perguntei.

— Sim, excelente, excelente de verdade — Jack disse com o maxilar apertado, sem tirar os olhos de meus seios nus. Acho que ele não estava falando sobre sua ida a L.A.

— Você está me deixando desconfortável, Jack.

— Tudo bem, me desculpe... — ele falou abrindo as mãos em minha direção. — Venha até aqui.

— O quê?

— A cena começa com você enroscada em minha cintura.

— Tudo bem... — Aproximei-me e Jack me içou em seus braços como se não pesasse nada. Todos os músculos para os filmes de ação pareciam ter valido a pena. Envovi minhas pernas ao seu redor e senti firmeza, presa a ele como se fosse... certo.

— Eu não vou te soltar, tudo bem? Eu juro.

— Ok... — eu concordei balançando a cabeça, focava em seus olhos. Meus seios estavam perto o suficiente do rosto de Jack, mas pelo menos ele teve a decência de olhar para mim, e não para eles.

— Todos prontos? — gritou Liam de sua cadeira enquanto câmeras e gruas confirmavam de suas posições.

— Tudo ok, Liam — Jack disse.

— Ótimo. Atenção todos, silêncio e gravando!

Johnnie tinha Lina nos braços, ela sorri ao beijar o marido. Era sua noite de núpcias, ela estava incrivelmente feliz. Ele a deposita no centro da cama murmurando “*meu Deus, você é linda...*” e se deita sobre ela, beijando

primeiro sua barriga, subindo até o vale entre seus seios, dando atenção ao seu pescoço e à clavícula até se aproximar de seus lábios.

No mesmo instante que Lina encarava Johnnie com adoração, beijando o marido, reparei que Jack estava excitado. Seu pau duro encostava em minha virilha, e mais de uma vez roçou de leve em meu clitóris, fazendo-me girar em seus braços para sair da posição e evitar o contato. Tudo que não precisava era ficar excitada em uma cena, sendo que já estava. Jack começou isso sem nenhuma ereção, mas seu amiguinho não parava de crescer até se impor na minha entrada, esfregando-se desavergonhadamente em mim.

Johnnie e Lina continuavam se beijando, cada vez mais frenéticos, com ele impulsionando nela em um sexo duro e cheio de tesão. Lina gemia suavemente, tentando obter mais de seu marido, e eu gemia porque o vai e vem de Jack estava me deixando louca. *Orgasmos não são bonitos no cinema*, dizia para mim mesma como um mantra. Latejando e insatisfeita, acompanhei Lina e Johnnie terem seu clímax. No corte, essa cena teria uma trilha, uma edição, mas aqui, comigo e com Jack em uma cama, me sentia crua. Já sem saber definir bem o real da ficção, senti ele segurar minha cabeça com uma das mãos, tapando meus seios com a outra como Liam ensinou.

Juntando as testas, respirei alto terminando a cena.

— Corta.

Ouvi alguém dizer de longe, ainda ficando de rosto colado a Jack até perceber o absurdo. *Merda, precisava sair dali.* Uma pessoa da produção me estendeu o roupão e me rolei para fora da cama, dizendo para ninguém em particular:

— Preciso de cinco minutos.

— Tudo bem, querida. Fiquei satisfeito com essa tomada, vou rever e te chamo — Liam respondeu ao mesmo tempo que caminhava em linha reta para meu camarim. Jack me acompanhava com o olhar como se não quisesse que eu fosse mais longe, parado em sua posição e respirando fundo. Podia apostar que ele tentava não revelar sua ereção para equipe técnica, a mesma pessoa estendendo outro roupão para ele.

Fechei a porta do trailer e me sentei em um dos sofás, respirei fundo e coloquei a mão em meu rosto. *E agora?* Meio minuto depois, Jack invadiu o espaço:

— Eu quero me desculpar — Jack pediu ofegante e enrolado em seu roupão.

— Jack, eu entendo... Duas pessoas seminuas, uma cama. Acontece do seu amiguinho ficar feliz.

— Você não entende, Vic. Isso nunca aconteceu...

Eu ri pelo jeito que ele falou a frase. Jack não falhou, ele só ostentava uma

ereção monstruosa enquanto gravava comigo quase nua e embaixo de seu corpo. Queria aquilo, desejava ele tão fortemente que achava que enlouqueceria até o final dessa gravação.

— Não sei o que dizer.

— Eu sei. Desejo você. Eu a desejo desde a primeira vez que te vi e quero você essa noite, todas as noites. Agora, mesmo você dizendo que não pode. Tem sido um tempo difícil andar duro por aí. Olho você e simplesmente acontece. Nunca me senti assim, nunca fiz algo odioso como gravar com uma ereção... As luzes, as pessoas, tudo isso deveria atrapalhar, mas não atrapalhou. Me desculpe.

Ele parecia tão chateado e preocupado por minha reação. Ele me desejava. Eu mentia e ele odiava mentiras. O mundo é uma droga de vez em quando.

— Está tudo bem, Jack. Coisas acontecem, a gente mistura as coisas. Quando essa gravação acabar, vamos rir. Já falamos sobre isso e... — Sem aviso, ele avançou até o pequeno sofá, me prendendo nele e me encarando seriamente.

— Não faça piada sobre isso, ok? Cada momento que não estávamos gravando também foi assim, foi assim naquele jantar, no barco, em todos os nossos passeios. Você é diferente e não entendo por que luta tanto. Seus olhos me contam outras coisas, eles sempre contaram outras coisas.

Naqueles poucos segundos, sabia que a batalha estava perdida. Quando os olhos cinzas de Jack me olharam tão profundamente, senti meu corpo se levantar até ele, como se não existisse força da natureza que me tirasse de perto de Jack. Eu o beijei. Sabia que ele tinha me deixado escolher e escolhi por nós dois. Ele substituiu minha delicadeza com ferocidade, beijando-me com força como se quisesse absorver todos os meus pedaços. Respondi a carícia do mesmo jeito, com o desespero desses dias que o desejava com loucura, mesmo sabendo que era impossível. *Que diabos estava fazendo?*

— Pare de pensar — sussurrou Jack no meu ouvido depois de deixar meus lábios e seguir com sua boca até o ponto mais suave do meu pescoço.

Ele me levantou em seus braços, me colocando em uma bancada às minhas costas. Era o alinhamento perfeito e enrolei minhas pernas em torno do seu quadril. Jack abriu meu roupão, revelando meus seios, então os acariciou com as mãos e com os lábios, saboreando-os como se fosse a água de um homem sedento. Me contorci em seu colo tentando liberar a frustração que nos roteava, sentindo-me subir cada vez mais. Estava próxima de me perder em seus braços apenas por algumas carícias. A mão de Jack tocou a borda da calcinha bege, brincando com o tecido leve. Ele sussurrou a meu ouvido:

— Posso?

— Sim — respondi sem fôlego.

Jack puxou a lateral da calcinha, fazendo-a arrebentar em sua mão. Sem nada entre nossos corpos e grudados como fôssemos uma só pessoa, senti seu pau se esfregar em meu clitóris e ofeguei. Eu sabia que estava quase lá.

— Preciso de você dentro de mim.

— Amor...

— Agora, Jack, por favor — pedi em um gemido suave.

Separei meus lábios dos de Jack e comecei a beijar seu peito, subindo em uma trilha até seu pescoço. O vai e vem de nossos quadris me deixava próxima do êxtase enquanto ele parecia querer cobrir cada parte de minha pele com um beijo seu.

Ele segurou minha bunda com suas mãos, alinhando-se em minha entrada e afundando para dentro de mim. Sua doce invasão rapidamente se transformou em movimentos selvagens. Nossos desejos primitivos só queriam o alívio que tínhamos acumulado nas últimas semanas. Foi rápido, suado, visceral. Gritei quando o orgasmo veio e domou todo o meu corpo, fazendo meus dedos formigarem e minha coluna se contorcer. Jack seguiu, gozando com força e escondendo seu rosto entre meus seios para abafar seu berro.

Deixei minha cabeça cair em seu ombro, ainda ofegante, e senti Jack dar um beijo sobre minha testa, colocando seus braços ao meu redor e me

abraçando com seu grande corpo.

— Nossa primeira vez não deveria ter sido desse jeito — ele confessou ainda sem fôlego. — Planejei algo diferente de uma transa num trailer.

— Planejado? — indaguei com a sobrancelha levantada, vendo seu olhar magoado para mim. — Era o que eu queria, Jack. Eu, você, simples.

— Deveria ter uma cama, rosa, champanhe, essas coisas.

— Ainda assim, foi perfeito. Isso aqui é mais importante do que grandes gestos — eu falei o abraçando enquanto nossos corações ainda batiam acelerados.

— Não usamos camisinha — ele disse ao procurar meu olhar.

— Estou segura, tomo pílula, mas nós precisamos tomar cuidado.

— Eu sei, meu amor. Nas próximas vezes vou cuidar disso — ele respondeu com um sorriso travesso no canto da boca.

— Você é muito otimista.

— Não é ser otimista, eu sei que vou ter você em uma cama hoje à noite.

— Não estou brigando contra isso.

— Vic, está tudo bem? — Veio a voz de uma assistente batendo em minha porta. — Ouvi um grito. Posso entrar?

— Não, eu já estou saindo. Me espere aí fora! — pedi e o empurrei, vendo

Jack com expressão zombeteira dar alguns passos para longe.

— Ainda bem que tranquei aquela porta — ele sussurrou para mim.

— Vou tomar um banho e procurar Liam. Temos um milhão de cenas para gravar hoje e você não me deixa decorar as falas — expliquei em voz baixa.

— Péssimo produtor, eu sei — ele explicou rindo e me deu um beijo leve nos lábios. — Vou me esconder um pouco aqui e sair.

— Te vejo no set — eu disse ao virar para a pequena cabine feita de banheiro. Jack me puxou para seu corpo e me deu um beijo preguiçoso.

— Não se esqueça sobre hoje à noite.

— Hoje à noite? — perguntei confusa.

— Você vai embora comigo hoje, amor.

— Mal posso esperar — respondi e sorrimos um para o outro, como presos em uma bolha onde só estávamos nós dois. Eu estava ferrada.

CAPÍTULO 11

Jack

Muitas pessoas que estão na indústria do cinema dizem que os atores podem confundir ficção com realidade. Um sentimento que transborda das telas e invade a vida real, fazendo celebridades ficarem juntas até descobrir que a magia era apenas dos personagens, não deles. Era como muitos casais se formavam – e se separavam – com rapidez em Hollywood. Foi a desculpa que dei para mim mesmo nas primeiras semanas com Victoria. Lina e Johnnie estavam muito apaixonados, sedentos um pelo outro, e a forma que a ruiva me fazia sentir vinha do roteiro.

Observá-la se tornou meu esporte favorito: ela assistia às cenas que não participava quando estava no estúdio, comia frutas e bebia litros e litros de Pepsi. Victoria enrugava o nariz quando discordava de Liam, mas não achava necessário falar a respeito e gravava de acordo com as indicações do diretor. Ela se sentava curvada, quase como se quisesse se esconder das pessoas ao nosso redor e tinha o sorriso mais bonito que já vi. O riso parecia só meu e fazia coisas estranhas dentro de mim, porque nunca a vi sorrir para outras pessoas como fazia comigo.

Nas últimas cinco horas, eles se misturaram com timidez. Cada vez que minha ruivinha me olhava, parecia gritar que nós dois tínhamos um segredo. Cinco horas desde a melhor transa que já tive, quente, suada e incrível. Cinco horas desde que a tive pela primeira vez e não a deixaria ir.

— Bom trabalho a todos, foi um dia muito produtivo — Liam gritou do centro do set ao mesmo tempo que as pessoas começaram a se movimentar ao nosso redor.

Victoria me olhou de sua cadeira balançando a cabeça com suavidade e voltou para seu trailer. De acordo com o nosso cronograma, seriam mais duas semanas de gravação no estúdio, uma semana de pausa para visionamento – a análise técnica do nosso trabalho até aquele ponto – e mais alguns dias de set, se tivesse necessidade. “Dúvida” teria gravações enxutas se tudo corresse como o planejado. Com as externas adiantadas e várias das cenas de estúdio

com poucos atores, era filme rápido de se resolver: sem efeitos especiais ou cenas com muita infraestrutura, a edição começaria em um mês ou um pouco mais.

Voltei para meu camarim e corri para trocar de roupa antes de Victoria. Como um colegial, esperei-a na frente de seu trailer, pronto para levá-la para meu apartamento.

— Está pronta?

— Posso perguntar para onde?

— Não confia em mim? — repliquei com um sorriso, piscando para ela. Morria de vontade de beijá-la ali, na frente de todos, mas sabia que não era o que ela queria.

— Para me deixar segura em casa? Nem um pouco — Victoria respondeu com um sorriso. Parecíamos dois adolescentes flertando.

— Então vamos para a minha casa, com certeza lá você estará segura.

— Engraçadinho...

— Não é piada, meu amor. Hoje você dorme comigo — anunciei e o sorriso de Victoria congelou em seu rosto.

— Eu nunca tive dúvida disso, Jack, não depois de hoje — ela respondeu séria, estendendo a mão para mim e entrelaçando nossos dedos. Conduzi-a para fora, onde Clark e Dino nos esperavam com a porta do carro aberta.

— Boa noite, Jack — Dino cumprimentou enquanto Clark fez um movimento com a cabeça do banco do motorista.

— Esses são Dino e Clark, Victoria. Não os apresentei oficialmente da outra vez.

— Ahh... Prazer! — ela cumprimentou com um leve sorriso e vi as bochechas de Dino ficarem rosas. Ela conseguiu fazer o meu muito grande segurança ficar tímido.

Nós entramos no carro e nos ajeitamos, quando Victoria me olhou curiosa e murmurou para meus seguranças não ouvirem:

— Qual é a história por trás do nome dele? Não é como se as pessoas se chamassem dinossauro.

— É o sobrenome dele. Dino é russo, e quando chegou ao país não conseguia se apresentar com um nome com tantas consoantes — sussurrei em resposta, vendo Dino levantar a vista através do espelho do quebra-sol.

— Vyacheslav Dinovich, senhora. Um prazer conhecê-la formalmente — o gigante loiro que trabalhava comigo há oito anos respondeu para Victoria com um sorriso que nunca vi em seu rosto.

— Viu? Dino é mais fácil do que o nome ou o sobrenome — concluí e ambos olharam para mim com um sorriso condescendente.

— Dino é um nome comum na Rússia?

— Eu disse que o nome dele não é Dino, Vic — repeti e ambos me olharam de um jeito engraçado, Dino com um sorriso ainda maior. *Onde esse homem escondeu os dentes durante todos esses anos?*

— Mas seu pai se chama Dino, não?

— Sim, senhora, era seu apelido. Seu nome era Konrad.

— Como você sabe disso? — perguntei curioso. Oito anos e era a primeira vez que ouvia o nome do pai de Dino (e seus músculos faciais em movimento).

— Sobrenomes russos usam patronímico, ele é literalmente “Filho de Dino”.

— Que garota inteligente, não? — repliquei achando graça.

— Fique com ela, senhor. Tem mais cérebro que as outras — Dino anunciou e voltou a olhar para frente como se toda aquela conversa não tivesse acontecido. *Meu segurança está opinando sobre a minha vida?* Clark, que até então dirigia em silêncio, soltou um bufo tentando segurar a risada. Se fosse sincero, talvez concordaria com eles, mas nunca confessaria isso na frente dos dois.

A viagem até meu prédio no SoHo foi curta, e Clark e Dino nos deixaram dentro do apartamento antes de partir. Ambos permaneciam perto do perímetro, mas não o tempo todo comigo, revezando com um time de

seguranças coordenados por eles. Com os paparazzis, as fãs loucas e o perigo de ser sequestrado ou assaltado por saberem meu nome, era monitorado todo o tempo. O combinado era que apenas em momentos críticos, como um evento, tinha seguranças andando comigo. Era um jeito de me sentir mais livre apesar da vida de celebridade.

— E essa é minha humilde casa... — anunciei mostrando o apartamento para Victoria. Era enorme, mas eu gostava de espaço.

— Ficaria muito impressionada se não tivesse um apartamento parecido.
— Ela riu. — Mas ele deve funcionar muito para as garotas que você traz aqui.

— Oras, quero te impressionar também — reclamei em um meio sorriso, enganchando meus dedos no cós de sua calça. Puxei-a para mim, grudando seu corpo no meu. — E você é a primeira, espertinha. Aqui ninguém entrou.

— Gosto de saber disso.

— Eu sei que você gosta.

— O Bon Jovi é meu vizinho — ela anunciou, colocando os braços ao meu redor.

— Não tenho vizinhos famosos, mas pode ter a mim.

— Mas não é o Bon Jovi.

— Eu sou melhor que o Bon Jovi, ruivinha.

— Mas você não canta.

— Mas eu sei fazer outras coisas.

— Que tipo de coisas? — ela perguntou inocente e quis responder o desafio à altura. Aproveitando nossa proximidade, coloquei minhas mãos em sua bunda, puxando-a para cima. Ela prendeu suas pernas em meu quadril, se encaixando perfeitamente.

Juntei meus lábios nos dela, beijando-a ternamente de início, acelerando conforme andava pela casa com um objetivo: a cama. Espalhava beijos e mordidas leves, aproveitando os gemidos de Victoria para aprofundar minha língua em sua boca.

Soltei-a em minha cama, deixando-a sentada na beirada enquanto tirava minha camiseta. Ela tinha esse olhar de fome e mordia suavemente os lábios ao mesmo tempo que esticava os braços em minha direção. Seu toque era delicado em meu braço, como se fosse uma pluma.

— Não vou durar se continuar a me olhar assim, meu amor.

Levantei sua camisa, deixando-a com um sutiã transparente que destacava seus peitos. Eles pulavam da peça como se quisessem minha atenção, então me ajoelhei em sua frente, beijando a pele exposta enquanto lutava com o fecho da lingerie. Assim que sentiu a peça ficar folgada no corpo, Victoria jogou-a para longe. Com mais pele à mostra, baixei minha boca até a auréola,

sugando e beijando esses peitos que me deixavam loucos. Ela se contorcia, passando suas mãos pequenas em meu cabelo e me puxando para mais perto.

O zíper da minha calça apertava meu pau tão forte que poderia deixar uma marca. Levantei-me empurrando a peça de roupa para baixo, ficando completamente nu. Victoria jogou o corpo para trás, espalhando seu cabelo vermelho contra a colcha branca. Eu jurava que lembraria daquela cena até o fim da minha vida. Minha urgência de fodê-la aumentava a cada segundo. Deitei sobre seu corpo, descendo meus lábios até chegar no botão da sua calça. Desabotoei o jeans e puxei-a para fora junto com a calcinha. Carne contra carne, como deveria ser.

Nossas bocas se chocavam com selvageria, um sentimento primitivo em que nada era o suficiente. O toque, o cheiro, o sabor... Já não pensava, apenas sentia. Estava perto e nem mesmo tinha me afundado nela. Sentia ânsia, um fogo que queimava por Victoria a cada carícia e me fazia perder a cabeça por ela. Nenhuma mulher antes me fez querer ficar, tê-la mais e mais vezes como um vício. Meu destino era encontrá-la, e por isso não me permiti me apaixonar por outra. Nunca senti o suficiente para chegar perto disso.

Soltei o ar tentando me acalmar e me separei da ruiva, olhando-a de cima. Dei beijos em sua pele macia, descendo até seu lugar segredo e a beijando em sua entrada até ouvi-la gemer. Atormenti sua boceta com minha língua, massageando seu corpo com minhas mãos até vê-la se contorcer arfando meu

nome. Victoria tremeu quando brinquei com seu clitóris, segurando meus cabelos contra ela quando gritou por seu clímax. Com ela zonzada de desejo, virei-a sobre a cama e estiquei a mão na cabeceira, colocando a camisinha e me afundando completamente nela.

Circulei seu corpo com minhas mãos, meus dedos brincando com os mamilos da ruiva enquanto entrava e saía dela em movimentos desesperados. Victoria empurrava seu corpo contra mim em uma sinfonia afinada em busca de liberação, cada vez mais rápido, mais forte, mais visceral... Primeiro veio a luz através dos olhos, depois a dormência dos dedos dos pés, em seguida, me esvaziei nela gritando palavras sem sentido antes de desmoronar. Com a respiração acelerada e completamente suado, caí sobre ela.

— Se continuar assim, posso desistir da academia? — murmurei em seu ouvido alguns segundos depois, mudando de posição. Puxei-a para mim, ainda intimamente conectado e sabendo que precisava me livrar da camisinha. Descansei minha mão em seu seio enquanto cheirava seu cabelo, não querendo me separar. Era uma fórmula inebriante que parecia estar me chamando de novo.

— Depende de quanto você vai aguentar — ela sussurrou estrangulada, sua respiração tão difícil quanto a minha.

— Ahh, ruivinha — suspirei com um sorriso safado. — Você não sabe onde se meteu.

CAPÍTULO 12

Blair

A cada dia me sentia mais culpada por mentir para Jack. Cada vez que ele atingia o ápice gritando pelo nome de minha irmã, cada vez que ele me beijava e fala “Vic” de uma forma amorosa, cada brincadeira sobre o nome e carreira que não eram minhas. Passei a ignorar minha gêmea, irritada por ela “roubar” meus momentos com ele, a ponto de odiá-la por ter me colocado nessa mentira que não teria um final feliz.

Depois da primeira noite, passei a dormir com Jack todos os dias. Dino e Clark faziam manobras para me colocar dentro de seu apartamento

escondida, entrando pela garagem e subindo por um elevador privativo. Apesar de ninguém ter provas, o rumor de que estaríamos namorando no set era o suficiente para vivermos cercados de fotógrafos e jornalistas de celebridade. A segurança teve que ser reforçada e alguns planos de gravação mudados para adequar o excesso de “atenção” que o filme vinha recebendo.

— Ninguém pode saber sobre nós dois — pedi para Jack na manhã seguinte enquanto tomávamos café em sua cozinha. — Preciso dar um jeito de sair daqui sem ser vista. Isso vai virar um pesadelo se a imprensa ficar sabendo.

— Não quero isso — Jack respondeu me puxando para um abraço. — Não quero esconder você.

— Isso é tão novo, Jack. Nós podemos só... — suspirei impotente — é o primeiro papel sério da minha carreira. Pode vir tudo por água abaixo se acharem que dormi com você para esse papel.

— Não quero esconder você, droga. Eu estou feliz, ruivinha. Feliz pela primeira vez em não sei quanto tempo.

— Você nunca esteve com ninguém e nós dois só estivemos juntos uma noite. Por que mudar tudo agora? Faça isso por mim... As pessoas são más e nós dois já levantamos rumores demais.

— Tudo bem... — ele concordou juntando seus lábios nos meus. — Mas

ainda vou te beijar o tempo todo.

— Você pode fazer isso quando ninguém estiver vendo.

— Posso invadir seu trailer para alguma diversão?

— Também podemos fazer isso. — Sorri para ele, me desmanchando em seus braços.

Eu era feliz dentro da minha mentira. Fiel à sua promessa, Jack não contou nem mesmo para Liam. Passamos a ser um casal furtivo, que nas semanas seguintes passou a transar em quase cada canto do set sem ser visto. Era como se quase tudo me deixasse excitada: as cenas sensuais, a possibilidade de ser pega, Jack e seus olhos cinzas e músculos definidos...

Nós gravamos mais uma cena sensual, em que Lina, já desconfiada do marido, não consegue resistir aos seus avanços. Meus peitos voltariam a aparecer discretamente, porque a protagonista sentaria entre as pernas de Johnnie, que arrebentaria os botões de seu vestido tentando chegar até seus seios. Os limites da atuação com Jack eram testados o tempo inteiro, e quando o personagem agarrava os seios de Lina, gemendo sobre como ela era tudo para ele, minha calcinha ficava molhada e eu desejava que isso não fosse uma gravação.

No corte seguinte, após Johnnie arrancar o vestido de Lina, estávamos nus. Mesmo usando a calcinha bege, sentia que estava excitada com Jack beijando

meu corpo enquanto Lina era seduzida. Quem olhasse para mim naquele momento poderia reparar o quão apaixonada estava, dando rédea solta aos meus sentimentos. Ele era “Johnnie”. *Uma atuação incrível.* Dessa vez, quando o membro duro de Jack acariciou meu clitóris, não fugi. Ele estava nu mais uma vez e flertando com o perigo, apertei meu quadril ao dele aumentando ainda mais a fricção.

Por dois segundos, Jack me olhou em pânico até gemer de verdade – não os ensaiados de Johnnie, mas esse som mais baixo que só ele fazia e vinha do fundo da garganta. Acelerei nossos movimentos, tomando rédeas da situação. Impulsionei meu quadril para ele e gozei, levantando o meu corpo do colchão tentando alcançar algo que nem eu mesma sabia o que era. *Não deve ter ficado bonito para a cena.*

— Corta! Foi ótimo, natural. Vocês são incríveis. Vamos arrumar tudo e gravar nossa última cena, pessoal! — gritou Liam.

As pessoas voltaram a caminhar ao nosso redor, o set de filmagem se enchendo de vozes de repente. Uma assistente veio correndo e nos entregou dois roupões e se virou novamente para outro colega, indo para a outra ponta do estúdio. Ainda sem fôlego, fechei a peça em meu corpo e me levantei, parando na frente de Jack, ainda enrolado no lençol.

— Está louca? — ele murmurou. — O que está fazendo?

— Protegendo sua honra.

— Você não quer que ninguém veja meu pau — ele disse sorrindo, sua ereção se insinuando entre suas pernas.

— Protejo o que é meu. Se quiser, a gente pode caminhar desse jeito até o trailer. Escondo você! — respondi rindo e tentando me colocar diretamente na frente dele ao mesmo tempo que Jack jogava o roupão sobre o ombro.

— Eu tenho uma ideia melhor — ele anunciou e andou cerca de dois metros em direção a uma parede que parecia não ter nada.

Ele passou a mão pela superfície, que se abriu relevando um armário escuro com material técnico do chão ao teto. Jack pegou minha mão, me jogou lá dentro e trancou a porta atrás de nós dois. No escuro, ele me virou, grudando meu rosto na parede e deixando minha bunda à sua disposição. Puxando a calcinha até o chão, Jack colocou dois dedos dentro de mim, sondando para ver se eu ainda estava molhada.

— Sua provocadora. Vai ter o que merece — ele sussurrou em meu ouvido.

— Você dentro de mim? — perguntei louca de desejo por ele.

Jack se afundou em minha entrada, bombeando enquanto esfregava meu clitóris. Eu estava sensível do outro orgasmo e rapidamente cheguei ao ápice, tentando sufocar o grito com as mãos. Ele me seguiu, mordendo meu ombro e

me enchendo de gozo.

— Vou sentir falta dessas rapidinhas quando as gravações acabarem — sussurrou em meu ouvido, tirando seu roupão e tentando nos limpar com delicadeza. Quando ficou satisfeito, ele ajeitou minha roupa e me deu um beijo na testa com suavidade. — Vá na frente, meu amor. Te vejo no trailer.

Ainda zozna, sai do armário e voltei para meu camarim. Eu não tinha mais cenas naquele dia, e por mais que amasse assistir aos outros atores, estava cansada com as gravações e Jack. Nossos dias eram daquele jeito: sempre juntos a todo momento, com o ator me acompanhando nos momentos de descanso. *Vou sentir falta dessas rapidinhas quando as gravações acabarem.* O que eu faria quando Victoria voltasse para assumir seu lugar e eu retornasse para minha vida em Los Angeles?

Dois dias depois, chegamos à nossa cena final antes da parada e uma das principais de “Dúvida”. Liam e Poppy decidiram que o roteiro iria mais na linha de “Before the Fact”, livro de Anthony Berkeley que inspirou Hitchcock, do que a obra do diretor. Dizia a lenda que Hitchcock foi obrigado a fazer que Johnnie fosse bonzinho no final e Lina apenas paranoica, porque o estúdio achava que transformar Cary Grant em vilão podia tirar sua imagem “heroica”. O final que Poppy escreveu era ambíguo, deixando o expectador escolher. Era uma continuação da famosa cena do copo de leite: Johnnie nunca chegaria à cama com o leite que Lina acreditava estar envenenado.

Ele subiria a escada e encontraria Lina no topo, onde ela o acusaria de tentar matá-la, e, durante a briga, ele se desequilibraria, rolando escada abaixo e encontrando a morte. Lina se desesperaria e berraria que o amava, que o perdoava e faria tudo diferente, que não poderia viver sem ele, mas já seria tarde. A câmera subiria, deixando o casal na cena dramática e os créditos começariam a rolar. Ensaíamos a sequência à exaustão, e ela seria gravada em três partes: a discussão, o dublê rolando a escada e a morte de Johnnie.

— Eu não quero nada disso! — gritei iniciando a cena. Jack estava ótimo e acreditava que esse filme seria excelente. Dando o melhor de mim, defendi Lina até o final da sequência, em que ele terminava na borda da escada e cortava para minha expressão de terror.

O dublê chegou e cumpriu sua parte, uma das profissões de Hollywood que deixavam a magia acontecer. Assistindo à queda ser gravada, pensei como esse era um dos meus últimos momentos com Jack e como Victoria. No dia seguinte, estaria de volta para o meu apartamento e quem voltaria para gravar as correções seria minha irmã. *Como eu me sentiria sem ele?* Quebrada, desolada. Nas poucas semanas, Jack se tornou o centro do meu mundo, acordando, dormindo, transando, falando coisas idiotas ou só comendo besteiras quando ninguém estava vendo.

Eu estava apaixonada por ele. Que ótimo momento para perceber que se

ama alguém. Quanto se está fingindo, mentindo, enganando e pretendendo sair da vida dele sem voltar atrás.

— Victoria, você está pronta? — Liam perguntou e confirmei com a cabeça, ainda chocada com minha descoberta. Fui até minha marcação e o diretor anunciou que estava valendo.

— Johnnie! JOHNNIE!

Eu olhei para baixo e ele estava caído em uma posição antinatural, o copo com o veneno caído a alguns centímetros de distância, espalhando seu conteúdo pelo tapete. Ele estava morrendo.

— Não, não, não. Você não vai morrer... Eu amo você, não pode me deixar! — gritei e sentia a mão dele agarrar a minha. Ele respirava com muita dificuldade, com o sangue escorrendo de sua boca.

— Eu amo você, Lina... Eu não... Te matar. Eu te amo... — ele deu seu suspiro final, soltando o agarrar da mão, os dedos flácidos caindo quando a desolação me tomou até sentir um soluço brotar de minha garganta.

— Não, não.... NÃO, NÃO! — berrava tentando sacudir Johnnie. — NÃO, VOLTA... EU NÃO POSSO VIVER SEM VOCÊ, EU TE AMO.

Lina começou a bater no corpo de Johnnie até perceber que não teria resultado. Então ela só caiu desconsolada, abraçada ao corpo e chorando como se nada a fizesse parar. Como se desistisse de lutar. Seu amor,

mentiroso ou não, estava morto.

— E.... Corta!

Levantei-me ainda com as emoções de Lina à flor da pele. O estúdio aplaudiu a cena final enquanto Jack se levantava, saindo da posição estranha que a direção o colocou.

— Isso foi maravilhoso, meu amor... Isso foi... — ele sussurrou para mim, pegando delicadamente em minha mão.

— Isso foi genial! Victoria, esteja preparada para ser indicada. Essa cena foi incrível — Liam complementou se aproximando.

— Vocês acham? — perguntei timidamente, olhando de Jack para Liam.

— Garota, nunca ninguém vai duvidar sobre o que você é capaz de fazer.

— Muito obrigada, isso foi... incrível. Foi emocionante. Foi um trabalho maravilhoso, Liam. Obrigada por me deixar estar a bordo.

Balancei a cabeça e soltei a mão de Jack ainda confusa. Tinha a sensação de que me despedia um pouco dele com aquela cena, minhas forças sendo drenadas enquanto caminhava para o trailer e me sentava em uma das cadeiras do lugar.

— Tudo bem com você? — Jack perguntou entrando no camarim logo em seguida.

— Ainda afetada com a sua morte em cena, é tão.... — Fechei o olho com

força, tentando conciliar meus pensamentos. — Era você, mas não era, e então eu gritava e me desesperava.

— Eu entendo, meu amor — ele disse se aproximando e me abraçando com força. — Mas estou aqui, nunca vou te deixar.

Mas eu vou, e depois você não vai mais me querer por perto.

— Podemos ir embora? Estou um pouco emotiva com esse final e...

— Claro! Troque de roupa, vou falar com Liam e podemos ir para casa — ele concordou em uma voz tão suave que me fazia ter vontade de chorar.

Percebia que Jack estava achando meu silêncio estranho, a força que o abraçava como se fosse incapaz de me afastar dele. Assim que ficamos a sós, tive a necessidade de senti-lo uma última vez e Jack me acompanhou de bom grado. Pela primeira vez, fizemos amor lentamente, como se eu quisesse dizer tudo o que eu não podia, como se cada movimento pudesse gritar um “eu te amo”. Permanecemos juntos e calados, aproveitando o silêncio nos braços um do outro. Jack me puxou para seu corpo, encaixando-se atrás de mim, tão próximo que podia sentir sua respiração em minha nuca.

— Jack, eu...

— Nada vai mudar, amor — ele disse e fiquei agradecida por estar de costas para ele. Essa posição era boa para confessar coisas sem precisar olhá-lo nos olhos. — Sei que está tensa sobre o fim das gravações, mas eu quero nós dois, quero continuar com você, eu te...

Girei sobre meu corpo e levei minha mão para seu lábios. Não podia deixá-lo continuar, não queria essa lembrança para me torturar.

— Quero que saiba que você foi o melhor de mim — anunciei sentindo a bola se formar em minha garganta e as lágrimas começarem a descer em meu rosto. — O momento mais doce, e vou guardar para sempre isso, esse sentimento, nós.

— Ei... Pare de soar como uma despedida. Você estará de volta, não vou te deixar ir tão fácil.

— Eu vou para Los Angeles amanhã...

— E vai me ligar todos os dias. Você é viciante, ruivinha, é um costume que aprendi fácil. É tudo que não sabia que queria.

— Jack — disse seu nome, deixando a confissão fluir. — Eu te amo. Sei que é muito cedo e...

— Amor... — ele me interrompeu —, eu te amo desde a primeira vez. Merda, te chamo “meu amor” desde antes de te beijar pela primeira vez. Sei que foi rápido, mas isso importa de verdade? Eu quero você, preciso de você

todo o tempo, e não vai ser um calendário que vai definir isso por mim. Você viaja amanhã e vai voltar para mim, fique tranquila, não vai acabar assim.

Quando Jack relaxou em meus braços e me manteve acordada, decidi fugir de outra despedida. Dei um beijo suave em seus lábios, chamei o motorista para buscar minhas coisas na penthouse de Vic e finalmente deixar as nuvens. Era hora de encarar uma realidade sem ele.

CAPÍTULO 13

Blair

— Posso acompanhá-la? — Dino disse em minhas costas no momento que desliguei o telefonema para o motorista. Meu plano era sair como uma covarde sem ser vista, mas como Jack sempre dizia: “Dino via e ouvia tudo”.

— Estou indo embora, Dino. Chamei meu motorista — respondi com um sorriso que não chegava a meus olhos enquanto segurava minha bolsa.

— Algum motivo para sair de madrugada? — ele perguntou se aproximando de mim.

— Odeio despedidas.

— Posso acompanhá-la? Quero saber se chegará bem.

— Não é seu trabalho. Sua obrigação é com Jack, não comigo, mas obrigada pela consideração.

— Victoria... Se você se ferir, eu não vou me perdoar, nem Jack me perdoará, prefiro acompanhá-la. Você já deve ter percebido como ele se importa com você. Também me importo.

— Você é uma boa pessoa, Dino.

— Algumas pessoas do meu passado não diriam isso, senhora — ele respondeu sério e balancei a cabeça quando meu celular vibrou com uma mensagem do motorista.

Dino caminhou comigo até a garagem do prédio, entrou no banco de trás do carro enviado e deu boa noite para o profissional contratado por Elijah.

— Vou pedir para trazê-lo quando chegarmos.

— Vou levá-la ao aeroporto, senhora. Depois volto para a cobertura. É isso que faria, não é? Pegar suas coisas e voar?

— Dino... Não é necessário — completei querendo estar sozinha para lamber minhas feridas.

— Eu sei o que você está fazendo — Dino anunciou com um olhar sério.
— E Jack se importa com você. Nunca o vi desse jeito por outra pessoa. Não

fuja do que sente, senhorita.

— É mais complicado do que parece.

— Sempre é mais complicado do que parece, mas essa não é a questão. Jack tem sua vida e jogaria toda para o alto para adequá-la a você. Sou só o segurança, mas dá para saber que ele faria qualquer coisa pela senhorita depois das últimas semanas. Pense nisso, tudo bem? Nunca vi Jack mais feliz nos oito anos que trabalho para ele. Não perca isso, não deixe escapar por seus dedos.

Balancei a cabeça em concordância, ficando em silêncio. Dino não voltou a emitir palavra alguma, e às seis da manhã embarquei no primeiro voo para Los Angeles depois de passar horas na companhia do segurança de Jack. A culpa me comia viva. Eu disse que o amava e não contei a verdade, não dei a chance de ele entender meus porquês. Era uma pessoa horrível e mesmo assim precisava de consolo.

Seis horas depois, uma equipe de segurança me esperava no Aeroporto Internacional de Los Angeles. Vic ficaria uma fera por não ter solicitado um avião particular, mas tinha um plano de fuga em mente. Quando o motorista guardou minhas malas, decidi ir para a mansão de minha irmã gêmea em vez do meu pequeno apartamento. Não queria ficar sozinha.

— O que você está fazendo aqui? — Victoria perguntou quando me

encontrou em sua cozinha. Ela tirou sua proteção natal e as imobilizações e estava totalmente recuperada, pronta para ocupar sua posição no showbiz. — Você sumiu! Não respondia minhas mensagens... Estava preocupada!

Eram nove da manhã em Los Angeles de um dia que começou muitas horas antes. Entre as seis horas de voo e o fuso entre Nova York e L.A., estava prestes a explodir. A qualquer momento.

— As gravações acabaram. Vão analisar o material durante a semana e depois regravar se tiver algo a ser feito depois do visionamento.

— Então você fez um filme inteiro, isso é incrível, querida! — ela comemorou, batendo palmas enquanto me abraçava.

Quando senti os braços de Victoria ao meu redor, foi como se a realidade batesse em mim com força, fazendo-me cair como se a dor estivesse me rasgando. Primeiro senti as lágrimas rolando em meu rosto, depois o sentimento de sufocamento. Quando meus joelhos não aguentaram, sentei no chão em uma confusão de choro e soluços acompanhados pelo olhar incerto da minha irmã.

— O que aconteceu? — ela perguntou baixinho, como se estivesse lidando com um animal ferido. Victoria se sentou ao meu lado, voltando a me envolver em um abraço forte, esperando a tormenta passar.

— Eu o amo... — expliquei em meio a um soluço. — Eu o amo e o perdi

por causa nosso plano.

Nós ficamos sentadas ali, com Vic acariciando meu cabelo até meu choro se acalmar. Nesse ponto, Victoria era a melhor irmã que poderia ter: não disse palavra alguma, apenas me abraçou forte até eu parar. Depois, me levou até seu quarto, onde deitou comigo na cama e murmurou “*quer falar sobre isso?*”.

Eu neguei, sentindo o aperto no peito e a respiração falhar. Muitos minutos depois, quando o desgaste tomou meu corpo, dormi.

Assim que abri os olhos, reparei que estava escuro lá fora. Um barulho irritante invadia o quarto, mas me neguei a me mover até o celular, colocando o travesseiro sobre meu rosto.

— Seu telefone não para de tocar. Ele deve estar preocupado, Blair — Victoria falou, sentando-se na cama e tirando o travesseiro de meu rosto. — Coloquei do seu lado caso queira atender.

— Não posso fazer isso.

— Blair, quem é ele? É Jack, não é?

— Sim, ele pensa que sou você e acabei me envolvendo mais do que

deveria e... Me desculpa, eu sei que vai ter de voltar lá e ainda afastá-lo... — falei rápido, tão fora da minha personalidade que Victoria fez uma careta pelo meu nervosismo.

— Blair, calma! — ela pediu, colocou as mãos em meu ombro e deu um suave apertão. — Estou preocupada com você. Precisa se animar, vamos procurá-lo, contar a verdade...

— Não! — eu gritei, interrompendo-a. — Isso vai acabar com a sua carreira. Tudo que Jack não quer é um escândalo. Vai atrapalhar eles, o filme, você... É toda uma confusão!

— Que eu criei, não você! — ela concluiu. — Vou resolver isso, prometo.

— Por favor, Vic... — O celular voltou a tocar e olhei para ele como se queimasse de sua distância da mesa lateral.

— Não vai atender mesmo?

— É ele, de novo... Jack nunca entenderia.

— Qual é o problema de todos vocês? Sem comunicação não dá para ter um relacionamento, caramba!

— Diz aquela que não tem nenhum! — eu berrei de volta e me envergonhei segundos depois, colocando minha mão sobre minha boca em choque por minhas palavras. — Me desculpe...

— Quem diria que você também poderia ser uma idiota! — ela anunciou

um meio sorriso.

— De verdade, me desculpe...

— Você tem uma semana para resolver sua vida, Blair, porque algo me diz que Jack vai bater na sua porta assim que ele descobrir a verdade.

— Ele pode processar nós duas — alertei.

— Eu tenho dinheiro, Blair, e mesmo assim nunca ia brincar com a felicidade da minha irmã. Se existe alguma chance de corrigir essa burrada toda, eu vou fazer.

O celular continuou a tocar durante horas inteiras, com mensagens confusas de Jack na tela. Ele estava preocupado, e eu tentada a respondê-lo. Quando o dia amanheceu, voltei para meu apartamento mesmo com as reclamações de Victoria. Precisava ficar sozinha e minha gêmea jurando que resolveria meus problemas não era o melhor jeito de lamber minhas feridas.

Quando entrei no apartamento, encontrei uma pilha de cartas à minha espera, incluindo uma notificação de morte e funeral de Ashton Hunt. *Que diabos?* Ele era meu pai e de Victoria, mas abriu mão dos direitos paternos depois de uma batalha legal com mamãe, Adrienne Walters. O homem era um roteirista famoso, e ele e mamãe tiveram um caso de uma noite porque ele era casado. Ela ficou grávida, ele sumiu e apareceu quando nós duas já tínhamos dois anos, pediu para nos registrar e, mesmo não querendo, mamãe

foi obrigada por lei. Ashton começou a aparecer sem convite, assustando-a e entrando em brigas com Gerald, o namorado de mamãe na época. Minha mãe entrou na justiça contra ele e conseguiu que ele ficasse distante por longos anos, mesmo com todas as coisas acontecendo ao nosso redor. Nós nunca soubemos dele além do nome em uma certidão de nascimento.

— Vic, recebi uma carta esquisita... — expliquei ainda encarando o papel em minhas mãos para minha gêmea, que me acompanhou até em casa.

— Uma notificação de morte de Ashton Hunt? Também recebi. Você estava tão triste por voltar para L.A. que não contei sobre isso. E tem mais...

— Como assim?

— Melissa recebeu a ligação de uma pessoa semana passada falando sobre o enterro, mas ela achou que era alguma lunática e comentou a respeito quando falei da notificação. Ela disse que esperava nós duas e nossos irmãos para o velório.

— O que quer dizer com irmãos? — respondi com a voz aguda, um pouco chocada com a conversa.

— Não sei ao certo, mas acabo de procurar o nome de Ashton Hunt na internet e existe uma família inteira. Três homens que podem ser nossos irmãos mais velhos.

— Você tem certeza? — perguntei confusa sobre a mudança dos

acontecimentos.

— Eu não tenho certeza de nada e não sei se deveríamos procurar. Você quer saber, Blair? — Victoria me perguntou com um suspiro. Sempre fomos nós duas contra o mundo, saber que temos três irmãos que nunca quiseram saber de nós duas fazia meu peito doer, como se tudo que aconteceu conosco pudesse ter sido diferente se eles tivessem lutado por nós duas.

Não... a culpa é de Gerald. Você não os conhece. Droga. Eu queria saber quem eram. Queria ver um rosto que fosse parecido com o meu e saber um pouco sobre o nosso passado.

— Entre em contato, V. Nós precisamos saber — murmurei em resposta, me despedindo de minha gêmea ao mesmo tempo que jogava minhas coisas no sofá.

Caminhei até meu quarto sentindo o sufocamento crescer novamente dentro de mim, a dor no peito como se tudo fosse mais do que eu pudesse lidar. Uma nova família, o estresse da mentira. Jack. As coisas estariam para sempre mudadas, para o bem ou para o mal.

CAPÍTULO 14

Jack

Estava preso como um leão enjaulado, andando de um lado para o outro do estúdio em Nova York enquanto Victoria se mantinha incomunicável. Queria largar tudo e voar para Los Angeles e saber por que ela não respondia nenhuma das minhas mensagens ou ligações, mas estava preso no processo de “Dúvida”. Nos últimos dias, pensava mais e mais que nossa última noite foi um ponto final do que um “até mais” antes de uma viagem.

Ela chorou, estava triste e me disse que me amava. Victoria não me esperou acordar e pegou um avião para Los Angeles muito cedo, sendo

acompanhada por Dino. Liam tentava me acalmar dizendo que ela deveria estar ocupada ou com a irmã, e, por minha reação, meu amigo sabia que éramos muito mais do que apenas colegas de trabalho. Em meu coração sabia que minha ruiva sumiria sem falar nada depois das semanas que vivemos juntos.

Depois de não conseguir contatá-la, liguei para a assistente de Victoria, que garantiu que ela estava bem em sua mansão e voltaria a me encontrar em Nova York. Não queria esperar e tinha tudo programado para voar em uma madrugada e voltar ainda pela manhã. No primeiro dia sem Victoria, encomendei um presente que queimava em minhas mãos: um anel de noivado. Estava nervoso por pedi-la em casamento depois de apenas um mês, mas aprendi a confiar em minha intuição. Eu a amava e não queria passar mais nenhum momento longe dela. Sua rejeição doeu, sua negativa em falar comigo. *Ruivinha, o que está acontecendo?*

— Pronto, já pode se acalmar. Victoria chegou — Liam anunciou batendo em minhas costas e se afastando de mim. Estávamos no set para regravar algumas sequências.

Levantei minha cabeça para ver seus cabelos vermelhos em uma cadeira, cercada por maquiadoras enquanto se caracterizava como Lina. Tivemos um erro de fotografia em uma das cenas do início do filme: uma das câmeras refletiu levemente em vidro e espelhos e gastaríamos mais corrigindo

digitalmente do que refazendo uns *inserts*.

Victoria se levantou e me encarou no mesmo instante que falava com a produção. *Algo não se encaixava*. O jeito de falar, de mover as mãos. Algo estava errado. Eu me aproximei sentindo um cheiro doce de perfume e sinais de alerta gritaram em minha mente, porque aquele não era o cheiro de Victoria, não era o cheiro da minha ruivinha. Algo estava acontecendo. Cheguei perto e puxei seu braço, sentindo-a tremer com o meu toque como se estivesse com medo. Sussurrando para que ninguém da produção ouvisse, perguntei:

— Quem é você?

— Do que está falando, Jack? — ela respondeu com um toque de irritação, mas vi seu queixo tremer. Ela lutava para se soltar em pânico. Era tão malditamente idêntica, mas poderia garantir a qualquer um, essa não era Victoria Walters, era merda de uma impostora.

Ela puxou seu braço para longe e andou em direção a Liam, que me observou confuso. Depois, como se estivesse abalada demais, caminhou para fora do set. Caminhei até seu trailer, entrando no camarim logo atrás da impostora, fechando a porta com força.

— Quem malditamente é você?

Ela colocou as mãos no peito como se tivesse levado um susto e não

respondeu. Mantive meus olhos presos na mulher, esperando uma resposta enquanto ela me avaliava de cima a baixo, como se tentasse pensar em alguma resposta. Era insanidade.

— Victoria Walters, quem mais seria? Eu sou a Vic, Jack. Que aconteceu com você?

— Vai fazer isso mais difícil, certo? Bem, você não é a Victoria. Não é a mesma voz, o mesmo jeito de falar, o mesmo cheiro, você não é minha Victoria, então a pergunta é... Quem é você e onde ela está?

— Bem, isso é assombroso... — ela anunciou mais falando para si mesma do que para mim. Sentou em um dos sofás do trailer e me encarou com um ar prepotente e um sorriso discreto nos lábios. — Bem, eu sou Victoria Walters.

— MAS QUE PORRA... — Oficialmente parecia descontrolado.

Passei a última semana querendo vê-la, louco por Victoria estar incomunicável, para descobrir que alguém tomou seu lugar. Meu cérebro ia de zero a cem buscando explicações. Precisava saber se Victoria estava bem, se algo aconteceu com ela... É a irmã gêmea! *O que está acontecendo?*

— Jack, ei, Jack — a mulher respondeu fazendo gestos com a mão para me acalmar. — Você está certo, eu não sou sua Victoria, mas eu sou a Vic.

— Como assim? — bufei sentando em uma cadeira que ficava de frente para o sofá. Era impressionante a semelhança entre as duas e aposto que

ninguém além de mim reparou que não era a mesma mulher que passou semanas gravando. — Você é a irmã dela, não é?

— Parece que Blair andou falando mais do que devia — ela murmurou com um suspiro. *Blair*.

— É esse o nome dela?

— Sim, eu sou Vic, ela é Blair. Ela só estava tentando me ajudar enquanto eu me recuperava.

— Recuperava?

— Sofri um acidente, quebrei perna, braço, nariz, uma calamidade! Não podia perder essa oportunidade, então Blair veio para as leituras de elenco. Nada deveria ter sido gravado, mas vocês aceleraram o cronograma.

— Você está me dizendo que as duas tentaram enganar a produção, é isso?

— Levantei-me novamente andando de um lado para o outro, deixando a raiva crescer em meu peito.

— Tente entender meu lado, Jack. Era o papel dos sonhos para uma pessoa conhecida por fazer séries adolescentes bobas e filmes românticos. Eu não podia perder essa chance e obriguei Blair a me ajudar. Fui uma idiota egoísta e agora estou tentando resolver isso.

— Você vai fingir que nada aconteceu? Diabos! Só pode estar brincando. Eu pedi, IMPLOREI, para não atrapalharem a produção e olha o que vocês

duas aprontaram. MERDA, MERDA, MERDA... — berrei.

— Eu queria falar com Liam primeiro — ela disse se encolhendo. — Você percebeu antes que dissesse algo. Ninguém nunca nos diferenciou, todos nos confundiam. Estou impressionada por você conseguir fazer isso. Me desculpe, Jack.

— Isso vai atrair a merda de uma publicidade negativa. Isso vai acabar com o projeto, isso...

— Não precisa ser. Eu coloquei todos nessa confusão, Jack, a culpa é minha. Ninguém sabe sobre Blair, podemos continuar sem revelar nada. Devo a vocês e fiz uma coisa horrível com vocês e com ela — Victoria respirou fundo e me encarou. — Se isso te deixar mais tranquilo, eu a obriguei. Ela não faria se não tivesse a obrigado, Jack...

— Obrigado, como?

— Ela tem esse estranho senso de que me deve algo, porque quando ela se emancipou, meu padrasto fez algo, ele me... — Victoria pigarreou e tomou alguns segundos para continuar. — E eu disse isso pela primeira vez na vida. Que ela me devia aquilo, e ela se sentiu tão culpada que aceitou.

— Nós vamos resolver essa merda com Liam agora. Depois quero distância de vocês. De você e de sua irmã. Que merda doentia a das duas... — suspirei com raiva, caminhando até a porta. Estava puto com essa confusão.

— Jack — ela me chamou antes que eu saísse do trailer. — Sei que algo aconteceu entre vocês e ela está destruída. Por favor, não a magoe. Grite comigo, me processe, faça o que quiser, mas não ouse machucá-la por algo que Blair não quis fazer. Ela ama você demais para sentir seu desprezo.

— Ela me ama? — indaguei em um murmúrio baixo e dolorido. — Mentindo como fez? Era tudo uma farsa!

— Blair é a mais fiel das pessoas e terminou como uma boneca em minhas mãos.

— Ela deveria escolher melhor suas batalhas. Eu poderia colocar o mundo aos pés delas se ela quisesse, mas Blair preferiu fugir antes de ser descoberta.

— Minha irmã não quer o mundo, Jack, só quer ser amada, e você é um idiota se não reparou isso até agora. O que teria feito?

— Como assim?

— Se ela contasse a verdade. Como teria reagido? — Victoria perguntou com um olhar mordaz. — Ela tinha medo de perder você.

— E foi o que aconteceu — conclui com raiva e bati a porta do trailer, fazendo a estrutura tremer. Nem isso me acalmou.

Assim que deixei o camarim de Victoria, convoquei uma reunião urgente com Liam, pedindo para ele deixar o estúdio com a equipe de produção e me encontrar em seu apartamento, uma cobertura perto do Central Park. Nos encontramos no estacionamento e fomos os dois para o local apesar de Liam pedir para saber o motivo e eu me negar a contar. Pedi para um assistente da produção avisar Victoria sobre o encontro e, assim como da primeira vez, chegou atrasada. *Não, essa era Blair... Que confusão!*

— Você quer me explicar o que está acontecendo? — Liam pediu assim que entramos em seu escritório.

— Temos um problema com Victoria.

— É sobre vocês dois? — Liam perguntou soltando um suspiro cansado e se jogando na cadeira.

— Não, é sobre quem ela é.

— Como assim?

— Eu posso ter enganado vocês dois — Victoria anunciou da porta do escritório, me causando o mesmo tipo de sabor amargo no estômago. Fui enganado, era tudo uma grande mentira.

— Ela não é a mulher que tem gravado o filme — revelei olhando para Liam, que parecia chocado por minhas palavras, encarando ambos com confusão.

— Como assim?

— Uma impostora, Liam. Blair, sua irmã gêmea, participou de todo o projeto. Elas nos enganaram todo o tempo. Victoria sofreu um acidente e mandou uma outra pessoa em seu lugar para não perder o papel — eu disse, cuspendo cada palavra com desprezo.

Liam riu como se achasse aquilo ridículo demais de pensar, e Victoria se sentou à frente da mesa, repassando a história desde o início. Eu passeava de um lado para o outro ouvindo como ela sofreu um acidente, trocou de lugar com Blair e como ela faria o que quiséssemos pelo projeto em troca de não divulgarmos a verdade.

— Você é a Victoria mesmo? — Liam questionou calmamente. *Como ele não estava irritado como essa merda?*

— Sim! Eu peço desculpas a vocês dois, fui inconsequente sobre isso e entendo se quiserem me tirar do projeto...

— Não temos tempo para isso. Gastaríamos um monte de dinheiro para refazer as semanas de produção, você está amarrada conosco — interrompi irritado, percebendo que Liam não estava nem de longe tão estressado quanto eu.

— Tudo bem. Entendo que estão chateados. Fui uma egoísta por enfiar todo mundo nesse meu plano idiota. Não queria perder a oportunidade de

trabalhar com vocês e, com um nariz e braços quebrados e deitada em uma maca, achei a ideia genial. Só percebi o que fiz depois...

— Onde está Blair? — indaguei, interrompendo-a.

— Em sua casa em L.A.

— O apartamento?

— Sim, é dela. Ela foi sincera com todos vocês mesmo se passando por mim, não a culpem por isso, eu a forcei.

— Tudo bem, chega de desculpas — Liam disse conciliador. — Daqui para frente, você vai assumir o papel, é isso? Nós não precisamos de muito mais. O filme está praticamente pronto.

— Mas ainda temos toda a divulgação do estúdio, e elas claramente são duas pessoas diferentes, vão notar isso! — eu expliquei apontando para Victoria, que tinha um sorriso enigmático nos lábios. *Como não conseguiam reparar que eram duas mulheres completamente diferentes?*

— Não vão... Sei que é fácil para você, Jack, mas não é para o público. Se Victoria é atriz, ela saberia atuar. Sua diferença com o papel do filme poderia ser explicada facilmente. Devemos tentar resolver as coisas com o que temos, e agora o que temos é a verdadeira Victoria.

— E além do mais, eu poderia fazer a divulgação. Blair odeia tudo isso, ela costumava ter crises de ansiedade quando era adolescente. Não quero

fazê-la passar por isso — a irmã de Blair complementou.

— É um plano, vamos seguir desse jeito, de qualquer forma, trazemos Blair se tiver necessidade — Liam concordou e deu de ombros.

— Tudo bem — Victoria disse. — Sobre a troca, gostaria que não divulgassem isso, não falassem nem com os chefes do estúdio. Além de publicidade negativa, colocaria Blair no olho do furacão. Ela não é uma celebridade, não quero que ela aguentasse mais nenhum segundo com os paparazzis quando eles parecem ter esquecido dela.

— Deveria ter pensado antes e.... — eu resmunguei atraindo o olhar de Victoria. Sei que pareço uma criança emburrada, mas não conseguia parar.

— Sei que fiz algo errado, ok? Chega disso. Temos um projeto para tocar. Você está chateado e é seu direito, mas não tenho por que aguentar — ela reclamou me encarando nos olhos.

— Você e sua irmã nos enganaram e não quer ouvir sobre isso, quem diabos você pensa que é? — retruquei.

— Alguém que já aguentou merda demais para ter que ouvir de você. Quer me processar? Processe, me exponha na mídia, viveremos as consequências, mas pare de ficar remoendo um ódio sobre uma situação. Já entendi que está bravo, mas adivinha? Não vou deixar descarregar em mim.

— Você e sua irmã...

— Nem uma palavra sobre Blair. E eu pensei que você...

— Pensou o quê?

— Ela está arrasada, ok? Eu disse a você. Ela queria te contar o tempo todo. Ela gosta de você de verdade, e se não conseguiu ver isso no tempo que ficaram juntos, não merece tê-la — ela concluiu.

No fundo, sabia e sentia medo. Encarando os dois, percebi que já estava tudo resolvido, por mais irritado que estivesse. Quando minha raiva abrandasse, correria para onde pertencia: Blair. Abandonei a sala, deixando Liam e Victoria decidirem sobre o futuro de “Dúvida” e tive que rir sobre essa decisão. Há um mês, eu queria que tudo desse certo e estava obcecado pelo projeto, agora estava a um passo de voar para Los Angeles, abandonar a produção e procurar pela mulher que amava.

CAPÍTULO 15

Blair

Meus e-mails me distraíram por algumas horas enquanto analisava alguns projetos de freelancer oferecidos pela equipe que costumava trabalhar. Secretamente desejava uma viagem para longe, como a gravação em Las Vegas, para me tirar da cidade que tanto lembrava Jack. Por longos dias, fui incapaz de pensar em outra coisa que não fosse a mentira e quão decepcionado ele ficaria por eu não ser quem dizia. Nem mesmo a morte de Ashton Hunt me distraiu do medo de como Liam e Jack reagiriam à presença da verdadeira Victoria nas gravações. E se eles entendessem... E se eu me

tornasse livre para... para o quê? Ter Jack de volta? Ele não iria me querer.

Antes disso tudo acontecer, tiraria férias e passar alguns dias me bronzeando em uma praia paradisíaca. Em vez disso, fingi ser minha irmã, me apaixonei por um dos atores mais famosos do mundo e agora me afundava em sorvete, assistindo televisão por horas e tentando distrair meus pensamentos. Estava de pijamas, despenteada, segurando um pote de sorvete e torcendo para superar aquela fossa em poucos dias.

A campainha tocou e me arrastei até a porta pensando em quem poderia ser. Não esperava visitas e ninguém tocou o interfone pedindo para subir. Algum repórter descobriu da troca? Era o momento que Blair Walters seria desmascarada? Quando olhei pelo olho mágico, preferia que fosse algum tipo de paparazzi.

Jack estava ali. Aqui. Jack. Ele sabe.

Senti minha respiração pesada e comecei a tentar pensar sobre o que fazer: pular a janela? Perigoso. Escada de incêndio? Igualmente perigoso. Fingir que eu não estou. Um bom plano...

— Eu ouvi você aí dentro, ruivinha. Não adianta fingir que não está — ele anunciou, interrompendo meus pensamentos.

Derrotada, abri a porta para encontrá-lo na minha frente. O mundo era injusto. Tinha olheiras, a cara inchada de choro, posso ter prendido parte do

sorvete no cabelo e ele ainda era a criatura mais espetacular que já vi. Ele era lindo e foi meu.

— Vic não mentiu quando disse que você estava acabada — ele falou e entrou, fechando a porta em seguida. Eu só conseguia observá-lo sem esboçar reação.

— Eu...

— Blair... — Fechei os olhos saboreando a primeira vez que ele dizia meu nome. Era ridículo, mas quase inalcançável. Jack me conhecia intimamente, mas nunca falou meu nome até aquele exato segundo. — Por que não me contou?

— Não... não era um segredo meu — sussurrei observando a reação de Jack. Não conseguia decidir se ele estava puto comigo ou não, tão sério e de braços cruzados.

— Victoria nos contou hoje. Foi tudo mentira, Blair? Tudo isso... Dizer que me ama... Foi parte do teatro?

— Não! — gritei mais alto do que deveria. — Você nunca foi parte disso. Nós nem deveríamos gravar juntos, só ter os ensaios, e então tinha algo em você e eu precisava ficar perto o tempo todo, sair por aí... Não sei o que aconteceu. Só foi... inevitável.

— Me sinto traído, não por essa mentira, mas por não confiar em mim.

Você fugiu no meio da noite! — ele reclamou, levantando a voz. — Se despediu de mim sem avisar que era uma despedida. Era o plano? Um caso e acabou... Achava que era mais...

— E é — eu o interrompi sem jeito e evitando olhá-lo nos olhos. — Amo você, me desculpe por isso... Me desculpe por te ferir.

— Sua irmã disse que te obrigou, eu não entendo. Você odeia Hollywood, as festas, os atores, tudo... E de repente é a protagonista de um filme. Você gravou cenas nuas, pelo amor de deus! O que seria tão forte para te obrigar? Era um jogo não era? O jogo das gêmeas para você voltar à ação.

Jack andava de um lado para outro como se tentasse entender o que estava acontecendo. Sentia a frustração sair em seus poros. Ainda evitando encará-lo, revelei algo que escondi por anos:

— Eu matei alguém, Jack. Matei aquele porco e não me arrependo! — confessei com a voz grave.

— O que você está dizendo?

— Você não queria saber por que topei a troca? Essa é a verdade. Eu sou uma pessoa quebrada, ex-drogada e assassina — disse seca.

— Ei... Calma — ele falou com a voz mais suave enquanto se aproximava de mim.

Ele me olhava sem o julgamento que esperava que chegasse junto com a

minha confissão. Estava descontrolada, tremendo e senti seus braços fecharem sobre mim, tentando me conter.

— Eu a deixei, Jack. E ele foi um monstro... — sussurrei escorregando até o chão assim que senti seu abraço. Ele se juntou a mim, encostando-se na parede e me puxou para seu peito. As lágrimas caíam livremente por falar abertamente sobre isso pela primeira vez.

— Não é culpa sua, ela não podia obrigar... — ele me consolou, fazendo carinho em meus cabelos.

— Ela me ligou na noite que aconteceu — solucei. — Eu estava tentando chegar. Ela se trancou em um quarto, chamou a polícia e me ligou. Era madrugada e eu era uma adolescente cheia de medo e culpa. Corri para lá. Depois descobrimos que a polícia chegou, Gerald os mandou embora dizendo que era um surto de uma adolescente mimada de Hollywood. Ninguém quer se meter muito com esses tipos de caso. Eles quiseram vê-la e ele disse que Vic tinha ido embora. Os oficiais rodaram a região por horas. Ele derrubou a porta e estuprou minha irmã.

— Jesus, Blair, se você não quiser falar...

— Não, eu preciso... eu... eu tinha uma arma. Consegui assim que me emancipei com essa gente estranha que passei a andar. Entrei com minha chave e segui o barulho, encontrei ele em cima dela. Atirei em sua cabeça e

Gerald explodiu para todo o lado. Vic estava tão apática que não gritou nem com os miolos por todo o lado.

— Foi você? Sempre achei que foi sua irmã...

— Ela empurrou o corpo, foi cambaleando com a roupa rasgada e pegou a arma da minha mão. Ela mandou eu me esconder. Parecia tão séria naquele corpo pequeno, como se algo tivesse morrido dentro dela. Estava com tanto medo que corri. A deixei, não fiz o suficiente.

— Claro que fez, você matou esse bosta para protegê-la — ele respondeu e deu um beijo suave em minha testa.

— Podia fazer mais! — berrei entre lágrimas. — Tinha 17 anos e apanhava quase diariamente. Dei um basta e consegui a emancipação daquele monstro às escondidas, e a deixei para trás para que toda essa merda acontecesse.

— Não é culpa sua nem de sua irmã, meu amor. Ele batia em vocês? — Jack questionou irado. Se Gerald não tivesse morrido, tinha certeza de que ele faria esse serviço.

— Sim. Mas eu era o saco de pancadas favorito. Vic era a estrela, fazia tudo perfeitamente e eu só... só... — respirei fundo, tentando afastar as lembranças — não queria estar lá em quase todos os momentos. Sempre odiei ser o centro das atenções. Um dia, saí sem olhar para trás. Tentei falar com

minha irmã um milhão de vezes, mas Gerald a blindou por todos os cantos. Ele não esperava que eu saísse e não permitiria que Vic fosse junto. Sua “galinha dos ovos de ouro”. Mandeí cartas, falei com pessoas, mas nada.

— Vocês voltaram a ficar juntas depois dessa merda, não?

— Mais ou menos. Naquele dia, Vic foi encontrada pela polícia com a casa ensanguentada e o corpo. É de lá a famosa foto dela saindo coberta por um casaco da polícia. Ela estava em choque e isso aumentou a credibilidade sobre não saber exatamente como aconteceu. Havia sêmen dentro dela, marcas de espancamento, roupas rasgadas. Ela era uma sobrevivente e eu tinha fugido. Fui vê-la no hospital, mas algo quebrou dentro dela. Vic me prometeu nunca falar sobre o que aconteceu naquela noite. Ela foi a juizado e absolvida, pedi para meus advogados conseguirem sua emancipação também. E então ela sumiu.

— Como assim?

— Ela não quis me ver, depois descobri que era porque eu a lembrava do assassinato. Vic me contou depois de anos de sessão de terapia. — Olhei para os meus pés, ainda em silêncio. Era tão difícil. — Nesse meio tempo, me perdi, segui a vida, consegui meu dinheiro depois da emancipação e comprei esse apartamento. Foi sorte, acho. O primeiro anúncio e comprei. Queria sair por aí, ver o mundo que não vi, conhecer algumas pessoas. Ela sofria e eu era a drogada.

— Você a ama, Blair, vocês têm um passado trágico, mas são a força uma da outra.

— Eu sei, mas demoramos para ser o que somos hoje. Um dia, Anong me achou e me salvou. Demorou mais cinco anos até recuperar Vic, mas recomeçamos. Ela quis continuar a atuar e eu fui para os bastidores, fizemos arte marciais juntas, terapia, contratamos segurança.... Não importa o que diga, Jack, eu faria de novo e de novo, porque, por minha culpa, Vic ficou sozinha com aquele monstro.

— Amor, não... Ele era o monstro, você era uma adolescente tentando fugir.

— Uma bosta de adolescente egoísta! — berrei novamente, chorando com mais força. Tremia enquanto Jack me abraçava, tentando controlar meus soluços.

— Tenho orgulho de você, Blair. De tudo...

— Não, por favor, não fale! — eu disse tentando afastá-lo de mim, mas Jack trouxe seus lábios para perto dos meus, em um beijo leve, como um consolo.

— Eu te amo, Blair... — ele anunciou juntando sua testa com a minha. — E quero recomeçar. Sinto que te conheço mesmo que tenha sido com outro nome. Preciso que você confie em nós dois, tudo bem?

— Me desculpa? — perguntei ainda tentando controlar o choro. — Você foi a surpresa que eu não esperava ter.

Ficamos em silêncio, abraçados, até que senti o sono me invadir. Muita coisa aconteceu e estava cansada por passar dias em claro vendo televisão e chafurdando na minha melancolia. Quase dormindo, senti Jack me levantar em seu colo e me levar para meu quarto. Queria sentir seu corpo ao meu lado, mas não foi isso que aconteceu.

— Jack? — chamei desorientada assim que abri os olhos e me lembrei das últimas horas.

Levantei jogando o cobertor para o lado e o chamando novamente. Ele foi embora? *Mas eu pensei... Será que sonhei com isso? Que tudo foi minha imaginação?* Olhei os cômodos em busca dele, mas não havia sinal de que Jack esteve ali. Quando ia desistir e achar que era minha mente me pregando uma peça, vi seu casaco em uma das minhas cadeiras e tive o ímpeto de correr até ele, onde quer que ele tivesse ido. Peguei meu casaco, soltei meu cabelo, ajeitei-o do melhor jeito possível e saí.

Merda, eu parecia Bridget Jones correndo atrás de Mark Darcy. Pelo

menos não usava só calcinhas e tênis, e Deus salve Los Angeles, não nevava lá fora. Assim que cheguei na escadaria do meu prédio, vi os paparazzis se espreitando à distância, mas não deram a menor atenção para mim. Descabelada e com calça de pijamas não era Victoria Walters, era Blair Walters, a irmã que não era mais atriz.

Passei alguns segundos olhando para um lado e o outro até ver Jack surgir do final da rua com uma sacola do Sawadee. Assim que ele me viu parada, sorriu, um daqueles sorrisos abertos e deliciosos que ele só tinha para mim. Ainda na escada do prédio, ele se aproximou e, sem hesitar, me beijou como se não tivéssemos nos visto há séculos. Os paparazzis começaram a tirar fotos assim que ele fez isso.

— Achei que tinha ido embora — eu murmurei contra sua boca. — Ou que fosse algo da minha imaginação.

— Procurei por comida em seus armários, mas só havia sorvete. Fui pedir reforços para Anong — ele explicou com um sorriso, deixando a sacola no chão e voltando a me beijar.

— Estamos fazendo um show, vamos entrar...

— Não, espera... — ele pediu e pegou na minha mão. — Queria ter feito isso direito, com você acordando e eu com seu prato preferido, mas todo momento é momento.

Sem esperar, Jack se ajoelhou na escadaria e os flashes dos fotógrafos ficaram ainda mais fortes, como se tivessem se aproximado mais. Não conseguia separar os olhos de Jack enquanto ele dizia para mim:

— Quer casar comigo, amor?

Só existia uma resposta certa. Era loucura querer casar com uma pessoa que conhecia há um mês? Era. Mas havia vezes na vida que a gente sabia o que era certo depois de viver várias coisas erradas. Jack era meu certo, simples como respirar.

— Sim! — respondi me jogando sobre ele e quase o fazendo cair.

— Você vai se casar com Victoria? — Eu ouvi a primeira voz gritar ainda mais perto dessa vez. As fotos me cegavam e queria fugir correndo.

— Vocês estavam juntos durante o filme?

— Ela está grávida? Por isso engordou?

— Ei, mais respeito! — Jack pediu e olhou feio para o que fez a última pergunta. — Ela é Blair, a gêmea de Victoria, e nós vamos nos casar. Vocês têm fotos ótimas, vamos entrar agora. Qualquer outra coisa, fale com Marshall.

A próxima coisa que aconteceu foi Dino nos puxando para dentro do prédio junto a Jack e nosso jantar feito por Anong. Apesar da cena, não conseguia tirar o sorriso do rosto.

— Vocês não aprendem! — Dino murmurou mais para si mesmo. — Pelo menos você concordou, garota?

— Sim, vamos nos casar, Dino! — eu respondi empolgada.

— Muito bom, rapaz — ele falou para Jack. — Vou ver a loucura lá fora e falar com Marshall. Já devem estar ligando para perguntar do seu casamento.

— Ele já sabia que eu iria pedi-la. Marshall e Rochelle até mesmo opinaram sobre o anel de noivado por mensagem.

— Você comprou um anel? — eu perguntei surpreendida.

— Claro! Que tipo de pedido seria sem um anel?

— Um espontâneo?

— Isso era tudo planejado, meu amor. Não deveria ter paparazzis envolvidos, mas esse anel está no meu bolso há mais de uma semana.

— De verdade?

— Sim, desde o momento que você partiu. Quando você percebe que quer passar o resto da sua vida com alguém, você só quer que o resto da sua vida comece logo.

— Tudo bem, Harry — eu concordei percebendo sua referência ao discurso de Ano novo de “Harry & Sally, feitos um Para o Outro”. — Aceito ser sua Sally.

— Que bom! Teria que citar “Tarde Demais para Esquecer”, e eu não

tenho ideia de como desenhar uma pessoa de palitinhos. Pelo menos você sabe andar — ele explicou quando entramos no meu apartamento novamente.

Jack mexeu no bolso do casaco que deixou em meu apartamento, tirou um simples anel de ouro com uma pedra verde na ponta e colocou em meu dedo. Estava acontecendo de verdade. Me aproximei de Jack procurando seus lábios e me pendurei em seus ombros, aprofundando ainda mais o beijo. Era urgente como todos os outros que trocamos, e não sabia se um dia essa energia que fluía entre nós diminuiria em intensidade.

— Por que fez aquilo lá fora?

— Para não ter dúvidas de com qual irmã eu escolhi dividir minha vida. Sempre foi você até quando não podia chamá-la de Blair.

— Amo você, Jack.

— Eu também te amo, ruivinha.

CAPÍTULO 16

Jack

A imprensa foi à loucura depois do meu pedido de casamento ter sido transmitido quase que ao vivo pelo TMZ. Todos queriam saber quem era Blair, como nos conhecemos e o que aconteceu para a “colorista irmã de estrela de cinema” ter conseguido noivar com um ator famoso sem ninguém saber. Blair tem agido melhor do que eu esperava, já que detestava ser alvo de sites de fofoca. A imprensa não parava de procurá-la, e Marshall quase nos levou à loucura.

Naquele dia, após o pedido de casamento, nos trancamos em seu

apartamento e fizemos amor como duas pessoas sedentas uma pela outra. Eu ignorei a produção de “Dúvida” e Liam apareceu em nossa porta três dias depois para dizer que precisava de mim e que se Blair quisesse vir, tudo bem. Marshall passou a lidar com os pedidos de informação e entrevistas, e nós dois permanecemos juntos, do jeito que sempre deveria ter sido.

Liam trouxe com ele a ideia de encerrarmos o filme com Blair em vez de Victoria, já que ela atuou em 90% do material que iria para o corte final. Para minha surpresa, ela topou alegando que não deixaria a irmã gravar cenas quentes comigo, porque era errado beijar um cunhado, seja atuação ou não. Eu ri do ciúmes de minha noiva e aproveitei os dias no set para reviver nossos momentos no trailer.

Durante as gravações em Nova York, um homem apareceu à procura das irmãs Walters, então pedi para minha equipe de segurança checá-lo. Entre Victoria e eu, Jason Hunt foi investigado até saber a cor de suas cuecas, pois não deixaria nunca mais nenhuma ameaça chegar perto de Blair ou de alguém que ela amasse. Para nossa surpresa, ele e as gêmeas dividiam o mesmo pai. Blair me falou sobre a carta informando da morte de Ashton Hunt e sobre a descoberta dos irmãos, mas uma coisa era descobrir uma família e outra saber se ele seria um novo mau caráter em busca de vantagens.

Jason Hunt não pareceu uma ameaça, e uma reunião foi acertada entre ele e nós três – pois não deixaria Blair fazer isso sozinha – na filial de sua

empresa em Manhattan. No dia, o homem entrou na sala e imediatamente notei a semelhança apesar de não compartilharem nem a cor dos cabelos e muito menos a cor dos olhos. Blair apertou a minha mão reparando o mesmo, sabendo que eles deveriam ter algum parentesco. O que era tratado como exótico e anguloso em duas ruivas pequenas era aceitável em Hunt, fazendo-o parecer mais um ator do que um empresário.

— Você é meu irmão... — Blair murmurou quase sem querer. Victoria, por outro lado, olhava desconfiada para o que acontecia, em aberta curiosidade.

—Deus! Vocês duas se parecem tanto com a gente! É engraçado ver meu nariz em alguém tão pequeno — ele respondeu, deixando a voz morrer ao mesmo tempo que sentava à mesa e tirava uma foto de seu bolso.

— Por que agora? — Victoria perguntou.

— Porque nós não sabíamos da existência de vocês. Ashton largou nossa mãe quando eu tinha quatro anos, e ela reergueu sua vida, casou de novo. Ele aparecia algumas vezes, mas raramente o víamos, quanto mais saber que ele escondia duas outras filhas...

— Não tivemos contato com ele durante toda a vida. Ashton Hunt é um nome na nossa certidão — Victoria informou dura, balançando a mão como se estivesse irritada. — Não entendo esse fingimento todo.

— Escute... Nós três, Matt, Logan e eu, somos uma unidade. Queremos conhecê-las, queremos tratá-las como família. Sei que como celebridades devem estar em dúvida sobre o que queremos realmente, mas a coisa é essa: vocês são nossas irmãs e queremos tratá-las como tal.

— Não sabíamos de vocês também — Blair explicou com uma voz conciliadora.

— Esse são Matt, Logan e mamãe. — Ele apontou para a foto em suas mãos. — Ela também está louca para conhecer vocês.

Olhei para a imagem que o homem apontava. Blair encarava a foto com curiosidade enquanto Victoria parecia dura e desconfiada de seu lugar à mesa. Os homens da foto eram três, a cópia um do outro, abraçados com uma mulher pequena e completamente diferentes deles.

— Acho que ela não vai ficar feliz de conhecer as filhas da amante — Victoria disse afiada.

— Mamãe já estava casada com James quando vocês nasceram.

— Sempre ouvimos a história de que Ashton era casado e por isso mamãe o afastou, isso é confuso.

— Não sei sobre a vida de Ashton, como eu disse, ele foi uma sombra na nossa vida, e meu pai de verdade se chama James Larson. Podemos fazer o DNA, se quiserem ficar mais confortáveis, mas temos certeza de que são

nossas irmãs.

— Tudo bem... — Blair respondeu e senti sua mão tremer entre nossos dedos entrelaçados. Minha ruivinha estava nervosa com as informações sobre sua família.

— Quando voltarem para Los Angeles, nos procurem. Vamos ter um jantar... Sem pressão. Somos família, no final das contas — Jason anunciou e levantou-se da mesa. — Me avisem sobre a decisão que querem tomar.

Assim que Jason saiu, eu vi a troca de olhares entre Victoria e Blair e preferi deixá-las sozinhas. Dei um beijo na bochecha de minha noiva e me levantei, dando privacidade para as duas. No corredor, encontrei Hunt parado e ainda observando o nada, tão chocado quanto elas.

— É tão estranho para elas como é para a gente, sabe? — ele confessou assim que abri a porta. — E eu sinto tanta dor pelo que elas passaram quando nós não estávamos aqui. Podíamos ter sido um refúgio se esse idiota do Ashton tivesse nos contado sobre elas. O que aconteceu... Aquele abusador de merda... Elas deveriam ter sido protegidas.

As mãos dele estavam fechadas em um punho tão duro que era possível ver seus dedos brancos. Conhecia essa raiva. Sentia o mesmo quando via Blair indefesa em meus braços, dormindo como um anjo, e imagino os dias de inferno pelos quais elas passaram. Eu poderia matar o padrasto delas cem

vezes e ainda assim não ficaria satisfeito.

— As duas são fortes. São a fortaleza uma da outra. Deixar mais alguém entrar é complicado depois de tantos anos — revelei e dei um leve tapinha no ombro do homem.

— Tudo bem — ele suspirou derrotado. — Nós só queremos tentar. Queremos elas como parte da família.

Depois da reunião, deixamos Victoria em seu apartamento e seguimos para minha penthouse no SoHo. As irmãs passaram a curta viagem em silêncio, mas sabia que haviam decidido algo naqueles minutos sozinhas. Assim que entramos na casa, me joguei no sofá e olhei curioso para Blair de pé à minha frente:

— E então?

— Queremos conhecê-los. V é cética, mas eles pareciam tão afáveis, felizes naquela foto, e quero isso.

— Está tudo bem, ruivinha. Vocês têm esse direito.

— É, além disso... — ela suspirou e caminhou para mim, sentando-se em meu colo. — Eu quero aquilo, aquela alegria familiar, o afeto nas palavras de

Jason. Não quero ter apenas Victoria.

— Você me tem, meu amor. Sabe disso.

— Eu sei — ela respondeu e me encarou com os olhos baixos, como se estivesse com medo e vergonha de falar o seu próximo pensamento. — Casa comigo hoje à noite?

— Como assim? — indaguei surpreso.

— Quando eu olhei a imagem, não parei de pensar em como quero uma família. Quero ser a moça pequena cercada de gigantes de olhos cinzas como os seus. Eu quero ser Blair Evans.

Encarei-a sério, puxando-a para meus braços e encostando meus lábios no dela em um beijo profundo, sem conseguir emitir palavra alguma. Transformá-la em Blair Evans era tudo o que eu queria. Pela ruivinha, estava disposto a fazer a festa, toda a arrumação, criar seu dia perfeito com a irmã e os amigos. Meu desejo verdadeiro sempre foi entrar em um registro civil, assinar os documentos e estar casado com ela. Simples, rápido.

— Você tem certeza, amor? Victoria vai ficar uma fera, Anong, seus amigos...

— Sua família também, Jack, mas esse não é o ponto.

— Qual é o ponto? — perguntei com sua testa grudada na minha, perdido em seu olhar amoroso cor de esmeralda.

— Que eu amo tanto você, que tudo o que quero é amarrá-lo bem forte e não o deixar partir. Começar o nosso “felizes para sempre”.

— Isso é uma besteira, Blair. Mesmo se você me empurrasse para longe, eu voltaria. Você é minha âncora, meu amor, o que me mantém navegando na direção certa.

— Referências náuticas... Temos um barco para passar uma lua de mel?
— Blair perguntou rindo.

— Quer mesmo ir até registro civil e depois Utah? Você ainda me deve um dia de pescaria.

—Quero ir aonde você quiser ir se isso significa conseguir uma licença de casamento para nós dois a tempo de estar casada hoje à noite, dividindo uma cama com o meu marido.

— Vá se arrumar, temos um casamento para ir! — eu gritei, levantei-a do meu colo e dei um tapa em sua bunda. Blair soltou uma gargalhada sincera sabendo que faríamos isso.

Dez horas e alguma estrutura incluindo um voo privado e acionar todos os contatos possíveis, jurei honrar, amar e respeitar Blair Walters para sempre. Pude suspirar em paz enquanto a juíza bocejava à nossa frente e minha esposa mantinha um riso perverso em seus lábios. Era um começo perfeito, sem mentiras e fingimentos. Apenas Blair e eu, em um amor que nunca fui

capaz de evitar.

EPÍLOGO

Blair

— Eu não acredito que está me convencendo a fazer outra troca! — reclamei com Victoria. Minha irmã levantava a sua sobrancelha em diversão com minhas queixas.

— Mas essa é por uma boa causa, você foi indicada!

— Não, você foi! — retruquei encostada na parede do pequeno banheiro do teatro.

— Vamos entrar nessa discussão de novo?

Era noite dos prêmios da Academia e “Dúvida” foi indicado a melhor filme, melhor atriz, ator, diretor, roteiro adaptado e alguns prêmios técnicos para quem suou a camisa para fazer a obra acontecer. Conseguimos manter o segredo, e apenas Liam e Jack sabiam que fui eu que atuei como Lina. A interpretação rendeu frutos, e Victoria foi indicada a melhor atriz, o que melhorou e muito sua carreira. Quando as primeiras indicações a prêmios apareceram, minha gêmea começou a relutar, querendo que eu assumisse o trabalho e querendo se negar a comparecer às premiações. Não queria nenhuma dessas coisas. Os paparazzis já tinham invadido minha vida com meu casamento com Jack e não podia imaginar o que fariam se soubessem o que fizemos.

Nosso certificado de casamento estampou os sites de fofoca assim que foi vazado. História engraçada: quando as pessoas pensam em casamentos rápidos, todas as mentes vão para Las Vegas, mas mais da metade dos estados nos EUA fazem o mesmo. Infelizmente, Nova York não é uma delas e exige 24 horas entre o pedido e a cerimônia – à prova de casamentos apressados e impensados, alguns diriam. Na Califórnia, ainda existe uma lei de confidencialidade, que nos permitia esconder por algum tempo nossa união. Tivemos três meses de sossego após a cerimônia para acordar uma manhã e descobrir que todos sabiam sobre nosso casamento.

Victoria gostava de me provocar sobre não a ter deixado participar do meu

casamento. Depois de decidir que casaríamos naquele dia, Jack passou alguns minutos com Marshall ao telefone e decidiu que voltaríamos para Los Angeles. Eu usei um vestido branco simples de meu armário e Jack usou um terno igualmente neutro. Não trocaria o nosso momento sozinhos por nada. Assim que tudo foi oficializado, liguei para minha irmã para compartilhar a novidade.

— *Você fez o quê?* — ela berrou do outro lado da linha.

— Vim para Los Angeles e me casei — respondi com um sorriso na voz, observando Jack parado à minha frente.

— *Não acredito que fez isso sem mim!*

— Não é uma festa nem nada, é só um casamento civil.

— *Mas você é minha irmã! Quero assinar como testemunha, ou seja lá o que precise. Vou para o aeroporto agora, é melhor que você e Jack estejam prontos para jantar com uma irmã muito irritada, porque a sua gêmea ingrata não pensou em tê-la como madrinha!*

Victoria apareceu horas depois e comemoramos juntos depois de ouvir mais uma vez como eu a deixei “no escuro” em Nova York. De alguma forma, apesar de minha metade, era importante estar sozinha com Jack. Nossa história aconteceu por um engano, eu me fiz passar por ela. Blair Walters queria ser egoísta... Quer dizer, Blair Evans.

Quando a versão final de “Dúvida” foi entregue para a Star Kingdom e a divulgação começou, Victoria assumiu a divulgação, lidando com imprensa e paparazzis por todo o canto. Ela trabalhou incansavelmente e aceitou todas as entrevistas que eram solicitadas: Jimmy Fallon, Ellen, James Corden, todo o tipo de entrevistas para veículos internacionais, sessão de fotos... Vic fez de um tudo, porque considerava estar “pagando” pelo que fez a nós três.

Todos caíram por sua simpatia e pela atuação no filme. Victoria não queria aceitar que eu preferia que ela aceitasse todos os prêmios e fizesse todos os discursos. Não levava jeito para a coisa e nem queria subir no palco. Consegui passar ilesa na temporada de premiações até a noite do Oscar, quando minha irmã me atraiu para o banheiro do teatro, me fazendo perder um segmento inteiro da premiação.

Nos Globos de Ouro, SAG Awards e outros eventos, ela me representou, inclusive fez os agradecimentos, comentando o tempo todo sobre mim, a irmã assistente de fotografia, mas fez. Isso me permitiu ficar com Jack quando ele ganhou e comemorar com ele. Ele ganhou duas vezes na temporada, e nas duas falou o quanto me amava e que, mais do que seu primeiro filme, esse longa havia me trazido até ele e por isso seria eternamente grato. Jack era um romântico à moda antiga.

Essa noite era diferente. Victoria tinha esse plano desde o início, quando chegamos Jack, eu, Victoria e seu marido. *As coisas mudaram naqueles*

meses. Em um momento, ela me pediu para acompanhá-la até o banheiro só para iniciar uma discussão acalorada sobre como eu deveria subir ao palco dessa vez. De acordo com ela, a academia era o grande momento da carreira dos atores de Hollywood, e ela não se sentia bem em ocupar meu lugar daquela vez. Depois de mais de vinte minutos e várias mensagens de Jack, me vi enfiada em um longo vestido romântico de tule Elie Saab enquanto Vic se vestiu em meu Armani Privé decotado.

Layla se tornou minha estilista temporária, porque assim que o filme foi indicado, deveria acompanhar Jack nos eventos e premiações. Eu ganhei um armário de cores escuras, poucos detalhes e cortes retos. Até um vestido com bolsos eu usei nos últimos dias. O Armani Privé escolhido era maravilhoso, de um verde que ressaltava meu cabelo vermelho – e com o decote parecido com o de Vic, o que apostava ser influência da minha irmã.

Apesar das camadas de tecido e do medo de estragar cabelo e maquiagem, conseguimos trocar as roupas em menos de dez minutos. Tivemos que esperar até o segmento seguinte para não atrapalhar a transmissão, mas assim que me sentei ao lado de Liam, ouvi a voz de Jack a dois bancos de distância sussurrando:

— Ruivinha, por que você está aí? E por que trocou de roupa?

— Ela vai receber o prêmio se ganhar, Jack. Só se sente ao meu lado e aproveite — Victoria respondeu tomando meu lugar. — Cruze os dedos.

Jack piscou para mim quando Julianne Moore, a ganhadora do ano anterior, entrou no palco e chamou as indicadas: Meryl Streep, Jennifer Lawrence, Victoria Walters, Cate Blanchett e Amy Adams. Estava uma pilha de nervos. Sabia que a atuação foi boa, mas eram atrizes incríveis.

— De ruiva para a ruiva! — ela gritou abrindo o envelope. — E o Oscar vai para Victoria Walters por “Dúvida”.

Às cegas, estiquei a mão para Jack e apertei forte. Abracei Liam ao meu lado e subi no palco tremendo e sem saber o que fazer. Julianne me abraçou e entregou o prêmio enquanto me aproximei do microfone.

— Uau! Eu não esperava... Queria agradecer a incrível produção de “Dúvida”, minha irmã, que está comigo desde que surgi, minha parceira de crime desde o útero. Meu marido, meu porto seguro desde que nos conhecemos, eu te amo muito — disse rápido antes que a música me cortasse. Então decidir continuar: — Também quero dedicar esse prêmio a todas as mulheres sobreviventes de assédio, violência e estupro. São episódios que marcam nossas vidas, mas que não podem definir quem somos. Sejam fortes e lutem pelos seus sonhos. Obrigada!

Ainda tremendo pelo prêmio, me levaram até uma sala para tirar fotos. Depois de alguns cliques, decidi me rebelar e chamei Melissa, a RP de Victoria, e avisei que voltaria para dentro. Mais uma vez fui impedida de entrar e através do telão da antessala, vi Jack segurando o prêmio em suas

mãos. Não estava ali para comemorar com ele.

— Como falamos durante toda a noite, “Dúvida” é um divisor de águas. Ele mudou minha carreira, mudou a de Victoria e só tenho a agradecer. Obrigado a Liam e a quem mais participou da produção. Também queria agradecer à minha família, ao meu irmão que, de alguma forma, está vendo isso e à minha mulher. Blair. Se já não tivesse casado com você, teria aproveitado esse momento para envergonhá-la e pedi-la de joelhos aqui no palco. Me casaria 50 vezes que se pudesse, porque sei que encontrei quem sempre deveria ser minha. Obrigada.

As portas se abriram e Jack fez o mesmo caminho que eu, segurando o troféu para as fotos. Marshall estava ao seu lado ouvindo suas reclamações sobre querer ver o prêmio de Liam. Me aproximei com um sorriso nos lábios e ele largou a todos, chegando perto de mim.

— Você tem que parar de falar de mim, daqui a 20 anos, quando tiver na quinta esposa, vai ficar com vergonha — brinquei.

— Não vou deixar você ir embora, nem que eu precise amarrá-la na cama.

— Isso soa interessante.

— Não é? — Ele riu sedutoramente e piscou. — Pare de agir assim, está vestida da minha cunhada, não minha mulher.

— Quero tanto beijar você, te abraçar pela sua conquista — confessei e ele

me encarou com olhos amorosos.

— Me dê um abraço fraternal e vá trocar de roupa com Vic. Vocês duas já arranjaram confusão demais por hoje.

— Gostei de estar lá — revelei ainda falando baixo.

— Eu sei, gostei da parte que você diz me amar, mas gostei ainda mais de quando falou sobre as sobreviventes. Nunca estive tão orgulhoso de você, meu amor.

Nós acompanhamos juntos quando Liam ganhou o prêmio e fez o mesmo caminho para a imprensa. Vic apareceu pela porta e me arrastou para o banheiro, nos fazendo trocar a roupa a tempo de voltar para nossos lugares e ver “Dúvida” ser escolhido como o filme do ano e nosso diretor mais uma vez voltar ao palco para agradecer.

Quando a cerimônia acabou, os três foram cercados por jornalistas – e dava graças a Deus por ter voltado a ser apenas “a esposa” de um dos vencedores da noite. Jack foi o primeiro a fugir das entrevistas, caminhando em direção a mim como se tivesse uma missão. Juntando seus lábios aos meus, ele me beijou com vontade, mostrando para todos no salão que éramos realmente aquilo que ele disse quando recebeu o prêmio. Como mantínhamos uma vida reclusa, os flashes dos paparazzis estouraram em nossa direção, flagrando nossa troca de carinhos.

— Bem melhor agora — ele sussurrou em meu ouvido. — Vamos embora?

— Vamos ficar um pouco! Quero falar com todos, e vocês precisam comemorar a vitória do filme. Não se preocupe comigo, estou bem.

— Uma fuga como nos velhos tempos? — Ele piscou para mim e me deixou tentada, mas eu sabia que Jack não queria ir embora por esse motivo.

— Sei que é não é sobre isso, meu amor.

— Você está nesse salto altíssimo correndo para lá e para cá, pode ser perigoso...

— Está tudo bem com o bebê, Jack! — sussurrei. — Não se preocupe tanto, vou dizer se precisar de ajuda.

Tanto Jack quanto eu queríamos esperar para ter filhos, mas o destino não quis assim. Nunca fomos capazes de criar algum método anticonceptivo além da pílula. No dia que ela falhou, eu engravidei. Ele se tornou superprotetor desde o momento que descobrimos sobre a gravidez. Já passava dos três meses, nenhuma curva, enjoo ou cansaço, só um brilho estranho de que algo diferente estava acontecendo. Bem, isso e a ausência de menstruação. Jack ficou feliz assim que soube, enquanto eu passei dias debatendo como poderia ser mãe se não lembrava direito da minha e fui criada por um monstro. Meu marido tinha esse senso paterno inato de seus pais, que estavam igualmente

empolgados para ensinar os netos a navegar.

O primeiro exame foi ainda mais assustador: dois bebês, mas optamos por não saber o sexo. Era esmagador gerar uma vida e chorava por coisas bobas. Jack me abraçava todas as vezes, dizendo que seria uma mãe maravilhosa para nossos gêmeos. Eu sempre cuidei dele e de Victoria, e saberia o que fazer quando chegasse o momento. Com os dias passando e o costume com a ideia de ser mãe, me acalmei. Sabia o que não fazer, o que deu errado, do que sentia falta. Eu queria uma família, e ela cresceria em poucos meses. Podia ser diferente se eu quisesse.

— Vamos procurar o pessoal! — pedi para Jack, segurando-o pela mão.

— Ei, espera... — ele falou, trazendo-me de volta para seus braços. — Já disse que te amo hoje?

— Não me incomode em ouvir de novo — respondi com um sorriso, pensando em nós dois e em tudo o que aconteceu até chegarmos naquele momento.

— Eu te amo, amo nossos pequenos feijões, amo isso tudo.

— Eu também amo você, meu amor. Mas agora nossos feijões precisam se alimentar. Que tal uma comemoração com algum lanchinho? Prometo ficar sentada e não te preocupar com meus saltos — expliquei e Jack soltou uma gargalhada, me perdendo em seus olhos amorosos naqueles poucos segundos.

— Mulher, você ainda vai ser minha morte!

FIM

Deixe seu comentário na página da Amazon, é muito importante e me ajuda a publicar cada vez mais! [Clique aqui para deixar uma avaliação de “Jack – Amor Inevitável”.](#)

Leia “Logan – Sempre Foi Você”, o terceiro livro da série

Logan e Emma sempre foram melhores amigos, mas uma farsa pode mudar tudo.

O irmão mais novo dos Hunt está em uma encruzilhada: para fechar um negócio, ele precisa ser um homem de família e deixar sua vida de *playboy* de lado. Emma Sanders, sua melhor amiga, finge ser sua namorada em um final de semana na cidade do pecado. Mas o que acontece em Vegas fica em Vegas? Logan precisa encarar a verdade: ele deseja sua melhor amiga e a quer em sua cama, mas essa paixão será suficiente para transformar amizade em amor?

PRÓLOGO

Logan aos 7 anos

— Tomara que seja um menino – desejei enquanto Jason, Matt e eu olhávamos para o carro do novo vizinho estacionado.

Os quintais eram grudados um ao outro por uma cerca baixa, sendo possível observar tudo o que acontecia na garagem ao lado. Os novos vizinhos se apresentaram para mamãe, mas nem eu, nem meus irmãos

estávamos em casa na hora. Ela disse que eles tinham um filho, e nós três estávamos curiosos sobre o novo menino da casa ao lado.

— Vamos lá ver! – Jason, meu irmão mais velho, ordenou e caminhou a nossa frente, tomando liderança. Como eu era o irmão mais novo, estava sempre indo de um lado para o outro com ele e Matt, dois mandões que se aproveitavam da nossa diferença de idade em alguns anos.

A primeira coisa que vimos ao chegar mais perto foi um homem barrigudo e uma mulher loira levando caixas para dentro da casa. Matt passou à nossa frente e parou abruptamente, como se tivesse sido surpreendido. Quando olhei na direção de meu irmão, lá estava ela, a poucos metros de distância: loira, duas tranças, vestido rodado. *Era uma menina.*

— É uma menina! – Matt gritou para nós, dando a volta para casa como se tivesse perdido o interesse em nossa exploração.

— Oi! Me chamo Emma! – a garota disse empolgada e correu em nossa direção.

— Argh! – Matt gemeu e correu para dentro, enquanto a garota acompanhava meu irmão com o olhar.

— O que ele tem?

— Ele não quer brincar com meninas, nem eu quero – Jason declarou igualmente chateado e correu para dentro, atrás do nosso irmão do meio.

— Você também não gosta de meninas? – ela me perguntou, enquanto eu continuava ali parado, observando suas tranças com vários fios soltos, como se ela fosse incapaz de manter a imagem de garotinha de comercial de televisão. Ela não parecia combinar com as roupas muito limpas ou um penteado impecável.

— Está tudo bem – anunciei e dei de ombros.

— Por quê? – a garota questionou, curiosa.

— Eu sou o mais novo e eles gostam de pegar no meu pé. Quantos anos você tem?

— Seis.

— Eu tenho sete. Acho que você pode ser minha amiga... – declarei e ela me abriu um sorriso desdentado. Encarei-a por alguns segundos e lembrei-me de algumas meninas da escola com suas bonecas esquisitas na mão. Isso era importante. – Mas não quero brincar de boneca.

— Não brinco só disso – ela explicou muito séria, como se eu fosse um idiota por achar que ela só brincava de boneca. — Juro que deixo você brincar com meus dinossauros se não for um bobo.

— Eu não sou bobo, você que é boba! — respondi irritado. Para encerrar o assunto, dei alguns passos até ela e puxei uma das suas tranças. Grande erro.

Emma me olhou irritada, suas bochechas ficando vermelhas, e me

empurrou com força, fazendo-me cair para trás. Soltei o ar pela queda. Sem esperar, a garota pulou sobre mim, esfregando meu rosto contra a grama. Agradecia silenciosamente por Jason e Matt terem ido embora; do contrário, seria uma humilhação ainda maior.

— Não vai brincar com meus dinossauros, seu bobão! — ela gritou ao se levantar e entrar correndo dentro da nova casa. O que aprendi nesse dia? Não deixar Emma irritada.

Emma aos dez anos

Papai estava gritando com a mamãe de novo e isso me dava medo. Estava escuro e, apesar de abraçar Bolinho, meu urso de pelúcia, não conseguia mais dormir. Logan estava perto daqui, dormindo em seu quarto. Ele era meu melhor amigo, mesmo que seus irmãos fossem irritantes comigo. Por que papai e mamãe não podiam ser como os pais de Logan? Eles beijavam, abraçavam e nunca estavam zangados como meus pais. Um dia almocei na casa de Logan e derrubei o suco na mesa. Levantei-me foguete e me encolhi no canto da sala, esperando que comessem a gritar comigo. A mãe de Logan perguntou se eu estava bem e pegou panos para limpar. Foi isso.

Abri minha janela e olhei a distância que deveria andar para chegar até

Logan. Ele dormia no andar de baixo, assim como eu. As casas eram tão parecidas que sabia que não me perderia. Decidida, enrolei-me em um casaco, peguei Bolinho e pulei a janela com cuidado. Não conseguia sozinha, mas com a ajuda de uma cadeira, ultrapassei os grandes vidros sem fazer barulho. Meus pais ainda gritavam, e fiz esforço para não fazer barulho ao puxar o móvel e chamar atenção. Se eles me pegassem, teria um belo castigo. Meu pai me bateria, e doía muito. Na semana anterior, esqueci minha mochila na sala, e ele me bateu tão forte com o cinto que as manchas roxas ainda apareciam em minhas pernas.

Quando meus pés tocaram na grama, corri como um raio. Qualquer coisa poderia me pegar aqui fora. Stacey da escola foi mordida por um cachorro e conseguiu uma bela cicatriz. Poucos segundos depois, cheguei até a janela de Logan e empurrei, mas ela não abriu. *Ai, droga.* Estaria encrascada se alguém me achasse do lado de fora.

— Logan, abre! — sussurrei o mais baixo que consegui enquanto batia levemente na janela.

— Quem está aí? — meu amigo perguntou com uma voz de sono.

— É a Emma, abre — respondi e, em poucos segundos, Logan abriu a janela tão rápida que quase acertou minha cabeça.

— O que você está fazendo aqui?

— Me ajuda a entrar! — pedi e joguei meu corpo para dentro do quarto. Entre nós dois, consegui não cair para dentro do cômodo e fazer um barulho que chamaria a atenção dos pais de Logan.

— Emma, sua mãe vai brigar com você! – ele me disse sério, tentando olhar em direção a minha casa.

— Eles estão brigando, Logan. Posso dormir aqui?

— Emma, mamãe vai brigar com a gente!

— Uma aventura. Só hoje. Por favor! — implorei.

— Tudo bem! Mas se pegarem a gente, eu vou comer sua merenda por uma semana! – ele anunciou, e estendi minha mão, satisfeita para fazer o acordo. Logan apertou selando nosso combinado. Em seguida, corri para a cama dele, me deitando perto da parede.

— Boa noite, nariz de batata – falei em um bocejo.

— Boa noite, dentuça. Não esquece a merenda – ele disse se arrastando para a cama pequena e deitando-se a meu lado, puxando o lençol.

Logan aos 14 anos

As coisas se tornaram confusas de repente, de uma semana para outra. Emma sempre foi minha amiga – minha melhor amiga –, mas não consigo

tirá-la da cabeça. Ela sorria, e me dava vontade de sorrir junto; ela falava comigo, e eu não sabia o que dizer. Era um problema quando nós dois sabíamos mais um do outro do que qualquer outra pessoa. Ela tinha reparado, e mais de uma vez tive que inventar uma desculpa qualquer: dor de cabeça, dor de estômago, culpa dos meus irmãos.

Fazia duas semanas que tinha virado um desajeitado que não conseguia conversar com Emma e sentia uma parte do corpo “acordar” apenas de vê-la. Foi esquisito nas primeiras vezes, quando acontecia com coisas aleatórias, mas Jason disse que era normal ficar com o pau duro por qualquer motivo. Acontecia isso o tempo todo com a televisão, revistas, internet. Aos 14 anos e com dois irmãos mais velho, era óbvio que sabia sobre ereções, masturbação e ter tesão. O problema era outro. Até duas semanas, as garotas eram desconhecidas: meninas da escola, estranhas que via na rua, alguma atriz de televisão. Elas não eram Emma, que dormia comigo praticamente todas as noites.

Emma estava incomodada com a minha “mudança”, mas até o momento consegui fingir que nada estava acontecendo. Através das janelas da sala, podia vê-la parada na minha varanda, tão bonita com seu vestido, e meu coração se apertou – assim como outras partes. *Droga.*

— Mãe, o Logan está apaixonado! — Matt gritou ao meu lado, tirando-me dos meus pensamentos. Eu detestava ser o irmão mais novo. Matt era um ano

mais velho e tentava encher o saco de todos os jeitos possíveis. Jason arranhou uma namorada e já não tinha tempo para ele, o que me fez virar o alvo favorito de Matthew Hunt.

— Não estou, não!

— Por que você parece um cachorro abandonado olhando a Emma parada aqui na varanda? Vai lá com a sua namoradinha!

— Você está apaixonado? — minha mãe perguntou, deixando de lado o que estava fazendo na cozinha e caminhando até nós dois parados na porta. *Meu Deus, Emma poderia ouvir aquilo tudo!*

— Quem está apaixonado? — meu pai questionou também, sendo atraído para a sala pelo barulho.

— Não estou apaixonado! — declarei olhando para todos, que agora pareciam fazer parte da Inquisição.

— Aparentemente, Logan está apaixonado por Emma — minha mãe explicou para meu pai com um sorriso, ignorando minha frase anterior.

— Achei que isso iria acontecer, mas não assim tão rápido.

— Vai lá falar com a sua namorada! — Matt provocou novamente.

— EU NÃO TENHO NAMORADA! — gritei.

— Acho que se você falar com ela, vai ter uma — minha mãe concluiu e deu de ombros com um sorriso, como se aquele assunto tivesse encerrado.

Por Deus... Minha família podia enlouquecer qualquer um.

— Ahhh! – gemi e caminhei para a porta, onde uma Emma que graças a Deus não ouviu nada da conversa me esperava.

Emma aos 15 anos

Ele tinha uma namorada.

É óbvio que isso aconteceria algum dia. Logan era lindo. Não sei como me sentia sobre isso. Ele me contou pela manhã, e até o momento não consegui digerir bem a informação. Nos últimos dois anos, Logan passou de meu melhor amigo para meu melhor amigo que às vezes não tem tempo porque está com alguma menina, mas ele nunca tinha tido uma namorada oficial. As palavras ainda estavam grudadas em minha cabeça. Ele parou do meu lado na entrada da escola com os braços ao redor de Abby Larson. Ela estava implicando comigo desde que se interessara por Logan, mas eu não iria falar isso para ele.

— Emma, acho que você conhece a Abby, certo? Ela é minha namorada.

— Sim, nos vimos por aí. Eu... eu preciso ir – anunciei, querendo me afastar dos dois. Me sentia... ferida.

Meu coração se apertou. Senti como se lágrimas quisessem escorrer dos

meus olhos e corri para dentro da sala, onde estaria longe de Logan e Abby. Pelo resto do dia, acenei pelo corredor para os dois, enroscados em um abraço, e meu amigo parecia ocupado demais com a nova namorada para saber que algo estava errado. Horas depois, deitada em minha cama e girando de um lado para o outro, precisei admitir: me apaixonei por Logan, meu melhor amigo, e agora com uma namorada. Estava em uma enrascada daquelas.

Logan aos 17 anos

Achava que Benjamin Dawson era uma fase, mas ele veio para ficar. Emma namorava o idiota há mais de um ano, e eu não conseguia gostar dele. Sei que tem a ver com o que sentia – e não sentia – por ela, mas ia além disso. As coisas só foram complicando conforme crescia: queria estar com ela, mas só colocaria mais lenha na fogueira. Mais do que um namorado, Emma precisava de um amigo, alguém que sempre estivesse ali. Eu estava desde sempre. Não queria perdê-la, principalmente em um momento tão delicado.

Ela continuava a dormir comigo quando as coisas apertavam em sua casa, e eu poderia postar que Ben não sabia de nada: nem de suas escapadas para

minha cama, nem do ambiente ruim de sua família. Emma raramente falava sobre o que acontecia entre seus pais, mas nas madrugadas em que ela pulava a janela e se aninhava em meus braços, sabia que as coisas estavam ficando piores. Eu dei para Emma uma cópia da chave da porta, mas ela continuava seu caminho clandestino com medo de encontrar meus pais ou algum dos meus irmãos e eles pensarem o pior.

Durante alguns meses naquele primeiro verão, quis me declarar para Emma, mesmo sem saber como agir com qualquer garota. Mas suas escapadas se tornaram frequentes e percebi que ela precisava de mim mais do que eu precisava dela. Foi como “elas” chegaram. Junto a meus irmãos, nós nos tornamos uma espécie de fetiche da escola. Tive que aprender a me equilibrar entre as garotas e Emma – e nunca escondi de ninguém que ela sempre seria minha prioridade. Abby, por exemplo, não durou muito quando quis me impedir de falar com Emma.

— Você não é mais virgem, não é? — ela me perguntou certa vez enquanto voltávamos da escola.

Ben treinava futebol depois da aula, e não tinha motivos para ela esperar para voltar para casa. Desde que passei a dirigir, dava carona para Emma tanto na ida quanto na volta.

— Não sou.

— É diferente?

— Como assim?

— Um namoro. É diferente antes e depois do sexo?

— É — suspirei e agarrei o volante, jogando o carro para uma calçada na primeira oportunidade para estacionar. Encarei Emma, que fugia dos meus olhos, envergonhada. — Você está pensando em fazer com o Ben?

— Ele quer, diz que a gente precisa.

— Se você não quer, você não faz — expliquei, irritado. Se esse merda tentasse forçar Emma, ele se veria com meus punhos.

— Mas e se ele procurar outra garota?

— Você termina, porque ele é um babaca. Ninguém pode te forçar a nada, Emma. — Ela sorriu de leve. — E se ele procurar outra, você me avisa, porque vou querer bater no desgraçado.

— Logan!

— Ninguém machuca você, dentuça.

— Eu coloquei aparelho – ela se defendeu.

— Mas nunca vai deixar de ser minha dentuça — respondi e dei um abraço nela, puxando-a para meus braços. Quando meu coração começou a bater descompassado, me afastei.

— Que bom que você não fez uma cirurgia plástica, não é, nariz de batata?

— Como você ousa? – declarei e senti meu sorriso morrer nos lábios, ainda encarando Emma até ela perceber que a conversa era séria. — É sério. Se você não quiser, ele vai ter que esperar.

— Não sei se eu quero. Quero, mas não quero... – Emma explicou e deu de ombros.

— Se decida, ok? Se decida e não deixe ele decidir por você.

Emma sorriu leve e balançou a cabeça. Dei a partida no carro novamente e continuamos o caminho em silêncio. Era o mais natural. Não esperei por Emma e sabia que ela também não me esperaria. Sabia que o idiota transaria com minha garota a qualquer momento. Meu peito doía pela possibilidade.

Emma aos 17 anos

Com o último ano da escola chegando ao fim, sentia que um ciclo se encerrava em minha vida. Poucos meses até deixar de ser o saco de pancadas do meu pai. Planejei os últimos momentos em detalhes: cada dinheiro que consegui como monitora da faculdade me ajudaria a sair mais rápido de casa. Estava sempre em empregos de meio-período, monitoria ou bolsas que me ajudassem a me estabelecer bem longe dos Sanders.

As coisas ficaram piores depois dos meus 12 anos, quando meu pai me bateu de verdade pela primeira vez. O que eram tapas ou batidas de cinco se tornaram punhos e dor. Minha mãe era xingada e pagava na mesma moeda. Uma guerra verbal que aprendi do pior jeito possível a não me envolver: ao tentar defendê-la, ganhei um soco no estômago. Foi o início de tudo. Quando minha mãe desistia de lutar, meu pai me procurava disposto a descarregar suas frustrações em mim. Assim que ouvia barulhos, pulava a janela, porque quase sempre meu pai estava bêbado e não lembrava que eu não estava lá.

Não sabia a história dos meus pais. O distanciamento entre nós não me permitia perguntar. Por fotos, sabia que Annette, minha mãe, era uma mulher linda que um dia se casou com Joseph, meu pai, e que tiveram apenas eu como filha. As fotos sorridentes não contavam nossa verdadeira história. Durante os primeiros anos da minha vida, passei de babá em babá enquanto meus pais trabalhavam fora. Uma crise levou boa parte dos fundos dos meus pais e mudamos para Los Angeles, onde ele comprou a grande residência para manter as aparências para investidores que frequentavam nossa casa.

A cidade era uma nova chance para meu pai no ramo imobiliário, que entrava e saía em negócios com rapidez. Minha mãe conseguiu um novo emprego como assistente administrativa. Mas a decepção das contas vencendo e dos negócios naufragando se tornaram brigas e agressões. A cada sócio que se retirava ou contrato que dava errado, minha mãe recebia a

frustração em punhos.

Quando as agressões começaram, conversei com minha mãe, mas ela parecia conformada com nossos “problemas de família”. Pensei em contar para Logan, mas o que ele faria? Talvez fosse levada para algum abrigo e nunca mais veria nem ele nem sua família. Sei que os Hunt percebiam que eu passava horas demais na casa deles, mas todos eram educados demais para apontar isso.

— Mãe! Cheguei! – anunciei olhando para o relógio e gemendo por já passar das dez. Tive uma sessão de monitoria na casa de um aluno que durou mais do que o normal. O pagamento pela hora extra valia a pena, mas ao mesmo tempo era perigosa na casa dos Sanders.

— Ela saiu, Emma— a voz pastosa de meu pai me saudou.

Senti minha espinha gelar e minha respiração acelerar com o medo. Era um daqueles dias. Meu pai veio rápido em minha direção, puxou meu cabelo e me jogou contra a parede sem dizer nada. O gosto de sangue invadiu minha boca pelo lábio cortado pelo impacto.

— Pai...

— Ela saiu e te deixou aqui, Emma.

— Pai, me solta... – supliquei, e ele puxou meu cabelo ainda mais forte.

— Onde você estava? Está tarde, estava com um homem?

— Pai, sou monitora, lembra? Estava com um aluno — Eu tinha lágrimas não derramadas na minha voz. Estava doendo muito.

— Sua mentirosa de merda – ele rugiu e seu punho acertou meu rosto com força. Cai para trás em cima do meu braço e senti o músculo reclamar. Teria hematomas por todos os lados novamente. Quando tentei recuperar minha respiração, ele me puxou para cima novamente, me trazendo para perto.

— Me traz outra cerveja, Emma. Não demore.

Ele me empurrou em direção a cozinha, quase me fazendo cair de novo. Recuperei meu equilíbrio e ajeitei-me com delicadeza sentindo meu corpo dolorido. Caminhei lentamente até a cozinha e abri a geladeira testando meus movimentos. Por trás da porta do eletrodoméstico, procurei meu pai e o vi parado na sala, os olhos vidrados em outra direção. Era a chance que eu precisava. Ainda devagar abri a porta da cozinha sem fazer barulho e fechei-a com cuidado. Quando pisei na grama, corri mesmo com meus membros reclamando da dor em busca do meu porto seguro. Abri a janela de Logan, pulei para dentro e a tranquei com a respiração acelerada.

Olhei ao redor, para o quarto vazio. Era algo comum no último ano. Logan já estudava em Berkeley e ia e voltava dirigindo apesar do cansaço. Várias vezes dormia no apartamento de outras pessoas. Outras mulheres. Desconfiava que ele permanecia na casa apenas por mim, mas eu preferia evitar a conversa que levaria a confessar o inferno que passava. Logan não

trazia mulheres para a casa dos pais, muito por respeito a eles, mas também por respeito a mim. Eu não entraria se isso significasse que poderia pegar ele transando com outra pessoa.

Assim que a adrenalina baixou, deitei na cama de Logan e tentei me mexer o menos possível. Todo o meu corpo doía e queria chorar. Eu teria marcas pelo meu rosto, sentia o sangue em minha boca. Já fazia muitos anos desde que tivera um dia tão ruim quanto esse, não podia me lembrar de agressões que não conseguisse esconder com roupas ou maquiagem. Qualquer um que me visse agora saberia o que tinha acabado de acontecer.

— Ei, você está bem? – a voz suave de Logan me perguntou. Ele segurava um copo de água e usava uma calça de pijamas. Era uma das noites que meu amigo retornava e percebi a sorte de tê-lo como consolo.

Soube o momento exato que ele viu através da escuridão e colocou o copo de lado, sentando-se ao meu lado como um foguete. Seus dedos leves tocaram o inchaço do meu rosto, e eu sabia que pioraria com as horas seguintes. Logan ligou a luz do abajur e me encarou por um longo momento, seu maxilar cerrado como se estivesse irritado.

— Foi ele que fez isso com você? – ele perguntou. Nós nunca falamos sobre isso, mas não poderia negar. Meu corpo estava coberto de hematomas e sentia uma dor infernal no braço.

— Foi — sussurrei com o queixo tremendo.

— Eu vou matar o desgraçado.

— Logan...

— Onde dói? Você está sangrando. Nós precisamos ir para o hospital – ele perguntou tateando minha pele como se precisasse comprovar ele mesmo se eu estava bem.

— Logan... — sussurrei, minha garganta se fechando e as lágrimas escapando contra minha vontade – Estou bem... só preciso... sou menor de idade...

Ele me examinou e deitou-se ao meu lado, ajeitando-se atrás de mim e me envolvendo em seus braços com cuidado. Logan era grande e tentava ser delicado para não me machucar.

— Vai ficar tudo bem, dentuça – ele sussurrou e deu um beijo leve na minha testa. O gesto singelo incendiou meus sentimentos, fazendo-me chorar por tudo que aconteceu naquele dia. Por tudo que aconteceu durante todos aqueles anos.

— Preciso de uma boa explicação – a voz de James, pai de Logan, me

acordou.

Em algum momento da noite, Logan me ajudou com os machucados, limpou o corte da boca e colocou remédios nos hematomas do meu braço e rosto. Continuei a negar o hospital. Faltava tão pouco para fazer 18 anos sem envolver autoridades... Ele foi delicado, mas parecia tão horrorizado que eu sabia que meu rosto estava disforme. Depois de tomar um analgésico, virei para o lado e voltei a dormir. Conforme fomos crescendo, nos adaptamos à cama pequena de Logan e dormíamos quase em cima um do outro. Era como se tocá-lo fosse minha canção de ninar favorita. Quando Logan fez 15 anos e ganhou uma cama de casal, nós já tínhamos o hábito independentemente do espaço no colchão.

Eu sabia que, para James, a imagem de dois adolescentes na cama parecia algo íntimo, mas para nós era apenas o jeito mais confortável de dormir.

Sentei na cama e virei em direção à porta. Além de James, Ava, a mãe de Logan, estava parada na porta.

— Oh, querida, o que aconteceu com você? — Ava perguntou, seu ar de severidade derretendo em seu rosto assim que examinou meus hematomas. Ela correu para mim, se ajoelhando ao meu lado ao mesmo tempo que Logan se levantava com um bocejo.

— Eu... Meu pai... — tentei explicar, mas as lágrimas insistiram em

escorrer novamente.

James olhava para Logan e para mim com preocupação, enquanto Ava examinava meu corpo tentando mapear meus machucados na luz da manhã. James tinha uma expressão furiosa como a que Logan me deu.

— Seu pai fez isso com você, Emma? — James perguntou com seriedade.
— Você sente alguma dor?

— Logan cuidou dos machucados. Não quebrei nada, não preciso de hospital.

— Que horas ela chegou aqui, Logan?

— De madrugada.

— E por que não nos chamou? — Logan se manteve em silêncio, fugindo do olhar de James, e seu pai completou parecendo entender algo. — Há quanto tempo você dorme aqui quando coisas assim acontecem?

— Logan nunca me viu desse jeito. Quando ele me bate, eu não venho aqui.

— Ele fez algo desse tipo antes? Porra, Emma! Eu pensei... — Logan protestou com raiva, levantando-se da cama. Ele falava sério sobre matar meu pai.

— Calma, filho, vamos resolver isso — disse Ava.

— Ela vem aqui há anos, mas achava que ela fugia quando eles

começavam a brigar, não que ele batia nela. Esse desgraçado de merda...!

— Olha a boca – James censurou, e eu dei um sorriso leve por isso.

— Pai, não é o momento.

— Vou chamar a polícia, cuidem dela.

— Não, senhora Larson, por favor! — gritei.

— Emma, precisamos fazer algo!

— Se prenderem meu pai, vou ser mandada para um abrigo. Minha vida é toda estruturada, tenho um emprego, tenho vocês... não quero perder isso. Em cinco meses, vou fazer 18 anos, tão perto de poder sair...

Três rostos me encararam, ponderando a questão. O pai de Logan foi o primeiro a falar, suspirando em derrota:

— Ok, mas eu tenho algumas condições, tudo bem? Daqui por diante, você tem um quarto. Jason está na faculdade, e você pode dormir lá. Prefiro que venha todas as noites, pode ser? Aparentemente você é uma especialista em entrar e sair sem ser notada. — Concordei levemente com a cabeça. Meu pai e mãe nunca perceberam, nem perceberiam minhas saídas noturnas. — Quero receber mensagens suas o tempo todo. Se a cada meia hora você não enviar nada, entro naquela casa e sabe lá Deus o que eu vou fazer com aquele homem. Estamos claros?

— Sim, senhor Larson.

— E eu imaginei que teria outra conversa quando vi você dormindo aqui...
— ele concluiu e nos deu um olhar enigmático.

— Pai! — Logan protestou.

— Preciso dessa conversa também, Logan?

— Não, pai, já tivemos. Sexo seguro, camisinha... lembra?

— Logan! Não, senhor e senhora Larson, juro que não tem nada disso. Tenho namorado, Logan é meu amigo — expliquei e recebi um olhar engraçado de Ava e James.

— *Friendzone*, meu rapaz. Você precisa agir — James respondeu, segurando o riso.

— Vamos precisar falar sobre contraceptivos, Emma? — Ava questionou.

— Mãe, pare de envergonhar ela.

— É um papo necessário, Logan. Quando seu pênis entra na vagina de alguém, os dois precisam estar informados. — Sorri levemente apesar do assunto constrangedor. Eles eram muito afetuosos, mesmo quando tentavam implicar com Logan.

— Conversei com uma enfermeira do colégio, senhora Larson. — Ri sem graça — Preciso voltar para casa e trocar de roupas.

— Você está bem com isso? Ele vai fazer alguma coisa?

— Ele acorda e não se lembra de nada. Ele vê as marcas e pede desculpas.

— Eu suspirei. — Pela hora, aposto que ainda está dormindo.

— Nos mantenha informados. E lembre-se de trazer coisas para dormir — disse Ava.

— Vai ser um ano agitado.

— Mas vai valer a pena. Você faz parte dessa família, Emma. Não se esqueça —o pai de Logan falou.

Logan aos 18 anos

Assim que coloquei a chave na porta, percebi que tinha alguém na minha casa e, pelo tamanho do apartamento, ia descobrir logo. Depois que Emma ganhou seu quarto na casa os Larson/Hunt, decidi procurar um apartamento perto da faculdade. Vivia exausto pela distância, mas sentia que deveria voltar todos os dias caso ela aparecesse. Com Emma frequentando Berkeley como eu, ficar em casa já não era necessário. Conversei com meus pais e minha única exigência na busca por apartamento era algo com dois quartos: Emma sempre teria um lugar onde eu estivesse.

Um par de meses depois, consegui uma coisa minúscula com três ambientes pequenos que um dia chamaram de “moradia com dois quartos”. Emma ganhou uma chave e pareceu usá-la pela primeira vez desde minha

mudança – apesar de ter vindo ao apartamento algumas vezes e ter ajudado na mudança.

— Emma, você está bem? – perguntei observando-a sentada em minha cama.

Todo tipo de preocupações piscaram em minha cabeça ao observar suas lágrimas. O pai dela já não era um problema. Ele morreu semanas depois daquele episódio em um acidente. Eu pensava em justiça divina e não conseguia lamentar nem por um segundo, mesmo estando ao lado de Emma durante o velório e o enterro. Ela suspirava fazendo barulhos engraçados, com sua massa de cabelos loiros e o rosto inchado e vermelho de lágrimas – uma expressão parecida de quando tinha seis anos. Era estranhamente adorável.

— Ele terminou comigo – ela respondeu baixinho.

— Ben terminou com você?

— Ele... ele disse que vai se mudar. Ele agradeceu pelo meu tempo e foi embora. Eu nunca fiz parte do plano, Logan!

O desgraçado. Emma não o deixou saber sobre o que aconteceu com seus pais e, durante o enterro, foi a mim que ela procurou. Nossa ligação era mais forte do que a que ela tinha com ele, mas, mesmo assim, Emma era apaixonada por Ben. Ela parecia derrotada pela decisão do idiota, mas, apesar

de não querer parecer feliz, eu estava. O babaca esteve com ela durante os últimos anos e, sempre que me encontrava sozinho, tentava se gabar por estar com ela.

— Ei, ei... vem cá. — Deitei ao seu lado e puxei-a para meus braços. — Ele é um babaca. Se ele disse isso, o problema é dele. Você tem um grande ano pela frente. O nosso plano é o seguinte: hoje eu consigo alguma bebida ilegalmente, ficamos bêbados e falamos mal desse idiota. Se você estiver com humor, vamos dançar.

— Eu ainda não fiz 18 anos, Logan.

— Nenhuma carteirinha falsa?

— Nenhuma.

— Ok, já sabemos como comemorar seus 18 anos: vamos fazer uma. Agora, vamos beber e nos dedicar a falar mal da vida. E tem sorvete na geladeira, caso precise.

— E como você tem uma identidade falsa? – ela perguntou com um sorriso entre as lágrimas.

— Jason.

— Como assim “Jason”?

— Nós somos a cópia um do outro, Emms, e ele agora tem 21. Se pensar bem, nem falsa é a identidade.

— Logan!

— Olha o meu tamanho! Raramente alguém pede para verificar – completei e pisquei para ela. Emma ficou séria, como absorvendo meus traços, e de repente me vi preso na mesma onda magnética que sempre senti ao lado dela.

— Eu te amo, Logan. Você é o amigo mais maravilhoso que eu poderia ter – ela confessou e escondeu seu rosto em meu peito. Meu coração de apertou pelo “amor de amigo”, mas não era o momento. Deslizei meus dedos sobre seu cabelo, querendo confortá-la.

— Também te amo, dentuça. E é por isso que não quero ver você assim.

— Ele está mudando, e eu me sinto parada no mesmo lugar. Daqui a uma semana, faço 18 anos e tenho uma bolsa de faculdade, mas estou morrendo de medo. Como vou me manter? E se o dinheiro dos meus trabalhos acabar?

— Tenho uma proposta. E antes que você reclame, ouça ela inteira, tudo bem?

— O que é?

— Vem morar comigo.

— Você está maluco? Seus pais...

— Quando procuramos um apartamento, quis algo de dois quartos já esperando esse momento. Passei o último ano em casa por isso. Eu sei,

desculpe por não falar... Mas somos um time, Emma, e você, mais do que ninguém, deveria saber disso.

— E você acha que vamos caber aqui?

— Nos dois cômodos, cabem camas de casal. Só a cama, mas é um começo. Se acumularmos todo o resto na sala, acho que dá. — Eu ri. — Vamos dar o nosso jeito, senhorita. É uma ordem. Você olha minhas costas, e eu as suas.

— Você tem muitas mulheres olhando as suas costas, Logan. Elas não vão gostar da minha presença aqui.

— E o que importa a elas? Juro não implicar com seus caras, e você terá uma vida doce como uma colher de açúcar.

— Não sei o que seria de mim sem você, Mary Poppins.

— Você vai ver quem é Mary Poppins! — ameacei e girei meu corpo, fazendo cócegas em Emma. Ela começou a gritar e rir ao mesmo tempo, se contorcendo contra mim.

— Para!

— Só se você retirar o que disse.

— Eu retiro, eu retiro! — ela falou sem ar, tentando me afastar enquanto meus dedos ainda cutucavam suas costelas.

— E me chamar de “senhor pauzão”!

— Looogan!

— “Senhor pauzão”. Diz!

— Senhor nariz de batata, sai de cima! — Ela me empurrou, apertando minhas bochechas com força, como ela sabia que vovó fazia e eu odiava.

— Ok, paramos os dois! — Caímos cada um no lado da cama, ainda rindo sem fôlego. Ao menos Emma parou de chorar. Aquele babaca não merecia as lágrimas dela.

— Se eu não casar com ninguém até os 30, você me daria a honra de ser meu esposo? – ela perguntou, olhando para mim.

— O quê? — *De onde veio isso?*

— É sério. Não quero morrer sozinha, e você é a melhor companhia que tenho há anos. Sei o que esperar de você, eu te amo, amo sua família. Sem contar que teríamos filhos lindos.

Meu sorriso se congelou em meus lábios e suei frio. *De onde saiu isso? Filhos... Teríamos que transar primeiro... Merda, ela não pode ver minha ereção!*

— Ei, alguém andou pensando muito a respeito disso — anunciei e puxei uma almofada para o colo, escondendo o “lugar estratégico”.

— Pense sobre isso. Sem surpresas, sem dramas.

Fazia sentido. Ela era a mulher mais constante na minha vida que não

tinha meu sangue nas veias. Conhecíamos as manias um dos outros, o que gostávamos e deixávamos de gostar, o que nos fazia felizes.

— Acho que temos um acordo, garota.

— Não vai acontecer, você sabe, não é? Aos 30, espero já ter dado um sobrinho a você.

— Vou me lembrar disso, pode deixar. Vou inclusive interromper a cerimônia para anunciar o nosso acordo.

— Logan!

— Tempo da cerveja — interrompi levantando-me da cama. Não tinha mais ânimo para discutir nosso “futuro”. — E quando voltar, vamos discutir como pegar suas coisas para quando você tiver 18 anos e um minuto já esteja morando aqui.

— Isso é um acordo, homem.

— Vamos a isso, mulher.

CAPÍTULO 1

Emma

10 anos depois

Apenas Logan conseguiria me arrastar para Las Vegas durante minha semana de folga. Ele precisava de companhia para um evento de mídias que estava acontecendo na cidade – e onde ele iria assinar um contrato importante para a Hunt Enterprise. Logan e os irmãos estão se esforçando para conquistar a conta e expandir os negócios da empresa além dos Estados

Unidos. Meu papel era importante por um fato curioso. Quando meu amigo chegou ao Reino Unido para reunião com Emmett Stewart e a UKC Comunnication, descobriu que eles odiavam tudo a respeito da Hunt Enterprise: donos jovens, solteiros e com a aparência de *bon vivant*.

Eu era sua “namorada de mentirinha” pelos próximos dias. Tentando se mostrar estável, Logan me trouxe a tiracolo para ter um equilíbrio entre os executivos casados e com filhos. Conhecia Logan há mais de duas décadas, e ele era meu melhor amigo desde então – e, em muitos desses anos, fui apaixonada por ele como mulher. As coisas só não eram para acontecer, então era curioso que nós finalmente passássemos de amigos para namorados através de um engano.

— Finalmente você chegou, achei que tinha desistido! — Logan gritou e se aproximou de mim no aeroporto. Fiz um voo ruim e estava descabelada pela soneca no avião. Logan, pelo contrário, estava na cidade quente há dois dias e parecia fresco e alinhado. Sempre odiei isso nele.

Assim que chegou perto de mim, Logan me puxou para seu peito, me abraçando apertado. Eu era alta, mas ele tinha o dobro do meu tamanho a contar os muitos centímetros de diferença entre nós e seus músculos definidos.

— Reclame enquanto pega minha mala — expliquei e joguei minha bolsa em sua mão. — A viagem foi uma droga e estou cansada.

— Tudo bem, só temos um pequeno problema: tem um coquetel marcado para hoje à noite, namorada querida – Logan respondeu e colocou minha bolsa em seu ombro. *Um maldito coquetel.* Fiz uma pequena mala esperando comprar algumas roupas na cidade, afinal Las Vegas era um ótimo lugar para conseguir um visual fabuloso. Como resultado, tinha um par de peças que não combinavam em nada com um coquetel.

— Já vamos começar hoje?!

— Sim. Coloque uma roupa bonita, sorria um pouco e prometo que vamos dormir cedo.

— Tudo bem — concordei, enquanto Logan nos guiava para fora do aeroporto. — Como estamos até agora?

— Bem, Emmett gosta de mim, ou do meu trabalho que rende alguns milhões. Estamos bem nos últimos dois dias, mas temos mais dois pela frente.

— Isso é uma besteira, você sabe, não é? Ter uma namorada não influencia sobre quão bom funcionário você é.

— Emmett é um daqueles velhos conservadores que, como você mesma me indicou, não valoriza mulheres, porque acha que elas não são capazes e que deveriam ficar em casa. Ele está em uma queda de braço pelas coisas mais bobas e não para de falar sobre como não entendo nada se não tiver uma

família para cuidar.

— Isso é uma idiotice. E ele é um idiota se não consegue ver um bom negócio por trás de toda essa coisa do contrato. Além disso, é um misógino.

— Você não entende, Emma...

— Claro que entendo. Essa sua veia competitiva me irrita há duas décadas. Você quer o acordo e vai fazer de tudo para conseguir, até mesmo aguentar esse velho preconceituoso – bufei em resposta.

Nós entramos em um táxi que nos levou para o hotel. Apesar de ofuscada pelas luzes da cidade, não prestei muita atenção ao que estava vendo. Se tudo desse certo, passaria dois dias aqui e teria o resto da semana para mim. Meus planos envolviam voltar para casa e passar o resto do tempo na praia até virar um pimentão malpassado.

— O que preciso saber?

— Como assim? — Ele me olhou confuso.

— Essas coisas que namoradas devem saber, ué.

— Emma, você sabe o nome das pessoas com quem eu trabalho, conhece todos os meus hábitos, a cor das minhas cuecas, o nome dos meus pais. Acho que você está preparada – ele sorriu.

Logan nos hospedou em um ambiente duplo com dois quartos. Ao chegar ao hotel, fui direto para minhas acomodações. Me arrumei do melhor jeito possível e decidi por me manter no vestido vermelho que estava. Depois, encontrei Logan na sala interligada em um blazer preto e simples.

O tempo fez bem para ele. O homem estava lindo agora que chegava aos 30 anos. Logan não tinha traços infantis desde o meio da adolescência, mas sua beleza amadureceu com os anos. Ele e os irmãos eram grandes, com mais de 1,80m e ombros largos que sempre fizeram sucesso entre as mulheres.

Jason, Matt e Logan eram um trio moreno muito parecidos um com o outro e diferentes da mãe e do pai – no caso, o padrasto —, um casal de estatura normal e com pele mais clara. A diferença entre os três eram a cor dos olhos: Jason tinha olhos azuis brilhantes, claros como gelo; Matt, um verde escuro oliva muito parecido com o da mãe; Logan tinha olhos azuis acinzentados com tons de verde, que mudavam com sua natureza. Era meu preferido e um pouco inexplicável. Em alguns dias, poderia jurar que Logan tinha olhos verdes até notar que eram azuis, uma confusão de cores que combinava com as várias facetas do meu melhor amigo.

— Estou bem? — Perguntei e dei um giro ridículo para Logan ver meu vestido em 360 graus. Era curto e justo mas formal, como um dos que usava em eventos do meu trabalho. Eu me negava a ser uma contadora com roupas

de bibliotecária. Tinha um armário muito colorido, que disfarçava a diferença entre a palidez da minha pele e os cabelos castanhos claros quase loiros.

— Está ótimo. Você está ótima, querida. Vamos! — ele respondeu apressado. Olhei para o relógio do meu celular e entendi a pressa de Logan. Estávamos atrasados para o coquetel.

— As pessoas não vão reparar se você demorar um pouco a descer, Logan. Calma! Aprecie meu vestido.

— Emma, vamos! — Logan pediu em um tom sério, caminhando para a porta. Recolhi minha bolsa e caminhei atrás dele sabendo quão estressado e disposto a agradar o cliente ele estava.

Descemos até o bar do hotel e encontramos com os executivos e suas mulheres. Todos usávamos uma espécie de uniforme: homens de blazer sem gravata para dar a impressão que eram “sérios, porém descontraídos”, e as mulheres com tubinhos colados. Apesar de ser uma delas, eu era pessoa mais colorida do ambiente. Advogados precisavam superar o preto, branco e cinza.

— Esse é o motivo do seu atraso, Hunt? — um homem perguntou para Logan, enquanto caminhava em nossa direção.

Logan olhou para mim e levantou a sobrancelha como querendo provar um ponto por alguém ter reparado no nosso atraso. *Ah, por favor...* Pela descrição, parecia o tal cliente do Reino Unido. Aparentemente, ele não

gostava de contratar mulheres, mas adorava encará-las de forma desconfortável.

— Essa é Emma Sanders, minha namorada.

— Encantada, senhor Emmett.

— É um prazer conhecê-la, Emma. Preciso falar com Logan. Se reúna com as outras mulheres para falar sobre suas coisas. — Ele fez um movimento no ar como se aquilo explicasse o termo "coisas", levando Logan para a outra ponta do salão.

Era um babaca. Balancei minha cabeça em uma despedida e segurei meu humor para não discutir sobre como fui escorraçada como um cachorro.

— Você é namorada do Logan? — uma morena perguntou para mim assim que cheguei perto do bar.

— Sim, eu sou Emma.

— Me chamo Suzy, sou esposa de Adam. Você é nova nisso?

— Nisso o quê?

— Nessa coisa deles. Nos arrastam até aqui para depois nos largarem em uma mesa do canto – ela completou e apontou para um grupo de mulheres. — Essas são Barbara, Stella, Victoria e Micaella. Meninas, essa é Emma, namorada de Logan.

Ouvi um coro de cumprimentos seguidos de um silêncio constrangedor.

Centrei minha atenção no garçom que passou ao meu lado, pedindo uma bebida ao mesmo tempo que as mulheres continuavam a conversar entre elas.

— Logan foi fisgado, não é? Nosso menino prodígio vai parar de correr atrás de rabos de saia? — perguntou para mim uma mulher negra lindíssima e aparentemente sem expressão depois do excesso de botox. *Quem diabos são essas mulheres?*

— É... — comecei, tentando pensar em que tipo de resposta deveria dar e desistindo no meio do caminho. — Quem são vocês?

— Ah, sim. A Hunt mantém um escritório de advocacia externo para alguns casos que sempre está presente nas reuniões de negócio. Nossos maridos estão acompanhando as negociações.

— E vocês chamam o chefe de “menino prodígio”? — perguntei confusa, encarando as mulheres a mesa.

— Ele não é o chefe, querida. Quem manda é Jason, não é? Logan brinca um pouco ali, um pouco aqui. Trazer você é a prova disso — uma outra mulher de cabelos escuros completou.

— Não entendo o que está insinuando — questionei olhando para todas elas.

— Ah, vamos... Ele está tentando brincar com os adultos. Não me entenda mal. Logan é um menino perto de nossos maridos. Eles estavam muito

ocupados enquanto ele passava os últimos anos indo de mulher em mulher.

O quê? Que tipo de pessoas eram aquelas? *Deus, não faça isso mais torturante do que parece ser.* Eu precisava responder essas mulheres, então respirei profundamente e disse:

— Acredito que a companhia do marido de vocês não tenha ligação alguma com a UKC, certo? Porque até onde eu sei, o bônus para seus maridos por essa negociação vem da Hunt Enterprise, e Logan é um dos sócios. 33% até onde eu sei. — Fiz uma pausa dramática, dando um gole na minha bebida enquanto deixava as mulheres assimilarem a informação. Depois baixei o tom da minha voz como se fosse um segredo: — Sabe o quanto é isso?

— Não — Suzy hesitou, seu tom muito menos afetado do que antes.

— Isso significa que se ele quiser demitir o marido de todo mundo que está sentado nessa mesa, ele pode — completei e subi o tom da minha voz irritada antes de concluir: — Vamos ter mais respeito e não chamar Logan Hunt de “garoto prodígio pegador de mulher”, ok?

Levantei e permaneci a alguns passos delas, sentada no bar. Elas desviavam o olhar de mim, parecendo envergonhadas, e conversavam sobre outros assuntos, mas não me encaixei em nenhum deles. Elas não trabalhavam e me olharam com julgamento quando disse que não conseguiria

ser voluntária por ter um trabalho que me fazia ir ao escritório das 8h às 17h. O tom de voz voltou a ser afetado nesse momento, achando que eu era alguma ignorante que precisava ser lembrada de coisas como "Chanel é uma marca famosa, querida" ou "petit-pois uma espécie de ervilhas, querida".

Ao menos pararam de ser desrespeitosas com Logan. *A Hunt banca esse botox no rosto de vocês, pelo amor de Deus.* Eu queria jogar meu drinque na cabeça de cada uma daquele grupinho, mas achava que não seria diplomático.

— Emma, quer dançar? — Logan perguntou ao meu lado, chamando minha atenção. Não o vi voltar, distraída pela descrição de algum procedimento estético que mudaria “a vida de qualquer um”.

Ele me puxou para a pista de dança, e encostei meu rosto em seu ombro para evitar qualquer leitura labial. Nós estávamos acostumados um com o outro, então era fácil me distrair dançando lentamente com Logan ao mesmo tempo que reclamava dos últimos minutos.

— Essas mulheres são um inferno.

— Não pode ter sido tão ruim assim — Logan sussurrou no meu ouvido e seu tom de voz arrepiou os pelos do meu corpo. Sua respiração em minha pele me deixou nervosa.

— Em meias palavras, elas te chamaram de inconsequente, mulherengo, que está fora da liga dos maridos delas e que está perdido nesse encontro de

negócios.

— É? E o que você fez?

— Informei a elas que você era o chefe e que podia demitir todos os maridos. Elas pareciam envergonhadas... – eu dei um leve sorriso antes de continuar — ou estavam pensando em como a Hunt pagou suas aplicações de botox e tinham que parar de falar. Elas não têm expressão, não sei dizer qual das duas coisas é a verdade.

Logan pareceu tremer levemente como se estivesse tentando controlar o riso e me girou pelo salão, nos afastando ainda mais delas.

— E com Emmett, como foi? — perguntei.

— Bem. Ele não vai decidir nada agora, talvez ainda demore quando voltarmos para a Califórnia. Estou confiante de sair com um contrato cheio de anotações para ser aprovado por sua equipe de advogados.

— Já podemos sair daqui? – indaguei, esperançosa.

— Só estava esperando você perguntar.

[Continue a Ler “Logan – Sempre foi Você” clicando aqui.](#)

Karen Santos é o nome real de Katherine York. A autora parou de usar o

pseudônimo em 2021.

[Clique aqui para ler outros livros da autora](#)

Se inscreva na [minha lista de e-mails](#) e saiba das novidades em primeira

mão — [Saiba mais aqui](#). Me envie mensagem através do Instagram

<https://www.instagram.com/karensantosautora> e Facebook

<https://www.facebook.com/karensantosautora>

Proibida a cópia total. Cópia parcial apenas para resenhas. Todos os direitos reservados. License: All rights reserved. Imagem: Pixabay.